



Centro de Competência de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

**Relatório de Estágio sobre a intervenção pedagógica realizada nas Escolas Básicas do 1º
Ciclo com Pré-Escolar Eng. Luís Santos Costa e da Ajuda.**

Relatório apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Mestre Maria da Conceição Figueira de Sousa

Andreia Sá Freitas Rodrigues

Funchal

2013

“Tornar-se um professor é, basicamente, um empreendimento humano de crescimento pessoal e social.”

Fuller e Brown (citado por Ribeiro, 1989)

*Ao Valter, pelo encorajamento,
palavras e gestos de apoio,
sem ti nada disto seria possível.*

Agradecimentos

À Mestre Maria Conceição de Sousa pela orientação e apoio demonstrado, pelas palavras de estímulo e seus conselhos.

Ao Doutor Fernando Correia pela sua orientação ao longo da prática pedagógica no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Às crianças de ambos os contextos de intervenção pedagógica, sem as quais nada disto faria sentido e com os quais muito aprendi.

À minha família por todo o apoio, paciência e palavras de estímulo nos momentos mais difíceis deste processo.

Aos meus colegas de trabalho, pela disponibilidade, paciência e apoio revelado ao longo destes cinco anos.

À minha colega de estágio do 1ºCEB, pelo pela colaboração, partilha e apoio.

Às instituições que me acolheram e pela disponibilidade e incentivo;

À Professora Marta Freitas, por nos receber na sua sala.

Um especial obrigado à Educadora Maria Cecília Sousa pela forma como me acolheu na Sala Laranja, por partilhar comigo a sua experiência profissional e pessoal.

Aos profissionais convidados, pela sua disponibilidade em se deslocarem às instituições e pelos conhecimentos que partilharam.

A todos aqueles que direta ou indiretamente me apoiaram e ajudaram ao longo de todo este processo.

Um Obrigada a Todos!

Índice Geral

Agradecimentos	I
Índice Geral.....	II
Índice de Figuras.....	III
Índice de Quadros	V
Índice de Gráficos	VII
Índice de Apêndices	VIII
Resumo	IX
Abstract.....	X
Lista de siglas.....	XI
Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	4
Construção da Identidade Docente.....	5
A Identidade Docente.....	5
Perfil do Docente.....	8
Docentes Reflexivos.....	10
Percurso Metodológico	12
Investigação-Ação: Observação, Planificação	
Ação, Reflexão, Avaliação e Articulação	14
Instrumentos e Procedimentos Metodológicos	17
Parte II – Estágio em Educação Pré-Escolar.....	19
Expetativas iniciais.....	20
Contextualização	21
O Meio envolvente	21
A Instituição	24
Projeto Educativo de Escola.....	24
Recursos físicos.....	25
Recursos humanos.....	27
Ambiente Educativo.....	28
Grupo de crianças.....	29
Condição social do grupo.....	30
Equipa pedagógica	31
A sala.....	32

Rotinas	38
Intervenção Pedagógica na sala Laranja	40
Atividades Dinamizadas.....	41
Avaliação: Sistema de Avaliação de Crianças	67
Avaliação Geral do grupo	69
Avaliação Específica de uma criança.....	75
Intervenção com a Comunidade Escolar e com o Meio Envolverte	80
Organização da <i>Festa do Pão Por Deus</i>	82
Ação de sensibilização: “Gestão Comportamental”	82
Parte III – Estágio no 1ª Ciclo do Ensino Básico.....	84
Expetativas iniciais.....	85
Contextualização	86
O Meio Envolverte	86
A Instituição	88
Projeto Educativo de Escola.....	89
Caraterização do Espaço Pedagógico.....	90
A Turma do 3ºB	92
Horário da Turma do 3ºB	93
A Docente da sala.....	94
Intervenção Pedagógica no 1º Ciclo do Ensino Básico	95
1ª Semana	99
2ª Semana	121
3ª Semana	140
Avaliação.....	148
Intervenção com a comunidade.....	150
Projeto “Recolha de brinquedos”	151
Seminário: “Gestão de stress”	152
Reflexão Final relativa à intervenção educativa em EPE e 1º CEB	154
Referências.....	157
Apêndices.....	CD ROM

Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa do Concelho de Machico

Figura 2 – Planta da Sala Laranja

Figura 3 – Área da Garagem

Figura 4 – Área da Casinha

Figura 5 – Área dos Jogos de Mesa

Figura 6 – Área da Biblioteca

Figura 7 – Área das Letras

Figura 8 – Área da Pintura

Figura 9 – Área do Tapete

Figura 10 – Mapas da Data e do Tempo

Figura 11 – Mapa de Presenças

Figura 12 – Crianças desenhando o contorno do corpo de uma colega

Figura 13 – Pai convidado em conversa com o grupo

Figura 14 – Crianças a explorar a silhueta humana

Figura 15 – Crianças desenhando os órgãos humanos

Figura 16 – Grupo indentificando os pulmões

Figura 17 – Grupo caminhando sobre folhas ao som da música

Figura 18 – Corpo Humano (cabeça – tronco – membros)

Figura 19 – Crianças elaborando o tronco da árvore

Figura 20 – Colagem das folhas

Figura 21 – Árvore de Outono

Figura 22 – Crianças a escolher/recortar peças de vestuário

Figura 23 – Desenho de uma criança

Figura 24 – Crianças ajudando na elaboração da salada de frutas

Figura 25 – Grupo servindo a salada de fruta

Figura 26 – Criança a ajudar na decoração do cartaz do Pão-por-Deus

Figura 27 – Grupo apresentando a música “O Ganha Pão”

Figura 28 – Colocação de aventais

Figura 29 – Criança medindo a farinha

Figura 30 – Crianças manusando a batedeira

Figura 31 – Criança misturando os ingredientes

Figura 32 – Criança juntando os ovos

Figura 33 – Grupo dirigindo-se para o refeitório

Figura 34 – Auxiliar coloca o bolo no forno

Figura 35 – Sacos do Pão-por-Deus e bolo confeccionado pelo grupo

Figura 36 – Crianças elaborando a cartucho de papel

Figura 36 – Avó oferecendo o Pão-por-Deus às crianças

Figura 38 – Avós oferecendo Pão-por-Deus

Figura 39 – Avós partilhando histórias

Figura 40 – Crianças da Sala Amarela do Infantário “O Barquinho”

Figura 41 – Ação de Sensibilização “Gestão Comportamental”

Figura 42 – Locais da Freguesia de São Martinho

Figura 43 – Planta da Sala do 3ºB

Figura 44 – Brinquedos recolhidos

Figura 45 – Entrega dos brinquedos na instituição social

Figura 46 – Palestra “Gestão de stress”

Figura 47 – Técnicas de relaxamento de yoga

Índice de Quadros

Quadro 1 – Fases do Processo de Investigação-Ação

Quadro 2 – Número de Habitantes por freguesia

Quadro 3 – Infra-estruturas do Concelho de Machico

Quadro 4 – Recursos Físicos da Escola do 1ºCEB com PE Engº Luís Santos Costa

Quadro 5 – Número de alunos por turma

Quadro 6 – Distribuição das crianças por género

Quadro 7 – Rotinas da Sala Laranja

Quadro 8 – Horário semanal das atividades de enriquecimento curricular

Quadro 9 – Registo das opiniões das crianças

Quadro 10 – Registo das opiniões das crianças sobre regras da visita de estudo

Quadro 11 – Ficha 1g Avaliação Geral do Grupo (Avaliação de Diagnóstico)

Quadro 12 – Ficha 2g Análise e Reflexão em torno do Grupo e Contexto

Quadro 13 – Ficha 1g Avaliação Geral do Grupo (Avaliação Final)

Quadro 14 – Ficha 1i Análise Diagnóstica Individualizada

Quadro 15 – Ficha 2i Análise e Reflexão Individualizada da criança

Quadro 16 - Ficha 1i Análise Final Individualizada

Quadro 17 – Tipos de Envolvimento

Quadro 18 – Infra-Estruturas e Serviços Sociais da Fregesia de São Martinho

Quadro 19 – Estruturas Físicas da EB1/PE da Ajuda

Quadro 20 – Horário da Turma 3ºB

Quadro 21 – Objetivos Específicos desenvolvidos em contexto do 1º CEB (OCP, 2004)

Quadro 22 – Planificação de Português 19/11/2012

Quadro 23 – Planificação de Português 20/11/2012

Quadro 24 – Planificação de Português 21/11/2012

Quadro 25 – Planificação de Matemática 19/11/2012

Quadro 26 – Planificação de Matemática 20/11/2012

Quadro 27 – Planificação de Matemática 21/11/2012

Quadro 28 – Planificação de Estudo do Meio 21/11/2012

Quadro 29 – Planificação de Matemática 29/11/2012

Quadro 30 – Planificação de Português 03/12/2012

Quadro 31 – Planificação de Português 05/12/2012

Quadro 32 – Planificação de Matemática 03/12/2012

Quadro 33 – Planificação de Matemática 05/12/2012

Quadro 34 – Planificação de Estudo do Meio 05/12/2012

Quadro 35 – Planificação de Português 10/12/2012

Quadro 36 – Planificação de Expressão Plástica 10/12/2012

Quadro 37 – Planificação de Matemática 11/12/2012

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – ISEF das crianças da Sala Laranja

Gráfico 2 – Género dos alunos do 3ºB

Índice de Apêndices

Apêndice A – Cartaz “Momento do Chefê”

Apêndice B – Cartaz “Recolha de Brinquedos”

Apêndice C – Cartaz da Ação de Sensibilização: “Gestão de Stress”

Resumo

O presente relatório, é o resultado do trabalho desenvolvido na unidade curricular de Estágio e Relatório do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo de Ensino Básico.

A componente de estágio teve lugar entre os meses de setembro e dezembro de 2012, com um total de 100h em cada uma das valências. A intervenção pedagógica em Pré-escolar decorreu na Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar Eng. Luís Santos da Costa e, sendo que a de 1º Ciclo foi realizada na Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Ajuda.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes, sendo que na primeira é feita uma abordagem teórica considerando autores e bibliografia de referência.

As segunda e terceira, referem-se à intervenção educativa, nomeadamente aspetos referentes à contextualização de cada uma das valências, a abordagem às atividades e conteúdos desenvolvidos.

Concluo o presente relatório com uma reflexão final expressando a minha opinião pessoal sobre a intervenção pedagógica bem como a contribuição desta para a minha formação pessoal, profissional e social.

Palavras chave: estágio; formação; Educação Pré-Escolar; 1º Ciclo do Ensino Básico; educação; Intervenção Pedagógica.

Abstract

This report is the result of the work developed in the course Internship Report / Master's degree in Education Preschool and Elementary School .

The internship took place between september and december 2012, with a total of 100h in each of the valences. The educational intervention for pre-school was in Escola Básico e Pré-Escolar Luís Santos da Costa, and for the elementary school was held at the Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar da Ajuda.

This work is divided into three parts, in the first of which is made a theoretical approach considering several authors and their work.

The second and third parts refer to the educational intervention, including aspects related to the context of each of valences, the approach developed contents and activities.

I conclude this report with a final reflection expressing my personal opinion on the educational intervention as well as its contribution to my personal, professional and social life.

Keywords: internship; training; Preschool Education; Elementary School, education, Educational Intervention.

Lista de Siglas

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

PE – Pré-Escolar

EE – Encarregados de Educação

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

DL – Decreto de Lei

SAC-Sistema de Acompanhamento de Crianças

ME – Ministério da Educação

DAPP – Departamento de Avaliação e Perspetiva e Planeamento

PIC – Processo Individual da Criança

PEE – Projeto Educativo de Escola

Introdução

Ser profissional de educação, professor ou educador, significa um processo de aprendizagem contínuo, assim o estágio é *o momento* que marca o início desse trajeto. O estágio é o momento privilegiado para colocar em prática as aprendizagens adquiridas ao longo da nossa formação académica, dando lugar a uma articulação entre a teoria e a prática.

Foi tendo por base a realização deste estágio, que se procedeu à realização deste relatório que têm como objetivo principal expor objetiva e ponderadamente toda a prática desenvolvida no âmbito da Unidade Curricular de Estágio e Relatório do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar (EPE) e 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB).

De salientar que a prática na valência de EPE, foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2012 na Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar Eng. Luís Santos Costa e que relativamente à valência do 1º CEB esta ocorreu entre novembro e dezembro na Escola Básica com Pré-escolar da Ajuda.

O presente trabalho é constituído por três partes, nomeadamente: Fundamentação Teórica, Prática em EPE e finalmente Prática no 1º CEB.

Na primeira parte são abordadas questões de foro teórico, uma vez que “a teoria é uma ferramenta que sustenta (...) a investigação” (Graue e Walsh, p. 44) e consequentemente todo o trabalho que desta resulta. Inicia-se com uma abordagem ao processo de construção da Identidade Docente uma vez que é durante a nossa formação inicial que começamos a criar a nossa identidade prologando-se esta durante toda a nossa vida. Seguidamente faz-se uma abordagem ao Perfil do Docente em Portugal através da análise dos Decretos de Lei 344/89, bem como da Lei de Bases do sistema Educativo e de outros documentos relevantes para esta temática. Após esta exposição inicial é dedicada particular relevância à questão do Docente Reflexivo, uma vez que se torna imperativo reflectir sobre o que observamos e sobre as nossas ações de modo a poder intervir adequada e conscientemente nos diferentes

contextos. Parafraseando Dewey (1989), é importante reflectir para e sobre a nossa prática, na medida de que é no momento que se começa a refletir que começamos realmente a observar (p. 99). Fazem-se igualmente referência ao percurso metodológico seguido para a realização das práticas focando-se particularmente na investigação-ação e nos instrumentos utilizados.

As segunda e terceira partes deste relatório referem-se nomeadamente às práticas *in loco*, que em contexto de EPE decorreu numa sala com crianças com idades compreendidas entre os quatro e cinco anos e no 1ºCEB com uma turma do 3º ano de escolaridade, com alunos com uma média de idade de oito anos. Aqui são expostas as informações recolhidas através de análise documental e não documental, observação participante, conversas informais com os diferentes parceiros educativos em contexto de sala em cada uma das valências.

A segunda parte inicia-se com uma caracterização relativa ao contexto onde ocorreu a prática educativa, nomeadamente do meio, a instituição: os seus recursos humanos e físicos, o grupo de crianças, da sala e finalmente da equipa pedagógica.

Seguidamente relata-se a intervenção pedagógica, englobando as atividades dinamizadas quer com o grupo quer com a comunidade educativa, tendo como referência a abordagem teórica referida no início deste trabalho. É igualmente apresentada a avaliação de grupo, avaliação esta que teve por base as fichas do Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC) de Leavers & Portugal (2010), uma vez que estas permitem obter informações mais permonorizada do grupo e a sua estrutura nos auxiliar na elaboração da avaliação.

Numa fase posterior, são apresentadas as atividades desenvolvidas com os parceiros educativos nomeadamente uma ação de sensibilização que teve por tema a “Gestão Comportamental”.

A terceira parte, que se refere como mencionado à prática do 1ºCEB, a estrutura desta segue os mesmos parâmetros da segunda parte isto no que se refere à caracterização do contexto educativo. Seguidamente são apresentadas as intervenções pedagógicas bem como as atividades por mim dinamizadas durante o estágio.

Tal como ocorreu na valência de EPE, foram desenvolvidas algumas iniciativas com a comunidade educativa, nomeadamente uma recolha de brinquedos e uma ação de sensibilização, as quais são aqui igualmente apresentadas.

Concluo o meu relatório com a apresentação de uma reflexão final sobre a prática em ambos os contextos e onde expresso a minha opinião pessoal sobre todo o processo de realização do estágio bem como do presente trabalho.

Parte I – Fundamentação Teórica

Abordagem Teórica

Para a realização deste trabalho, procedi à consulta e análise de literatura e documentação referente ao tema em estudo, de modo a fundamentar teoricamente as opções metodológicas colocadas em prática durante a intervenção educativa nas duas valências, nomeadamente em EPE e 1ºCEB.

Numa abordagem inicial destaca-se papel do professor, nomeadamente a construção da identidade docente bem como o perfil do docente, quer de EPE como do 1º CEB.

Seguidamente é dedicada especial atenção à temática da reflexão na profissão. Atualmente é dada grande ênfase a esta temática na educação: refletir porquê e para quê? O acto de refletir que nada mais é do que “pensar em”, é fundamental na profissão docente sendo considerada a chave para o processo de formação pessoal e profissional. É através de todo este processo de reflexão que nos poderemos apoiar para justificar e analisar toda a nossa intervenção. Dewey (1989), refere que o pensamento proporciona-nos direccionar as nossas atividade planificando de acordo com os nossos objetivos de forma consciente.

Finalmente, abordarei o percurso metodológico: a investigação-ação e os instrumentos metodológicos utilizados na realização da minha prática.

Construção da Identidade Docente

A Identidade Docente

A formação da identidade do ser humano é um processo que passa por uma série de transformações pessoais. O que acontece na formação da identidade docente, não se encontra dissociado desta ideia.

No entanto, antes de podermos falar em identidade docente, é importante referir qual a relevância do papel do professor. Fazendo uma pequena retrospectiva histórica, em Portugal e

apenas com a aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo, Decreto de Lei (DL) nº46/86, de 14 de outubro, é que se começou a modificar e a repensar o papel do professor. O relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), veio de certa forma reforçar e definir o papel do professor referindo que este “se encontra no coração do processo educativo”

Nóvoa (2007), refere que no início do século XXI e depois de quase quarenta anos na invisibilidade, o professor volta a estar no foco das atenções, surgindo como um elemento insubstituível, quer a nível da promoção da aprendizagem como a nível do desenvolvimento de processos de integração que venham a dar resposta a novos desafios associados à utilização de novas tecnologias. Concomitantemente a este reconhecimento do professor, enquanto elemento insubstituível, a importância da formação profissional docente ganha, igualmente grande ênfase para uma contínua construção da sua identidade.

Importa então igualmente definir o que é *identidade*. Segundo Lopes (2001), a identidade é considerada "uma relação consigo (entre imagens de si actuais e passadas) e uma relação com o outro (que envolve o reconhecimento do mesmo e o conhecimento da diferença)". A identidade assume, deste modo, duas dimensões, uma individual, já que depende da relação que qualquer indivíduo mantém consigo mesmo, e outra interpessoal, uma vez que estabelece uma relação com o “outro” na sociedade. Assim o processo de construção da identidade surge como “o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições” (Dubar, 1997, p.105).

São muitos os autores que defendem que o processo de construção da identidade profissional encontra-se interligado com o processo de construção pessoal, uma vez que cada professor apresenta características únicas e individuais, de dimensão pessoal, ao nível do estilo

e da sua forma de encarar o mundo, o qual, conseqüentemente não só influenciará a seu desempenho enquanto professor bem como as aprendizagens dos alunos. De modo a garantir a qualidade do exercício da sua profissão, o professor necessita refletir amplamente sobre as suas práticas pedagógicas, nomeadamente quanto ao seu próprio desempenho bem como aos resultados dos alunos. É através desta atividade de reflexão e continuação no investimento na sua formação que o professor caminhará em direcção à excelência.

Deste modo é legítimo afirmar-se que a partir das necessidades, realizações e análises da sua prática pedagógica, o professor incorpora a sua formação pessoal como elemento essencial da sua prática profissional. Neste sentido, este torna-se reflexivo sobre a construção da sua profissão, recorrendo a uma investigação e cooperação com os outros profissionais.

A construção de uma identidade profissional docente é marcada, sobretudo, quando um indivíduo, ao escolher ser docente, entra para uma instituição a fim de se formar tal como ocorreu ao integrarmos o Curso de Educação Básica e o 2º Ciclo de Mestrado. Mas mais do que uma formação bem estruturada é fundamental uma formação assente num conhecimento pessoal, o qual é designado de auto-conhecimento, sobre a profissão, captando e compreendendo o sentido da mesma. É neste auto-conhecimento aliado a uma aprendizagem e formação contínua que se encontram no centro da identidade profissional docente.

Segundo Nóvoa, o processo de construção de identidade dos professores, assenta nos três A's:

- Adesão: “porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores, a adoção de projetos, um investimento nas potencialidades das crianças e dos jovens.” (p.16)

- Ação: na forma como escolhemos agir são tomadas decisões de foro pessoal como profissional, e optamos agir de determinada forma em detrimento de outra porque nos identificamos melhor ou porque “colam melhor com a nossa maneira de ser”. (p.16)

- Auto consciência: é necessário pensar a nossa prática pedagógica pois, só assim, é possível operar mudança e inovação na educação.

Referindo Caldeira (2000), citado por Zanini (2006), este refere que “a identidade profissional docente, não é algo que pode ser adquirido de forma definitiva e externa, pois se constitui num processo de construção, desconstrução e reconstrução permanente, pois cada lugar e cada tempo demandam redefinições na identidade desse profissional” (p.29).

Perfil do Docente

O relatório para Unesco (1996), realça a importância da formação de professores ao longo da vida, afirmando que é importante um grande investimento nesta área, destacando que às Universidades, enquanto locais privilegiados de ciência e fonte de conhecimento, são “um meio de adquirir qualificações profissionais, conciliando ao mais alto nível, o saber e o saber-fazer, em cursos e conteúdos constantemente adaptados às necessidades da economia” (p.24).

É neste sentido que em Portugal, tal como ocorre com outros países da comunidade europeia, a legislação em vigor, prevê que para se ser educador de infância ou professor do 1º CEB, é necessária a frequência de curso universitário a nível da docência.

São inúmeras as exigências com que nos deparamos atualmente, mudanças nos sistemas educativos bem como nas estruturas sociais e económicas que assolam o nosso país, mudanças essas que influenciam o nosso dia-a-dia nas escolas. É neste sentido que o relatório para a Unesco (1996), refere que “a educação deve, pois, adaptar-se constantemente a estas transformações da sociedade, sem deixar de transmitir as aquisições, os saberes básicos frutos da experiência humana.” (p. 21).

Vivemos na era da informação, das novas tecnologias, no qual o acesso ao conhecimento é facilitado, assim a formação de professores deve ter uma vertente científica,

tecnológica, humanística ou artística (Decreto-Lei 344/89). Segundo Alarcão “a competência do professor não se constrói por justaposição, mas por integração entre o saber académico, o saber prático e o saber transversal.” (p.9). O relatório para a Unesco(1996), apela para a importância dos professores de educação básica e para os cuidados na primeira infância, pois “ se o primeiro professor que a criança encontra tiver uma formação deficiente ou se revelar pouco motivado, são as próprias fundações sobre as quais se irão construir as futuras aprendizagens que ficarão pouco sólidas” (p. 136), é neste sentido que a formação inicial de professores assume um papel preponderante.

Em Portugal, os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico, encontram-se legislados no DL nº 241/2001, de 30 de agosto.

Assim e no que se refere à EPE, é da responsabilidade do educador de EPE a elaboração do currículo, bem como lhe é atribuída a responsabilidade de organização do ambiente educativo, nomeadamente do espaço e materiais por forma a oferecer às crianças experiências educativas significativas. Cabe-lhe igualmente a tarefa de gestão e organização das rotinas e dos recursos educativos. A Lei de Bases do Sistema Educativo, DL nº 46/86, define alguns aspetos curriculares da EPE, que o educador deve considerar na sua prática, referindo entre estes os seguintes:

“a) estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades;

c) favorecer a observação e a compreensão do meio natural e humano para melhor integração e participação da criança;

f) desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica.”

Por sua vez o professor do 1º CEB, e como estabelecido no número 1 do artº 2, do DL supramencionado, a este cabe a tarefa de desenvolver um currículo em “contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos.” A elaboração deste currículo deve ser elaborado em clima de cooperação com a instituição.

O direito à educação encontra-se consagrado no DL 48/86, artº 2 nº3, o qual refere que o “acesso à educação e na sua prática é garantida a todos os portugueses o respeito pelo princípio da liberdade de aprender e de ensinar, com tolerância para com as escolhas possíveis (...)”.

Docentes Reflexivos

Muito se tem falado sobre uma prática educativa apoiada num processo de reflexão contínua. Donald Schön¹, na sua obra “The Reflective Practitioner” de 1983, debruça-se sobre a questão do processo de formação de professores, numa perspetiva da ação baseada na ciência interligada com uma arte, a que chamou de *artistry*, ou seja “um saber-fazer lógico, teórico e prático, inteligente e criativo que permite ao profissional agir em contextos instáveis, indeterminados e complexos (...) que exigem uma reflexão e uma atenção dialogante” ao que o autor se refere como *back talk* (Alarcão, p.10). Durante o período de estágio e ao considerarmos um ambiente em constante mudança, proporciona-nos momentos de reflexão na e através da ação. No entanto, Schön realça a importância de uma *coach*, ou seja do apoio de um formador, que neste caso específico se tratou do educador/professor cooperantes, o qual nos auxilie ao longo de todo este processo de modo a “compreender a realidade” que para o formando, e tendo em conta o factor novidade, se apresenta como uma

¹ Donald Schön, Professor de Estudos Urbanos e de Educação no Massachusetts Institute of Technology, nos Estados Unidos da América.

enorme confusão (*mess*). A componente de estágio oferece-nos uma visão diferente do contexto social e físico, permitindo uma “reflexão dialogante” sobre as nossas ações, conduzindo por sua vez a uma construção ativa do conhecimento (*learning by doing*). (Alarcão, 1996, p. 13).

Ao longo da prática, muitos foram os momentos de reflexão, tomando em consideração as minhas observações e sobre as quais procedi à elaboração das notas de campo bem como ao delinear estratégias de intervenção. Todas estas fases, embora inconscientemente, fizeram parte de um processo de reflexão.

Inerente a este conceito de reflexão está a atividade de pensar. Mas o que é pensar? Ao pesquisarmos o termo pensar é “fazer uso da razão para depreender; encadear ideias de forma lógica”. Segundo Alarcão (1996), “nenhum ser humano se pode eximir à atividade de pensar.” (p. 45), sendo que é algo inato. Dewey², designa o pensamento reflexivo como “uma espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva. (Alarcão, 1996 *cit* Dewey, 1959).

O autor atribui dois sentidos ao pensamento, sendo que o primeiro se refere ao pensamento automático e o segundo ao pensamento imaginativo. No entanto, este considera que apenas ao segundo poderá ser atribuído um valor educativo, constituindo um “exercício preparatório que conduz ao pensamento reflexivo” (Alarcão, 1996, p. 46, *cit* Dewey, 1959). Assim é necessário a organização do pensamento de modo a podermos chegar a uma conclusão. Na base de todo este processo está a observação, é a partir desta que surgem ideias que visam um objetivo. Segundo Alarcão, “a observação, feita diretamente por quem reflete

² John Dewey . filósofo americano (1859-1952) foi um marco de referência no âmbito do conhecimento sobre as diferentes formas de pensar e os seus reflexos da área da educação (Alarcão (1996), p. 43). A sua obra *How we think* de 1910 é indispensável na área da pedagogia.

ou a partir de observações feitas noutras circunstâncias ou mesmo por outras pessoas, está intimamente presente no processo reflexivo” (p. 46).

O ato de pensar, desenvolve-se, segundo Dewey, em cinco fases. A primeira refere-se à *situação problemática*, sendo que o autor considera este como *um primeiro momento de indagação* o qual dará origem a uma segunda fase o *inteletualização do problema*. A terceira fase consiste na *observação* e consequente *experiência*, ou seja é neste momento que se tenta provar as nossas hipóteses. Após esta abordagem, surge a quarta fase, que se refere à *reelaboração intelectual*, da nossa situação problemática e numa última fase procedemos à *verificação*. (Alarcão, 1996).

Assim toda a atividade reflexiva faz parte de um processo, através do qual se aprende quer com os êxitos quer com os fracassos. O importante é que sejamos capazes de treinar a nossa aptidão de pensar, para que possamos retirar deste maiores benefícios. Dewey refere que “o espírito treinado é aquele que melhor observa, forma ideias, raciocina e verifica hipóteses (...) e que, no futuro, aproveita mais dos erros cometidos no passado” (Alarcão, 1996, p.50)

Percurso Metodológico

“não inventes o que podes descobrir.”

(Becker, 1996, citado por Graue & Walsh, 2003)

Para trabalhar com crianças torna-se fundamental e como refere Becker (1996), descobrir. Graue e Walsh (2003) referem que este processo de descobrir é “trabalhoso e dispendioso” (p.10) e que requer, um grande empenho, muito trabalho de campo, ouvidos e olhos bem abertos. O ato de descobrir “desafia o investigador na sua análise”. Estes autores referem que “Descobrir – intelectualmente, fisicamente e emocionalmente – é extremamente

difícil quando se trata de crianças. A distância física, social, cognitiva e política entre o adulto e a criança tornam essa relação muito diferente das relações entre adultos.” (p. 10)

Mas descobrir como? Descobrir de forma contextualizada, ou seja, conhecendo tanto o contexto local³ como o contexto alargado⁴. Contextos estes que nada mais são que os espaços, onde se assiste a uma rede de interações pessoais e temporais, a quais estão na base de toda a investigação. Como sabemos, os contextos não são estáticos, estes “moldam indivíduos, ferramentas, recursos, intenções e ideias (...)” (Graue & Walsh, 2003, p. 28). Mehan (1980, *cit* por Graue & Walsh, 2003) aufere ao contexto um aspeto social, na medida em que:

Os contextos são constituídos tanto pelo que as pessoas estão a fazer como por quando e onde o estão a fazer. Isto é, as pessoas em interação servem de contexto umas às outras.” (p.28)

Fazer investigação com crianças “requer uma perspicácia especial para detectar as suas necessidades.” (p.29). Assim torna-se imprescindível conhecer o contexto e o grupo de crianças/alunos: as suas necessidades e dificuldades; para desenvolver atividades que dêem sentido à nossa intervenção educativa. É neste sentido que a investigação em educação assume um papel de relevo para a nosso trabalho, uma vez que a finalidade desta é descobrir mais para intervir adequadamente, baseando-nos no que aprendemos ao longo da nossa formação académica, ou seja uma prática sustentada pela teoria.

³ Graue & Walsh referem o contexto local como sendo a sala de aula, ou seja o local onde estamos a desenvolver a nossa investigação.

⁴ Graue & Walsh o contexto alargado é onde o contexto local se encontra inserido, no caso específico deste trabalho, o meio.

Investigação-Ação

Atualmente a escola assume um papel de relevância na sociedade, uma vez que é nela que “espelham-se, encontram-se e entrecruzam-se todas as diferentes condições sociais.” (Oliveira-Formosinho, 2007, p.7). Esta complexidade social a que se assiste na escola, exige que se encontre “outros modos de ensinar, pois o ensino se faz no aqui e no agora cultural, social e histórico” (Oliveira-Formosinho, 2007). Tomar consciência de que é necessário modificar os modos de ensinar remete-nos para o que alguns pedagogos como Nóvoa (1992) e Formosinho (2002), referem de conhecimento profissional prático. Este conhecimento é adquirido nos diferentes contextos educacionais e refletem a nossa experiência. Este conhecimento profissional prático “é de natureza evolutiva” (Oliveira-Formosinho, p.8), ou seja, é susceptível de ser alterado e aberto à mudança. Essas mudanças podem ser operadas através da investigação-ação nos contexto sociais, neste caso, nas escolas, de modo a poder intervir adequadamente.

Mas antes, importa definir o que é a investigação-ação. Segundo John Elliot “Podemos definir investigação-ação como o estudo de uma situação social no sentido de melhorar a qualidade da ação que nela decorre” (cit. por Esteves, 2008, p.18). Estão aqui subjacentes duas ideias fulcrais, o querer melhorar o contexto em que estamos inseridos e a necessidade de investigar esse mesmo contexto. Amaral *et al* (1996), por sua vez definem investigação-ação como uma metodologia que estabelece uma permanente dinâmica entre a teoria e a prática (Alarcão (org), p. 116). Esteves (2008), parafraseando Altrichet *et al* (1996), refere que a “investigação-ação tem como finalidade apoiar os professores e os grupos de professores para lidarem com os desafios e problemas da prática e para adotar, as inovações de forma refletida” (p.18).

A investigação-ação, é um processo dinâmico e iterativo, sendo susceptível de ser alterado após uma análise dos fenómenos em estudo. Este processo desenrola-se segundo Fisher (2001) em cinco operações, que se encontram expostas no quadro 1.

Quadro 1-Fases do Processo de Investigação-Ação, Fisher (2001)

Fases	Processo de Investigação-Ação segundo Fisher (2001)
<i>Planear com flexibilidade</i>	Implica a reflexão do professor-investigador e a experiência dos outros, a observação dos alunos, a avaliação das suas práticas e a decisão sobre as que deve conservar ou mudar. Inicia-se com a formulação das primeiras questões.
<i>Agir</i>	Engloba todos o atos de pesquisa no terreno, em busca dos padrões ou discrepâncias que emergem das práticas do professor, mediante a observação e o registo do modo como os alunos aprendem, do tipo de conteúdos de aprendizagem seleccionados, das estratégias didáticas utilizadas. Através destas ações de pesquisa, as questões iniciais vão-se elaborando e clarificando cada vez mais. A confiança e a responsabilidade ética são os esteios em que as ações se apoiam.
<i>Refletir</i>	Operação de análise crítica das observações, discrepâncias e/ou padrões encontrados, com o intuito de descobrir as crenças e os esquemas de referência que fazem parte das práticas do investigador. Utilizam-se vários instrumentos para registar e analisar os dados em observação. O diálogo com amigos críticos (colegas, supervisor) e com outros significantes ajudam a encontrar o rumo para a análise.
<i>Avaliar/validar</i>	A descrição e a análise dos dados vão-se formando à medida que se avaliam as decisões sucessivamente tomadas e se observam os efeitos que delas decorrem.
<i>Dialogar</i>	Estratégias de partilha sucessiva de pontos de vista e de interpretações com os colegas, ou eventuais amigos críticos, até se chegar à versão final de um relatório escrito. A colaboração é a pedra de toque para que um projeto seja bem sucedido, isto é, tenha qualidade.

A investigação-ação constitui uma reflexão individual, que possibilita a autoformação. Segundo Amaral *et al* (2003), “a investigação-ação assume um papel importante na formação de professores, os professores que recorrem a esta metodologia fazem mais perguntas acerca do ensino.” (Alarcão, org. 2003, p. 117)

A intervenção educativa, nas duas valências teve por base este processo de investigação-ação supra-mencionado. Ao longo do estágio colocaram-se diversas questões: o que observar? que estratégias adotar? como intervir adequadamente? Que atividades desenvolver? Como as desenvolver?. Questões estas, para as quais e através do trabalho desenvolvido durante a prática tentei obter respostas, sendo estas expostas ao longo deste trabalho.

Durante a primeira semana de estágio, quer em EPE quer no 1ºCEB, adotei uma postura de observador participante, ou seja, pude observar e participar nas atividades de grupo. Deste forma pude aperceber-me melhor das necessidades e potencialidades das crianças/alunos. Pude igualmente proceder à recolha de dados e factos, que me permitiram dar resposta a algumas das minhas questões iniciais. Através de conversas informais, quer com os cooperantes quer como crianças/alunos, pude aperceber-me quais as áreas de intervenção quer a nível curricular como de desenvolvimento pessoal e social.

No entanto este processo de investigação-ação, não podendo ser considerado estanque, foi durante toda a prática educativa, um processo de pesquisa e verificação das minha hipóteses, através da projeção das atividades e colocação em prática das mesmas.

Ao longo do estágio, foram-nos proporcionados diversos momentos de partilha com as colegas do núcleo de estágio. Estas reuniões, organizadas pelos orientadores de estágio, foram uma mais valia, uma vez que nos permitiu aprender mutuamente.

O culminar de todo este processo é apresentado ao longo deste trabalho que se refere ao que Fischer (2001) aponta como a quinta fase do processo de investigação-ação – *o diálogo*.

Instrumentos e Procedimentos Metodológicos

Tendo em conta a natureza mais investigativa deste trabalho, e de acordo com o que já foi exposto, ao longo da minha prática educativa foram utilizados alguns instrumentos e procedimentos metodológicos que me auxiliaram quer na recolha bem como no tratamento dos dados e posteriormente na aplicação das minhas estratégias e desenvolvimento das atividades.

Partindo do pressuposto de que uma prática docente de qualidade, exige uma reflexão, é necessário para tal recolher elementos e informações que fundamentem a nossa intervenção. Deste modo, durante a minha intervenção educativa utilizei várias técnicas de recolha de dados documentais e não documentais.

O trabalho com crianças enquadra-se no estudo das ciências humanas. Segundo Vicente (2004), “as ações humanas estudam as obras ou as realizações humanas” com um objetivo determinado, objetivo este que traduz os nossos valores, crenças e motivos. Assim a nossa interpretação dos dados, deve ser “contextualizada, situada, marcada pelo contexto em que se encontram os interpretantes”. (Vicente, 2004)

Relativamente às técnicas documentais, na vertente da EPE, procedeu-se à consulta e recolha de dados retirados do processo individual de cada criança (PIC). Igualmente foi possível a consulta do Projeto de Sala, o qual me permitiu recolher dados relativamente ao grupo de crianças, das suas necessidades e qualidades, bem como os dados relativos ao indicador socioeducativo das famílias. Os dados recolhidos, foram posteriormente analisados e compilados em tabelas, de modo a oferecer uma descrição mais objetiva e de fácil interpretação.

É pertinente refirir, neste ponto, que em relação à vertente do 1ºCEB, o mesmo não se verificou, uma vez que nos foi impossibilitada a consulta destes documentos. Todos os dados apresentados ao longo do trabalho, são o resultado da pesquisa e observação ao longo das

nossas práticas bem como de conversas informais com os alunos da turma do 3ºB bem e à consulta da página Web desta instituição.

Recorri igualmente à utilização de registos fotográficos, que serviram para ilustrar de melhor forma as atividades desenvolvidas bem como me auxiliaram nas reflexões sobre as mesmas, uma vez que a memória fotográfica permite-nos relembrar e refletir sobre aspetos que por vezes não são visíveis numa primeira abordagem.

A utilização de um diário de aulas, foi fundamental, para a preparação e adequação das minhas intervenções, uma vez que me permitiram compilar informações relevantes. Segundo Sá & Varela (2004), este instrumento de investigação “contribui para desenvolver a capacidade de pensar sobre os factos relatados, oferece melhores potencialidades de análise e compreensão do processo social decorrido na aula” (p. 25)

Em relação às técnicas não documentais, recorreu-se em ambas as valências à observação participante. Segundo Estrela (1978, *cit* por Dias, 2004), “a observação do professor é o seu principal meio – se não o único – de conhecimento do aluno (...) constituído a base da avaliação de diagnóstico e formação”.

*«Há sempre um momento na infância em que se
abre a porta que deixa entrar o futuro.»*

Graham Green

Parte II – Estágio em Educação Pré-Escolar

Expetativas iniciais

O estágio em contexto de sala de aula é um momento de grande ansiedade para qualquer futuro profissional de educação. É a fase do nosso percurso na qual colocaremos em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo de quatro anos sendo que é natural que se criem expetativas em relação ao mesmo. Neste sentido estas podem adquirir um carater mais positivo ou negativo. Assim e antes de iniciar o meu estágio e ao tomar conhecimento da instituição onde havia sido colocada, Escola Básica do 1º CEB com PE Eng. Luís Santos Costa, em Machico, a minha reação inicial, uma vez que recebi boas referências sobre mesma, foi de que esta era uma boa escola.

Relativamente ao grupo, fiquei colocada numa sala com crianças com idades compreendidas entre os quatro e cinco anos, o que de certa forma me agradou, uma vez que já havia tido oportunidade de, em estágios anteriores, ter trabalhado com grupos das mesmas idades. Uma vez que a minha escolha recai sobre o 1º CEB, considero estas idades de transição muito importantes, pois podemos gradualmente introduzir alguns conteúdos que serão desenvolvidos pelo professor do 1º CEB, fazendo assim uma articulação entre o pré-escolar e o ciclo seguinte.

Na semana anterior ao início do meu estágio, dirigi-me a esta instituição, para conhecer a minha educadora cooperante e o grupo de crianças. Este era um momento sobre o qual sentia algum receio, as primeiras impressões são sempre importantes. Igualmente e na minha opinião acho que é fundamental desenvolver uma boa relação quer com o nosso cooperante como com a restante comunidade educativa, para que todo este processo seja construtivo e produtivo e para que me possa integrar completamente nas vivências da sala. Acho essencial criar um clima de bem-estar com toda a equipa da sala, para que o diálogo seja facilitado sem nunca nos desviarmos do que realmente importa, que são as crianças. Ao

conhecer a minha cooperante e a equipa, todas as minhas angústias e receios se dissiparam, pois fui bem recebida por todos.

Enquanto estagiária, os meus receios prendiam-se com vários aspetos como por exemplo: se conseguiria controlar o grupo, gerir conflitos, desenvolver atividades significativas bem como articular os conhecimentos adquiridos com a prática de forma a que tudo fizesse sentido.

Ao iniciar a minha prática, alguns destes receios se desvaneceram originando-se eventualmente outros, no entanto com o dia a dia todos se foram resolvendo com o trabalho que fui desenvolvendo nesta instituição.

Contextualização

Ao longo deste ponto, pretende-se dar a conhecer os aspetos mais relevantes referentes à instituição, onde decorreu a prática educativa em contexto de EPE. Estes tornam-se fundamentais para melhor compreender o papel desempenhado por esta instituição no meio do qual se encontra inserida.

O Meio envolvente

A Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-Escolar Engº Luís Santos Costa fica situada no concelho de Machico. Este concelho fica localizado a este da Ilha da Madeira e faz fronteira com os concelhos de Santa Cruz, a oeste e Santana, a norte. Com uma superfície total de 68,3km² é constituído por cinco freguesias sendo estas: Água de Pena, Caniçal, Machico, Porto da Cruz e Santo António da Serra (fig. 1).

Figura 1-Mapa do concelho de Machico



Segundo os dados preliminares dos Censos 2011 do INE (Instituto Nacional de Estatística), possui uma média de 21.803 habitantes, encontrando-se distribuídos da seguinte forma:

Quadro 2-Número de habitantes por freguesia

Nome	Área em Km2	POP Censos 2011
Município	68,3 Km2	21,803
Freguesia	Área por Km2	POP Censos 2011
Água de Pena	5 Km2	2437
Caniçal	11,8 Km2	3921
Machico	17 Km2	11,249
Porto da Cruz	25 Km2	2597
Santo António da serra	8,6 Km2	1599

Elevado à qualidade de vila na segunda metade do século XV, foi-se desenvolvendo ao longo do vale junto à Ribeira possuindo como principais atividades económicas a agricultura e a pesca. Atualmente esta localidade subsiste principalmente do turismo,

construção, serviços e pesca. A maior parte da sua população trabalha no município de Machico e uma grande parte nos concelhos vizinhos de Santa Cruz, nomeadamente no Aeroporto da Madeira e Caniçal, na Zona Franca do Caniçal.

Machico possui um vasto património histórico, que enriquece a história cultural desta localidade, assim podemos destacar o Forte do Porto da Cruz, a Quinta da Junta do Santo da Serra, o Mercado Municipal de Machico, o Cais de Machico – Desembarcadouro, as Furnas do Cavalum, a Capela do Senhor dos Milagres, a Igreja Matriz, a Capela de S. Roque, o Forte de São João Batista, o Forte de Nossa Senhora do Amparo e Solar do Ribeirinho.

Machico oferece aos seus munícipes uma grande variedade de infra-estruturas e serviços sociais de extrema importância para toda a população.

Quadro 3-Infra-estruturas do Concelho de Machico

Infra-estruturas e Serviços Sociais do Concelho de Machico			
Educativas	Desportivas	Serviços	Culturais e Recreativas
Escola Básica e Secundária de Machico;	Piscinas Municipais;	Bombeiros Municipais;	Sala de Exposições do Posto de Turismo;
EB1/PE Eng.º Santos Costa;	Associação Desportiva de Machico;	Biblioteca Municipal;	Atelier de Artes Plásticas;
EB de Santa Ana;	Clube de Futebol do Caniçal;	Bancos;	Banda Municipal de Machico;
EB do Caramachão;	ADRAP- Associação	Segurança social;	Grupos Folclóricos de Machico, Caniçal, Água de
EB da Ribeira Seca;	Desportiva e Recreativa de	Posto de GNR;	Machico, Caniçal, Água de
EB de Santa Isabel;	Água de Pena;	Posto da PSP;	Pena e santo António da Serra;
EB1/PE de Água de Pena.	União Desportiva e Cultural de	Câmara Municipal;	Grupo Coral das Casas do
		Juntas de Freguesia;	Povo do Concelho de Machico;
		Farmácias;	Associação de Jovens
		Fórum Machico.	“Encontro da Natureza”;
			Associação “O Calhau”;
			Extensão do Conservatório de Música;
			Casas do Povo;
			Grupo de Escuteiros;

Machico.	Associação de Caridade “Aldeia da Paz”; Associação “Flores de Maio”; Centro Cívico e Cultural da Ribeira Seca.
----------	--

A Instituição

Para a caracterização da instituição procedeu-se a uma análise documental, nomeadamente do Projeto Curricular de Escola do qual se elaborou um levantamento dos dados que serão seguidamente expostos.

Esta instituição de foro público surgiu no ano letivo de 2005/2006, de modo a dar resposta às necessidades da população, no entanto só no ano letivo de 2011/2012 adquiriu a denominação pela qual é atualmente conhecida, EB1/PE Engenheiro Luís Santos Costa.

Projeto Educativo de Escola

O Projeto Educativo de Escola (PEE), enquanto primeira grande ferramenta para o planeamento da ação educativa da escola, servirá como ponto de referência para a atuação dos elementos da comunidade educativa.

O PEE desta instituição, tem por tema “Literacia e Civismo” e um período de implementação de quatro anos (2012-2016). A escolha deste tema prende-se como o facto de terem-se verificado existir elevados défices de competências a nível da língua portuguesa e de cultura geral relativamente às aprendizagens essenciais. Igualmente alguns alunos apresentavam alguma resistência à leitura e à escrita o que consequentemente impedem a realização de uma leitura fluente e a compreensão da informação essencial (PEE).

Igualmente, e tendo em conta o papel que a escola assume enquanto promotora de atitudes de

responsabilidade e respeito, visando a formação integral das crianças, optou-se por abordar a temática do Civismo interligada com a da Literacia uma vez que:

“Para viver com autonomia, com plena consciência de si próprio e dos outros, para poder tomar decisões face à complexidade do mundo atual, para exercer Civismo ativo, é pois indispensável dominar a leitura sendo esta, determinante no desenvolvimento cognitivo, na formação do juízo crítico, no acesso à informação, na expressão e no enriquecimento cultural.” (PEE)

Assim os objetivos desta instituição, através da implementação deste PEE, passam por “promover a literacia, elevando os padrões da mesma nas crianças, assim como atuar, precoce e intencionalmente, sobre tais fatores determinando o insucesso” bem como preparar cidadãos mais autónomos e capazes de atuar em sociedade de forma democrática.

Recursos físicos

O edifício encontra-se dividido em quatro blocos (A, B, C e D) nos quais se encontram implantados vários serviços. A Escola Básica com Pré-Escolar de Machico ocupa a maior área do edifício alojando-se pelos blocos A, B, C e o 3º piso do bloco D, por sua vez a Direção Regional da Educação Especial e Reabilitação (DREER), o Centro de Apoio Psicopedagógico de Machico (CAP) e o Centro de Atividades Ocupacionais de Machico (CAO) ocupam o 1º piso do bloco D e por fim a Delegação Escolar de Machico ocupa o 2º piso do bloco D.

Quadro 4-Recursos físicos da Escola do 1ºCEB com PE Eng.º Luís Santos Costa

Espaço ocupado pela EB1/PE Eng.º Luís Santos Costa		
Bloco A	Piso 1	Gabinete de Gestão
		6 salas de PE
		2 casas de banho para alunos
		do PE

	<p>1 sala de trabalho para os professores do PE</p> <p>1 sala de AE (Apoio Educativo)</p> <p>Gabinete de Administração</p> <p>2 casas de banho para professores</p> <p>Escadaria</p> <p>Elevador</p> <p>Reprografia</p> <p>2 casas de banho para alunos do 1º CEB</p> <p>1 casa de banho para deficientes motores</p> <p>Gabinete de apoio à EE.</p>
Piso 2	<p>7 salas do 1ºCEB</p> <p>Arrecadação de material didático</p> <p>2 casas de banho para alunos</p> <p>2 casas de banho para professores</p> <p>Sala de trabalho para professores</p> <p>Sala de curricular e balneários de apoio ao ginásio para professores e alunos</p>
Piso 3	<p>Sala de Expressão Plástica</p> <p>Sala de Artesanato e Culinária</p> <p>Sala de Educação Musical e Dramática</p> <p>Sala de Arquivo</p> <p>2 casas de banho para alunos</p> <p>Sala de Informática</p>

		Sala de Apoio Sala de Dança e Teatro Bar dos Professores Arrecadação para material didático
Bloco B	Piso 1	Cantina da escola
	Piso 2	Ginásio
Bloco C	Piso 1	Hall de entrada com escadas e elevador que dá acesso ao piso 3 do Bloco C
	Piso 3	Sala de Inglês Ludoteca Videoteca Sala de Biblioteca
Bloco D	Piso 3	Sala de Projeto

Relativamente aos espaços exteriores da escola, estes possuem um campo polidesportivo, um parque infantil e jardins.

Recursos humanos

O centro de toda a Ação Educativa são as crianças e estas constituem, neste estabelecimento de ensino um universo de 461 alunos, com idades compreendidas entre os 3 e 11 anos. No quadro que se segue apresentam-se a distribuição dos alunos por turma e ano de escolaridade. De referir que a média de alunos por turma ronda os 24, estando de acordo com a legislação em vigor.

Quadro 5-Número de alunos por turma

Níveis de escolaridade	Turma	Nº de alunos por Turma
Pré-Escolar	Sala Amarela	24
	Sala Azul	24
	Sala Laranja	24

	Sala Vermelha	23
	Sala Verde Escura	23
1º Ano	M	24
	B	23
	Q	22
2º Ano	C	25
	G	26
	A	26
3º Ano	D	22
	O	23
	H	24
	P	23
4º Ano	N	23
	J	24
	F	23
	L	21
Recorrente		14
Total		461

Relativamente ao corpo docente lecionam nesta instituição 60 professores, dos quais 30 pertencem ao quadro de escola, 21 ao Quadro de Zona Pedagógica (Q.Z.P.) e 9 são contratados. A média de idades destes docentes situa-se entre os 31 e os 35 anos.

O corpo não docente é constituído por um Encarregado de Pessoal Auxiliar e Ação Educativa, cinco Ajudantes de Ação Sócio Educativa da EPE, dezanove Assistentes Operacionais, cinco Assistentes Técnicos e dois Técnicos Superiores de Biblioteca.

Ambiente Educativo

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), atribuem ao ambiente educativo um papel de promotor de aprendizagens significativas de modo a preparar as crianças para a vida em cidadania. Um ambiente educativo devidamente

preparado para acolher a criança fará com que esta se sinta “acolhida, escutada e valorizada, o que contribui para a sua auto-estima e desejo de aprender” (OCEPE, p.20)

O ambiente educativo comporta não só os espaços mas a riqueza das relações nestes estabelecidas entre os diferentes intervenientes da ação educativa: crianças – educadores – família – comunidade. Todas estas relações influenciarão diretamente a educação da criança. É neste contexto que o ambiente educativo “constitui ainda um instrumento de análise para que o educador possa adaptar a sua intervenção às crianças e ao meio social em que trabalha.” (OCEPE, p.33)

Grupo de crianças

Para a caracterização do grupo de crianças da sala Laranja, procedeu-se ao levantamento de dados através da consulta do PIC e dos quais se retirou toda a informação necessária e pertinente. Esta análise será explanada seguidamente através de quadros e gráficos, o quais permitem uma melhor leitura dos dados.

O grupo da sala Laranja é constituído por um total de 24 crianças, 12 do género feminino e 12 do género masculino, como podemos verificar no quadro seis.

Quadro 6-Distribuição das crianças por género

Género	Número de crianças
Feminino	12
Masculino	12
Total	24

Relativamente à faixa etária do grupo esta situa-se na média dos quatro anos de idade, sendo que quinze crianças encontram-se na faixa dos quatro e as restantes na faixa dos cinco.

Segundo as OCEPE, “a interacção entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e com saberes diversos, é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem” (p. 35). De referir que estas são as idades apresentadas pelas crianças até 31 de dezembro de 2012.

No que respeita ao número de irmãos apurou-se que das vinte e quatro crianças, treze têm apenas um irmão, duas têm dois irmãos e as restantes crianças não têm irmãos. Como podemos verificar são agregados relativamente pequenos o que vai ao encontro, da tendência da sociedade atual, de famílias pequenas.

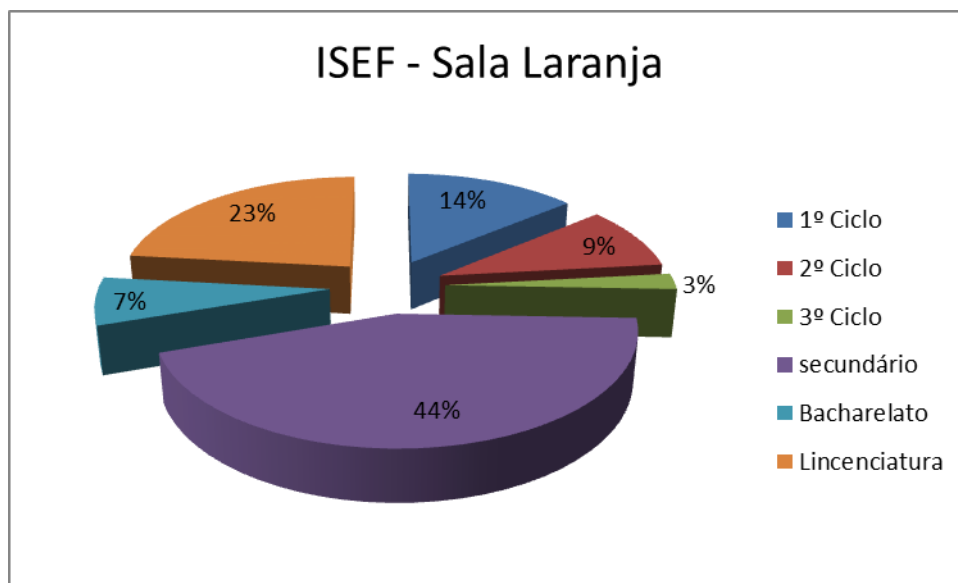
Em relação à área de residência das crianças, estas são provenientes, na sua maioria, da freguesia de Machico (centro), à excepção de duas crianças que são naturais da freguesia de Água de Pena e uma de Santo António da Serra.

Condição social do grupo

A família é peça fundamental em todo o processo educativo de uma criança. Segundo as OCEPE “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (OCEPE, p. 43) . É neste sentido que se achou pertinente apurar a condição social do grupo. Estes dados são de extrema importância para melhor adequar a nossa estratégia de intervenção com as crianças. De referir que estes dados foram recolhidos através da consulta PIC.

Correlativamente ao Indicador Socioeducativo Familiar (ISEF) das crianças da Sala Laranja, verificou-se, através do gráfico 1, que o nível socioeducativo predominante é o secundário, registando uma percentagem expressiva de 44%, seguindo-se a Licenciatura, com 23% e o 1º CEB, com 14%.

Gráfico 1- ISEF das crianças da Sala Laranja



Equipa pedagógica

Relativamente à equipa pedagógica da Sala Laranja esta é constituída por duas educadoras, a educadora Maria Cecília Sousa e a educadora Florbela Machado, que trabalham em sistema de *rollman* semanal, cumprindo um horário de escola de cinco horas, das 8h30m às 13h30m ou das 13h30 às 18h 30m. As duas educadoras contam com o apoio de duas auxiliares a Helena e Graça, que também trabalham alternadamente prestando apoio a outras salas de EPE.

A comunicação entre a equipa é uma constante, havendo sempre a preocupação de discutir quais as melhores estratégias e abordagem dos diferentes temas. É perceptível um forte sentimento de cooperação entre toda a equipa, que tem como centro de toda a sua ação educativa a criança.

A sala

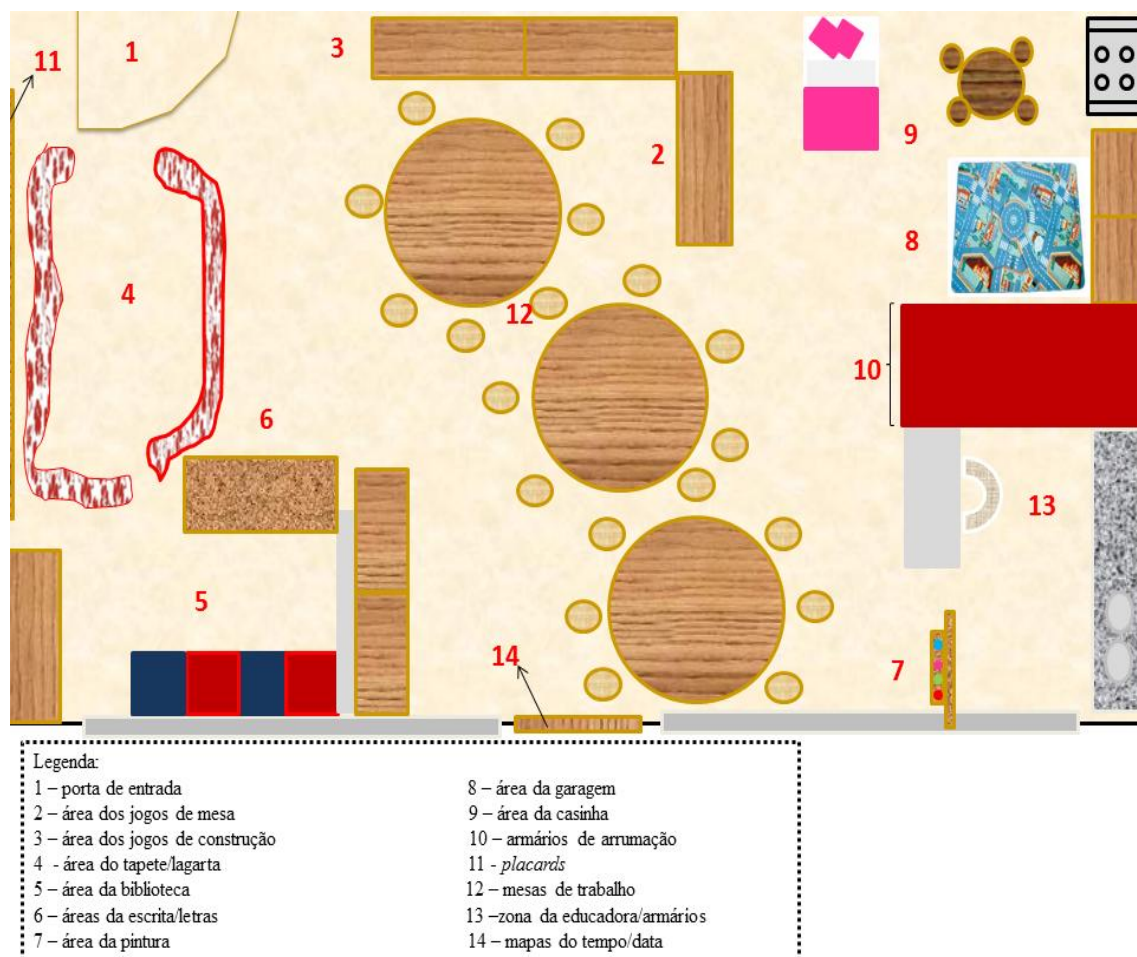
O espaço da sala na EPE, o local onde todas as aprendizagens acontecem pode ser condicionador ou impulsionador das mesmas. É neste sentido que as OCEPE, consideram que estes espaços:

“são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planejar e fundamentar as razões dessa organização” (OCEPE, p. 37)

É assim, nestes espaços e através da exploração das diferentes áreas, que a criança pode dar asas à sua imaginação, através do jogo de faz de conta, partilha das suas ideias com os seus pares ou das suas brincadeiras em grupo ou sozinhas. É neste sentido é de extrema importância, que este espaço seja pensado e “aberto às vivências e interesses das crianças e comunidade; seja organizado e flexível; plural e diverso; seja estético, ético e amigável; seja seguro; seja lúdico e cultural.” (Oliveira-Formosinho, 2007, 2008, p.11). A sala Laranja (fig. 2) é um espaço idealizado para a aprendizagem e para o bem-estar das crianças.

É uma sala ampla, possuindo duas janelas as quais permitem não só a entrada de luz natural bem como convidam a um olhar para o mundo lá fora.

Figura 2- Planta da Sala Laranja



As educadoras desta sala embora não sigam um modelo de EPE específico, baseiam-se no Movimento da Escola Moderna e na Pedagogia em Projeto, para justificar toda a sua intencionalidade educativa. Assim e no que se refere à organização do espaço este não foi excepção, encontrando-se este dividido por várias áreas, tal como preconizam algumas da metodologias estudadas. Em conversa informal com a educadora cooperante, sobre a organização do espaço, apercebi-me que esta tinha em conta os interesses manifestados pelas crianças. Assim esta organização não seria estanque, mas sim aberta à mudança, sempre que assim se justificasse e que fosse do interesse do grupo. Seguidamente, passo então a explicar as diferentes áreas que constituem esta sala sendo estas: área da casinha, área da garagem,

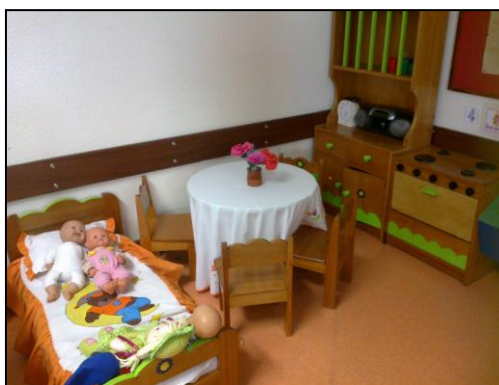
área dos jogos de mesa, área da escrita, área da biblioteca, área das letras, área da pintura, área do tapete.

A área da garagem (fig.3) bem como na área da casinha (fig.4) estão de certa forma interligadas no sentido que em ambas podemos encontrar elementos que as crianças poderão utilizar para dar asas à sua imaginação.

Figura 3-Área da garagem



Figura 4-Área da casinha



É nestas áreas que as crianças podem brincar de faz de conta e onde imitam o que vêm no seu quotidiano criando mundos paralelos à sua realidade.

Na área dos jogos de mesa (fig.5), as crianças têm oportunidade de manipular vários jogos, aprendendo de forma lúdica. Aqui podemos encontrar desde jogos de madeira a jogos de puzzles. Este tipo de jogos permitem estabelecer correspondência entre o número e quantidade. Através dos jogos, as crianças não só aprendem bem como vão superando os diferentes desafios, ao seu próprio ritmo.

Figura 5-Área dos jogos de mesa

A área da escrita, é constituída por uma secretária, cadeira, computador, cadernos e canetas. Para além de apelar novamente ao jogo de faz de conta, é neste local que as crianças começam a imitar a grafia, onde se fazem os primeiros ensaios para a aprendizagem da escrita. Interligada a esta área encontra-se a área da biblioteca (fig.6). Esta é constituída por uma estante, onde estão dispostos vários livros de histórias e não só, bem como vários *puffs* onde as crianças podem sentar-se, manipular e explorar os livros quer seja sozinha ou em pequenos grupos, como tive a oportunidade de muitas vezes observar. Seguindo uma sequência, é nesta zona que encontramos a área das letras (fig. 7). Esta é composta por um quadro magnético onde as crianças colocam as diferentes letras permitindo-lhes ter um primeiro contacto com as letras, na medida em que possam conhecer a sua forma.

Figura 6-Área da biblioteca

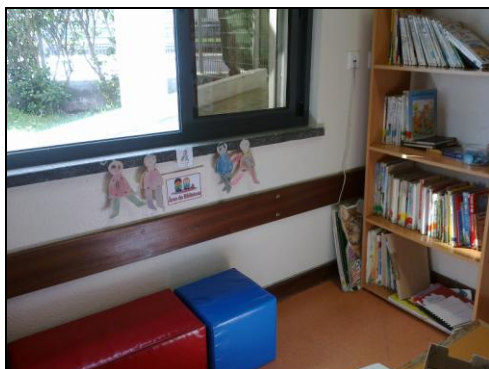


Figura 7-Área das letras



A área da pintura (fig. 8), uma das áreas mais populares desta sala, podemos encontrar um quadro onde são afixadas folhas brancas e tintas de várias cores. Neste espaço, as crianças fazem as suas reproduções artísticas, de uma situação que imaginaram ou vivenciaram, é o local onde em conjunto ou sozinhas dão largas à sua criatividade. Nesta área são desenvolvidas várias competências, como a liberdade de expressão, criatividade, linguagem oral, plástica e social.

Figura 8-Área da Pintura



Por fim, mas não menos importante, a área do tapete (fig. 9). Este espaço tem uma dupla função, é um espaço de conversas de grupo e também dos jogos de tapete. Os jogos de tapete abarcam os jogos e construções com blocos de madeira, peças de plástico, legos entre outros.

Quando adota a função de espaço de grande grupo aqui realizam-se os diálogos de grande grupo, a partilha de experiências e organização em equipa (educadora e crianças) sobre as atividades a desenvolver.

Figura 9-Área do tapete



Na sala podemos encontrar igualmente vários instrumentos de gestão do tempo tais como quadro de presenças (fig. 10), quadro da data, quadro do tempo (fig. 11) bem como os aniversários das crianças.

Figura 11 - Mapa de Presenças



Figura 10 - Mapa do Tempo de Data



Oliveira-Formosinho e Andrade (2007), refere que:

Os instrumentos de gestão do quotidiano, tais como o quadro de presenças, o quadro do tempo, quadro dos aniversários, o diário, são, antes de mais, uma manifestação de uma criança ativa, competente, com direitos, que pode participar na construção, utilização e análise dos meios de regulação social, interpessoal e intrapessoal no âmbito do grupo. (Oliveira-Formosinho e Andrade, p.26)

Para além das áreas e dos instrumentos de gestão do tempo, existem outros elementos na sala necessários para o seu bom funcionamento, como um espaço para a educadora constituído por uma secretária e dois armários de arrumação dos trabalhos das crianças (capas). Nas paredes existem dois *placards* onde são expostos os trabalhos elaborados pelas crianças. Numa outra parede à entrada da sala, encontra-se outro *placard* que contém informações referentes às crianças, as chaves dos seus cacifos bem como as planificações mensais das educadoras. Toda esta informação pode ser consultada pelos encarregados de educação (EE).

As rotinas

Como refere Oliveira-Formosinho e Andrade (2007), a organização do tempo em EPE, deve ser respeitadora do ritmo das crianças “tendo em conta o bem-estar e as aprendizagens”. Assim este precisa ser pensado e planeado partindo das experiências, quer das educadoras quer das crianças.

O tempo educativo contempla de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividade, em diferentes situações – individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo – e permite oportunidades de aprendizagem diversificadas, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo. (OCEPE, p. 40)

Assim este deve ser, por um lado estruturado, na medida em que devemos demonstrar às crianças as noções de tempo, como: hoje, ontem, amanhã, agora, depois, e por outro lado flexível o suficiente que permita ser adaptado a outras aprendizagens que vão ao encontro das necessidades das crianças.

O seguinte quadro apresenta a rotina semanal base da sala Laranja, rotina esta que muitas vezes se alterou atendendo às necessidades quer das educadoras quer das crianças e dos projetos planeados em conjunto.

Quadro 7-Rotinas da sala Laranja

Rotinas da Sala Laranja	
8h30m – 9h	Acolhimento
9h-9h30m	Diálogo em grande grupo
9h30m-9h40m	Higiene
9h40m – 10h15m	Lanche
10h15m- 10h25m	Higiene
10h25m – 11h	Recreio
11h – 11h30m	Diálogo em grande grupo/Atividades orientadas
11h30m – 12h	Brincadeiras pelas áreas
12h-12h10	Higiene
12h10m – 12h40m	Almoço
12h40m – 12h50m	Higiene
12h50 – 13h15m	Recreio
13h15-13h30m	Diálogo em grande grupo
13h30m – 14h15m	Atividades orientadas
14h15m-14h45m	Brincadeiras pelas áreas
14h45m-14h55m	Higiene
14h55m-15h20m	Lanche
15h20m-15h30m	Higiene

15h30m-16h	Recreio
16h-16h30m	Atividades orientadas
16h30-18h	Brincadeiras pelas áreas
18h-18h30m	Recolha das crianças

De referir que em alguns dias da semana, nomeadamente à terça-feira, quarta-feira e quinta-feira, esta rotina é interrompida, para dar lugar a outras atividades de enriquecimento curricular, como Inglês, Educação Físico Motora e Educação Musical, que são lecionadas por outros professores, como podemos verificar no quadro seguinte.

Quadro 8-Horário semanal das atividades de enriquecimento curricular

Dia da semana	Horário	Atividade
Terça-feira	17h-17h30m	Ingês (apenas no 2º trimestre)
Quarta-feira	10h30m-11h30m	Expressão Físico Motora
Quinta-feira	14h30m-15h	Expressão Musical

Intervenção Pedagógica na sala Laranja

De modo a poder definir estratégias de intervenção pedagógica, procedeu-se numa primeira fase, durante a primeira semana, à observação-participante, através da qual tomei contacto com o grupo, o espaço, rotinas e principalmente às necessidades e potencialidades do grupo e sobre as quais delinee a minha linha de intervenção.

Ao longo da minha prática foram desenvolvidos vários projetos⁵ tendo sempre em conta as necessidades e interesses do grupo. Estes projetos foram organizados por temas,

⁵ De referir que a palavra projeto, utilizada ao longo de trabalho não tem uma correlação com a Metodologia de Trabalho em Projeto. Apenas foi a terminologia escolhida uma vez que as atividades prolongaram-se ao longo de todo o estágio.

sendo que estes temas foram os propostos pela educadora cooperante, uma vez que faziam parte da planificação mensal da sala.

Tendo em conta o disposto na parágrafo anterior, optou-se por apresentar a intervenção educativa por temas, uma vez que os mesmo foram abordados em diferentes momentos da minha prática ao longo da mesma.

Cada um dos temas inicia-se com uma breve contextualização, de modo a poder fundamentar o porquê das minhas escolhas relativamente às atividades a desenvolver.

Por fim, e após a abordagem a cada tema e das atividades que foram preparadas, apresento uma reflexão onde são referidas as dificuldades sentidas sobre a minha intervenção educativa.

Corpo Humano

Contextualização

Antes de conhecer o mundo a criança deve conhecer-se a si própria. Este projeto surge tendo em conta o princípio de que só se conhecendo a si mesmo conseguirá respeitar o próximo e viver em cidadania.

Ao longo das seis semanas de estágio foram preparadas, em conjunto com a educadora cooperante, atividades que visavam desenvolver a Formação Pessoal e Social das crianças. Sendo esta uma área transversal a todas as outras, as OCEPE realçam a importância da mesma no sentido em que é a partir dos “contextos sociais em que vive, nas relações e interações com os outros, que a criança vai interiormente construindo referências que lhe permitem compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros.” (pp. 51-52). As atividades foram organizadas tendo em conta uma sequência lógica no que concerne ao conhecimento do corpo humano, isto é, de dentro para fora. Assim e numa primeira fase, optou-se por um diálogo em grande

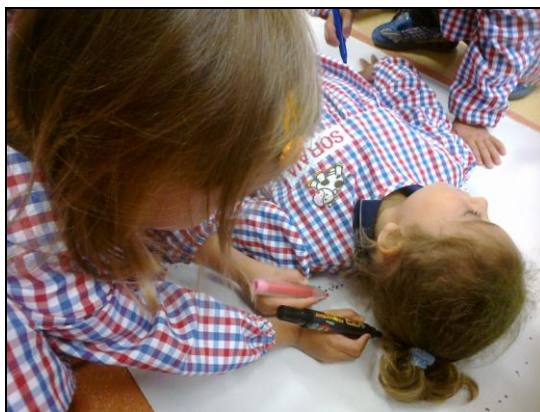
grupo, para tentar perceber e registar quais os conhecimentos prévios que as crianças detinham sobre o tema e a partir deste ponto delineou-se o plano de intervenção educativa.

Atividade 1. Descobrindo o corpo humano

Optou-se por elaborar esta atividade em grande grupo, uma vez que desta forma todos poderiam contribuir e opinar criticamente sobre a mesma.

O objetivo principal seria que no final da mesma conseguissem identificar a forma do corpo humano (contorno). Assim e recorrendo à utilização de papel de cenário, foi pedido a uma criança que se deitasse em cima do mesmo enquanto aos outros elementos foi pedido, que com marcadores, fizessem o contorno do corpo da colega, como ilustra a figura 12.

Figura 12- Crianças desenhando o contorno do corpo de uma colega



Após terminada a elaboração do contorno do corpo da criança, passou-se a um pequeno diálogo sobre o que puderam observar. Colocaram-se algumas questões ao grupo às quais obtiveram-se respostas e se encontram compiladas no quadro seguinte:

Quadro 9- Registo das opiniões das crianças

Questões	Verbalizações das crianças
O que podemos ver neste papel?	“É o corpo humano da Soraia!” – Martim, 4 anos “É o corpo humano!” – Beatriz C, 4 anos
O que temos no nosso corpo?	“Mãos, pernas, cabeça” – Matilde, 4 anos
O que falta neste corpo?	“Falta os olhos, boca, nariz.” – Martim, 4 anos

Para finalizar esta atividade, cheguei a um compromisso com o grupo, que numa outra oportunidade receberíamos a visita do pai de uma amiga da sala, que nos falaria sobre o tema. O grupo aceitou a sugestão e mostrou-se muito interessado.

Atividade 2: Visita à sala do pai de uma criança para falar sobre a constituição do corpo humano.

Tal como tinha ficado acordado com o grupo, recebemos a visita do pai de uma criança da sala, que se disponibilizou para explicar ao grupo a constituição do corpo humano. O convidado trouxe um modelo do corpo humano, contendo os órgãos e sobre os quais explicou ao grupo quais as suas funções (fig. 13). Depois de exposto o tema, as crianças tiveram oportunidade de manipular o modelo, trazido pelo convidado, e foi sugerido que colocassem os órgãos na silhueta da colega (fig. 14).

Figura 13- Pai convidado em conversa com o grupo



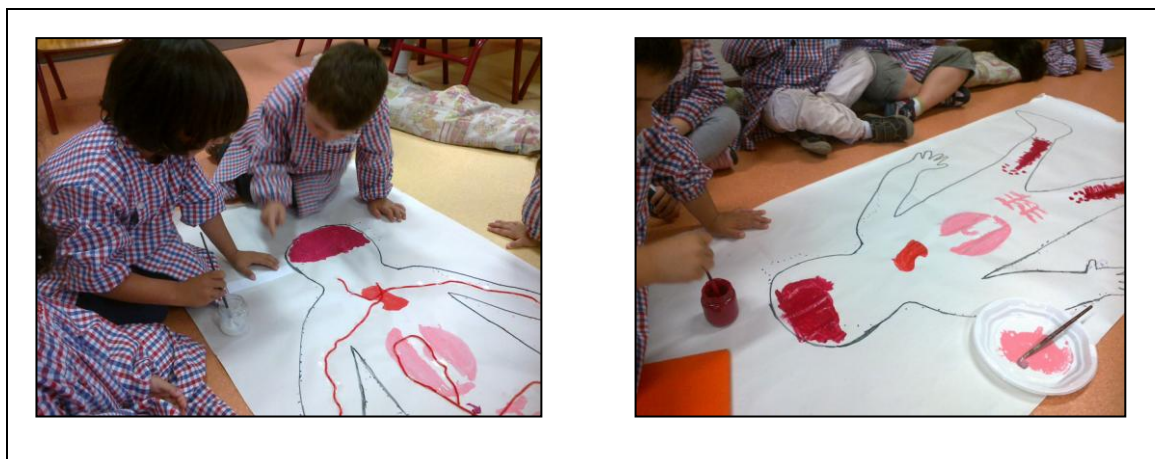
Figura 14- Crianças a explorar a silhueta humana



Durante o meu estágio, tentei estabelecer estes tipo de interação com os EE, pois na minha opinião, estes, enquanto elemento novo na sala, proporcionam momentos mais interessantes e cativantes para as crianças e tornam as aprendizagens muito mais significativas. Durante esta atividade pude constatar isso, uma vez que após a exposição feita pelo pai da criança foi pedido às crianças que desenhassem na silhueta os órgãos (fig.15) de que tinham ouvido falar ao que as crianças conseguiram fazer corretamente. Esta atividade

foi bem sucedida, pois como as crianças tiveram oportunidade de manipular o modelo de corpo humano que o pai havia trazido, conseguiram associar o conhecimento .

Figura 15- Crianças desenhando os órgão humanos



Pude observar que a aprendizagem foi realmente assimilada pelas crianças, que para além de conseguirem nomear os diferentes órgãos conseguiram igualmente situá-los na silhueta da colega.

Atividade 3 – Identificação dos diferentes órgãos através da escrita

Uma vez que este grupo encontra-se em idades de transição para o 1º CEB, tive particular atenção, ao longo das minhas intervenções, em interligar as informações orais com a escrita, para que desta forma pudessem contatar com este tipo de linguagem, conhecendo assim a forma das letras.

Neste sentido, na reta final deste projeto, procedeu-se à identificação dos diferentes órgãos. Para tal elaborei em letra de imprensa cartões com os nomes dos diferentes órgãos. Em grande grupo, mostrei os cartões às crianças para que se familiarizassem com o código escrito e expliquei-lhes o que significavam e o que poderíamos fazer com os mesmos e pedindo a sua colaboração ajudando-me a colocá-los na silhueta (fig. 16).

Figura 16-grupo a identificar os pulmões



Atividade 4: Os sentidos – Explorando texturas através da música

Após o conhecimento do corpo e dos seus órgãos, optou-se por abordar o capítulo dos sentidos, neste caso o tacto. Uma vez que nos encontrávamos no outono foi pedido às crianças que com a sua família colhessem folhas de árvores que encontrassem caídas no chão e as trouxessem para a sala.

Posteriormente, recolheu-se as folhas as quais foram espalhadas em cima de um tapete, num espaço exterior à sala. Para esta atividade optou-se por recorrer à utilização de uma música de relaxamento uma vez que se pretendia que o grupo, através da música, elaborasse movimentos com o seu corpo. Foram dadas indicações às crianças como por exemplo: deitarem-se de barriga para cima sob as folhas; saltarem em cima das folhas; andarem em cima das folhas; jogar as folhas para o ar.

Através desta atividade pretendia-se que as crianças adquirissem o sentido de lateralidade através das indicações dadas, bem como tomassem contato com diferentes texturas através do toque. A música serviu como um elemento relaxante e ao mesmo tempo coordenador dos movimentos, uma vez que as crianças teriam de movimentar-se ao som da mesma (fig. 17).

Figura 17 - Grupo caminha sobre as folhas ao som da música



Reflexão crítica

Ao refletir sobre as atividades elaboradas para a abordagem do tema, e em conversa com a educadora cooperante, penso que estas foram ao encontro das necessidades das crianças. Partindo do que elas já conheciam permitiu-me delinear com maior exatidão um plano de intervenção.

Recorrer a diferentes técnicas, como por exemplo à pintura, na atividade da silhueta, permitiu-me envolver o grupo, uma vez que era uma atividade muito popular entre o grupo. O facto de ter convidado um pai à sala, para além de manifestar no grupo muita curiosidade, fez com que o seu interesse fosse maior. Considero que este tipo de interação são uma mais valia para as crianças e de certa forma complementar ao papel do educador.

A utilização da música, na atividade dos sentidos, permitiu-me orientá-la de melhor forma, uma vez que o grupo teria de se concentrar nesta, para poder caminhar sobre as folhas.

O tema do outono, proporcionou momentos de partilha entre pais e crianças, nomeadamente na recolha das folhas. Na minha opinião, é importante envolver os pais ou encarregados de educação nas vivências da sala, seja através de uma ida à sala ou até mesmo do seu contributo com elementos, como as folhas, que serviram para o desenvolvimento de diversas atividades.

Ao longo de todas as atividades pude contar sempre com o valioso contributo da minha cooperante, que me dava *feedback*, sobre as minhas intervenções, o que me ajudou a melhorar e adequar as mesmas.

Constatei que o conhecimento adquirido foi efetivo, pois ao longo do meu estágio, consegui observar que as crianças utilizavam a terminologia correta bem como a aquisição da noção de corpo humano, como é constituído e as quais suas funções.

O grupo mostrou-se participativo e interessado nas atividades desenvolvidas, e o seu grau de envolvimento posso considerar que foi significativo.

Regras da sala

Contextualização

A abordagem deste tema prendeu-se com o facto de algumas crianças da Sala Laranja, frequentarem uma instituição de ensino pela primeira vez. De acordo com as OCEPE, um dos objetivos da EPE é ensinar para a vida democrática em cidadania, é neste sentido que a aquisição de regras de convivência, assume um papel relevante.

Este tema enquadra-se na área de Formação Pessoal e Social, uma vez que se pretende “promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes” (OCPEP, p.51), bem como a área de Expressão e Comunicação, nomeadamente o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, através da discussão em grande grupo e registo das regras.

Atividade 1: Elaboração e registo das regras da sala Laranja

Esta atividade prolongou-se durante o período de duração do estágio, uma vez que a elaboração das regras de sala deve, na minha opinião, surgir no momento oportuno não devendo ser algo imposto pelo adulto, neste caso o educador. As crianças devem fazer as suas

próprias descobertas no sentido que devem ser as próprias a perceber o objetivo de existirem regras, e não porque o adulto assim o decidiu. Tratou-se de um compromisso estabelecido entre educadora e o grupo. Neste sentido e numa primeira fase, durante a primeira semana de estágio, tentou-se motivar o grupo para o tema, através de diálogos em grande grupo. A partir deste diálogo foi feito o registo das opiniões das crianças e que se compilaram num cartaz.

Após definidas quais as áreas da sala, questionou-se as crianças sobre como seria o seu comportamento quando estivessem em cada uma delas. O grupo foi unânime ao decidir quantas crianças poderiam estar em cada uma das áreas. Este momento foi aproveitado para explicar ao grupo que uma vez que tinham chegado a um acordo teriam de respeitar esta regra.

Um outro momento, para abordar este tema, teve lugar quando se elaborou um cartaz que visava mostrar as diferenças entre o género feminino e masculino e identificação termos: cabeça-tronco-membros⁶ (fig. 18). Aproveitou-se para apresentar ao grupo a importância de dar as mãos uma vez que nesse mesmo dia, iria ter lugar a primeira saída da escola destas crianças, uma visita à Capela do Senhor dos Milagres.

Figura 18-corpo humano (cabeça-tronco-membros)



⁶ De referir que o tema do corpo humano foi transversal a praticamente todas as atividades elaboradas, servindo muitas vezes como ponto de partida para as mesmas.

Questionou-se as crianças sobre como achavam que se deveriam comportar durante uma visita ao exterior da escola.

Quadro 10- opiniões das crianças sobre regras da visita de estudo

Questão	Verbalizações das crianças
Como devemos nos comportar numa visita fora da escola?	<p>“Temos de estar em silêncio” – Mateus, 4 anos</p> <p>“Dar as mãos” – Martim, 4 anos</p> <p>“Atrás uns dos outros” – Matilde, 4anos</p>

Estas regras foram registadas para que numa fase posteriormente se procedesse à elaboração de um cartaz.

Este foi um projeto inacabado ao qual seria dado continuidade pelas educadoras da sala.

Reflexão crítica

As OCEPE, têm como um dos objetivos gerais “promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania.” (p. 15). A aquisição de regras de convivência são a base para aprender a conviver com o outro.

A educação pré-escolar visa preparar a criança para o mundo real, assim é importante que o educador prepare atividades significativas de modo a que os efeitos desta sejam a longo prazo. Como refere Katz (2006), “os anos iniciais providenciam as bases para todos os aspetos do crescimento, desenvolvimento e aprendizagem para o resto da vida.” (p.17). Foi nesta linha de pensamento que se preparou as atividades supramencionadas.

Utilizar o quotidiano das crianças foi o ponto de partida para esta temática, uma vez que mais facilmente se identificam com aquilo que conhecem, ao invés de lhes impor uma

realidade que não é a sua. Assim partindo do contexto físico, neste caso a sala de aula, começou-se por abordar as regras de convivência em grupo. Esta temática deve, na minha opinião, ser abordada sempre em grande grupo uma vez que o que se pretende é que as crianças cheguem a um compromisso em relação ao estabelecimento das regras, e que percebam o porquê destas existirem. Assim as regras passam a ser o resultado de uma conversa e a criança assume o papel de co-construtora da aprendizagem, uma vez que teve um papel ativo em todo este processo.

Ao longo do meu estágio pude observar que o grupo respeitou as regras que haviam sido estabelecidas, e não havia a necessidade de o adulto, neste caso o educador, estar constantemente a lembrar-lhes das mesmas, uma vez que foi todo um processo de mediação entre o grupo e educador.

Outono

Contextualização

O tema do Outono, foi mais uma proposta da equipa pedagógica, uma vez que era um dos temas a ser abordado pelas educadoras da sala durante o primeiro trimestre do ano letivo. O objetivo seria de transmitir às crianças a noção de tempo numa linha de raciocínio lógico, que as crianças conseguissem situar no tempo a estação do ano acima referida.

O conceito de tempo é muito abstrato para a criança, uma vez que não consegue diferenciar, “o hoje”; “o ontem” e “o amanhã”, sendo necessário, e através das vivências diárias, que o educador proporcione oportunidade para a criança construir a sua noção de tempo. “A educação pré-escolar permite alargar esta noção ao introduzir ritmos e sucessões e ao facilitar à criança a tomada de consciência do desenrolar do tempo.” (OCEPE, ME, 1997, p.75).

As OCEPE, referem que o educador deve promover situações que levem a criança à elaboração de um auto-conceito positivo de modo a tornarem-se progressivamente mais autônomos. Essa autonomia “assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência” (OCEPE, ME, 1997, p.53). A aquisição desta autonomia é um processo de construção, que supõe a capacidade individual e coletiva de assumir as responsabilidades, resultando no desenvolvimento pessoal e social da criança. (OCEPE, ME, 1997)

Atividade 1: Construção da Árvore de Outono

A elaboração desta atividade surge interligada com a abordagem ao tema do corpo humano. Numa primeira fase da atividade foi sugerido às crianças, que com a ajuda de tintas, fizessem a estampagem da sua mão numa folha branca. Foi-lhes explicado que as suas mãos serviriam para formar as folhas da nossa árvore de outono. Perguntou-se seguidamente ao grupo, quais as cores das folhas que encontravam na rua e após algum diálogo chegou-se à conclusão que estas eram amarelas, vermelhas e laranjas. Assim optou-se por utilizar tintas destas cores para “dar vida” às nossas folhas.

Após a secagem das “folhas”, elaborou-se em grande grupo a base da nossa árvore (fig. 19). Às crianças foi pedido que desenhassem o tronco e os ramos da nossa árvore em papel de cenário.

Figura 19 - crianças elaborando o tronco da árvore de outono



Seguidamente, e após um período de secagem da tinta, foi pedido às crianças que ajudassem na colagem das nossas “folhas”(fig. 20). Nesta etapa da atividade as crianças foram auxiliadas pela educadora.

Figura 20 - Colagem das folhas



A nossa árvore de Outono (fig. 21), resultado de um trabalho de equipa entre todo o grupo, após concluída ficou a decorar uma das paredes da sala, onde pode ser observada por toda a comunidade educativa que visitar a Sala Laranja.

Figura 21-Árvore de Outono



Atividade 2: Vestuário de Outono

Esta atividade surge na continuidade da exploração do tema do corpo humano e do outono. Pretendia-se desenvolver nas crianças o sentido de autonomia uma vez que teriam, através desta atividade, de fazer as suas próprias escolhas no que concerne ao vestuário (fig. 22).

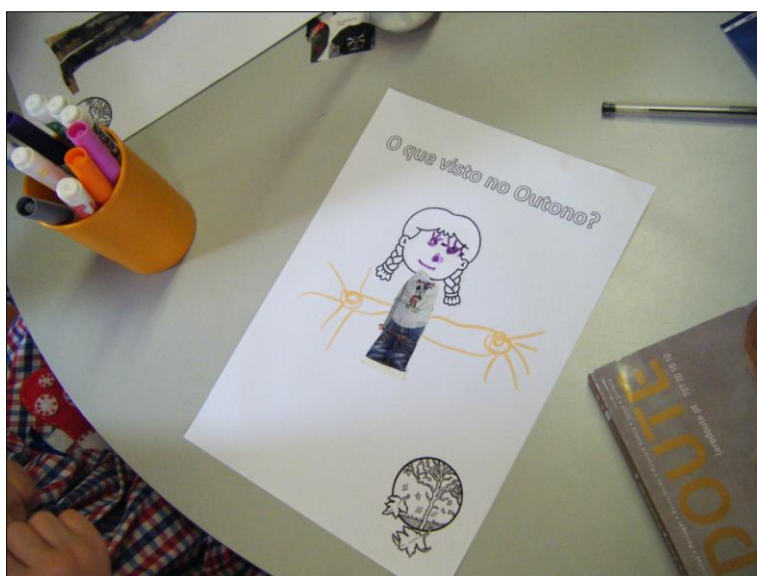
Disponibilizou-se às crianças revistas de vestuário, e sugeriu-se que escolhessem roupas para “vestir” aos seus desenhos.

Figura 22- crianças a escolher/recortar o vestuário



Seguidamente, foi-lhes entregue uma folha que continha a forma do rosto e o cabelo, e foi pedido às crianças que desenhassem o que faltava no rosto sendo que se pretendia igualmente, e no que diz respeito ao tema do corpo humano, verificar se os conhecimentos haviam sido realmente efetivos, uma vez que teriam de desenhar alguns elementos do corpo (olhos, boca, nariz, ouvidos, mãos, braços), como mostra a figura 23.

Figura 23-desenho de uma criança



Reflexão crítica

Ao repensar a minha abordagem ao tema e tendo em conta as atividades desenvolvidas, tive a preocupação de que houvesse uma interligação entre o tema anteriormente abordado e este, de modo que as crianças pudessem estabelecer uma relação entre as mesmas e existisse uma sequência nos acontecimentos.

Em ambas as atividades, quer a construção da árvore de outono como a do vestuário de outono, tiveram uma vertente mais criativa, uma vez que as crianças tiveram a oportunidade de manusear diferentes materiais (tintas, revistas, tesoura, cores) bem como de fazer as suas próprias escolhas.

Um dos pontos menos positivos que destaco destas duas atividades prende-se com a forma como uma delas, nomeadamente a da árvore de Outono, foi dinamizada. Uma vez que optei por elaborar a atividade em grande grupo nem todos podiam pintar ao mesmo tempo, o que levou a que houvessem momentos em que o grupo estivesse disperso. Ao refletir sobre isto, penso que deveria ter optado por formar pequenos grupos para dar início à atividade e os restantes deveriam ficar nas diferentes áreas. Este foi um dos pontos que tentei melhorar nas intervenções seguintes, uma vez que é importante manter as crianças interessadas e envolvidas nas atividades.

Na atividade do vestuário de outono e tendo isto em consideração, ajustei a minha estratégia e enquanto uns ficavam a compor o seu desenho os outros brincavam nas áreas da sala. Verifiquei que esta era uma estratégia muito melhor, uma vez que podia auxiliar melhor as crianças que estavam a desenvolver aquela atividade e estas estavam concentradas e empenhadas na mesma.

Alimentação saudável

Contextualização

A elaboração destas atividades enquadra-se na celebração do Dia Mundial da Alimentação, o qual se celebra a 16 de Outubro. Tendo por base este aspeto, optei por implementar na Sala Laranja “O Momento do Chefe”. Este tinha como objetivo estabelecer uma parceria com as famílias, uma vez que seriam convidados vários EE, para irem à sala elaborar uma receita com e para as crianças.

Num primeiro momento, elaborou-se um cartaz (apêndice A), o qual foi afixado na parede de recados para os EE e de modo a informá-los desta iniciativa. Seguidamente abordou-se os pais para elucidá-los sobre a mesma e verificar quais estavam disponíveis para participar. Por fim elaborei, em conjunto com os pais e consoante a sua disponibilidade um horário para que pudessem vir à escola. O objetivo inicial era que em cada dia da semana em que se celebrou o Dia Mundial da Alimentação viesse à escola um EE, no entanto e devido a outras atividades, isto não foi possível. Assim sendo optou-se por prolongá-la por um período mais extenso e durante todo o meu estágio.

Um outro ponto a tratar seria transmitir às crianças hábitos de alimentação saudável, assim e em parceria com uma padaria local, elaborou-se uma visita de estudo para dar a conhecer às criança o modo de fabrico do pão, o qual se encontra na base da cadeia alimentar.

Atividade 1: Elaboração de uma salada de frutas

Inserido no “Momento do Chefe” ficou acordado com um dos EE, neste caso uma mãe, a elaboração de uma salada de frutas. Numa fase inicial, foi pedido a colaboração de todos os pais da sala, pedindo para que contribuíssem com uma peça de fruta da época, para a elaboração da salada. No dia combinado, a mãe convidada, conversou com o grupo,

explicando-lhe o porquê da sua visita e sugeriu que o grupo a ajudassem na elaboração da mesma.

Distribuíram-se as crianças pelas mesas, as quais com a ajuda das educadoras e auxiliares ajudaram na confeção da salada. (fig.26)

Figura 24 - Crianças ajudando na elaboração da salada de fruta



Após terminar a confeção, a salada foi conservada para posteriormente servir para a sobremesa do grupo ao almoço (fig. 25). As crianças mostraram-se muito empenhadas e participativas nesta atividade.

Figura 25-Grupo servindo-se da salada de fruta



Atividade 2: Visita de estudo à padaria

Enquadrado no tema da alimentação saudável, preparou-se uma visita de estudo a uma padaria local. Para introduzir o tema, estabeleceu-se um diálogo em grande grupo, sobre o Dia Mundial da Alimentação, sobre alimentação e da sua importância para um crescimento saudável. Posteriormente achou-se pertinente questionar as crianças sobre o tema, as quais mostraram-se muito interessados, e sugeriu-se a visita de estudo.

No dia marcado, organizou-se o grupo para a visita. Ao chegar à padaria fomos recebidos pelo padeiro, que explicou ao grupo o processo de fabrico do pão, desde a elaboração da massa até a sua cozedura. As crianças tiveram oportunidade de colocar várias perguntas ao padeiro que mostrou-se muito disponível para responder. No final da visita a responsável pela padaria ofereceu a cada criança um papo-seco para levarem para o lanche.

Ao chegar à sala questionou-se o grupo sobre os ingredientes utilizados na confeção do pão bem como o processo de confeção do mesmo de modo a verificar o seu nível de envolvimento na atividade.

Reflexão crítica

Refletindo sobre as atividades desenvolvidas, considero que foram enriquecedoras para as crianças, uma vez que puderam ver e experienciar por elas próprias.

Na primeira atividade, e ao recebermos um convidado na sala, tal como já havia acontecido em oportunidades anteriores, foi um factor determinante para o sucesso da mesma. A mãe mostrou-se extremamente disponível para responder e auxiliar as crianças, bem como para com as educadoras e auxiliares. As crianças ao participarem no processo de confeção da salada, foram construtoras do seu próprio conhecimento, podendo assim experienciar na primeira pessoa. À *posteriori* e em conversa com a educadora cooperante concordamos que esta havia sido uma atividade bem sucedida, bem como era importante

desenvolver um ambiente de bem-estar e convivência com os EE, os quais durante o período do meu estágio, se mostraram sempre disponíveis e participativos.

Relativamente à visita de estudo à padaria, é na minha opinião fundamental proporcionar às crianças estes momentos diferentes de aprendizagem, os quais permitem às crianças saírem do espaço da sala para conhecer o mundo lá fora, ao invés de ser a educadora ou outro interveniente da ação educativa a trazer o conhecimento para dentro da sala. O facto de terem oportunidades como estas, o que nem sempre é fácil e acessível devido a vários fatores externos à própria instituição, são de extrema importância para que as crianças possam construir as suas próprias percepções do mundo. Assim são as próprias a construírem o seu conhecimento a partir do que vêem, ouvem e experienciam, e não uma ideia pré-concebida que lhes é imposta.

São este tipo de atividades, através das quais as crianças podem experienciar por elas próprias, que as auxiliaram a apropriar-se dos conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento integral.

Pão-por-Deus

Contextualização

As atividades desenvolvidas sobre a temática do Pão-por-Deus, são resultado de uma parceria entre diferentes intervenientes educativos: escola – comunidade – família. Uma vez que a minha educadora cooperante ficou responsável pela organização da festa do Pão-por-Deu da escola, esta convidou-me para auxiliá-la nesta tarefa. Inicialmente delineou-se o plano de atividades, para distribuir tarefas. Posteriormente, foram feitos os contactos com as outras salas de PE e do 1ºCEB, para que elaborassem um trabalho para decorar a espaço da festa.

Como já era tradição desta instituição, foram feitos os contactos com a Junta de Freguesia, bem como com alguns estabelecimentos de comércio local, para verificar qual a

disponibilidade de contribuírem com as frutas típicas desta festividade, para poder oferecer o “saco de Pão-por-Deus” às crianças.

Posteriormente foram contactados alguns avós para que fossem estes a fazer a oferta do saco às crianças e para que partilhassem com estas as suas memórias.

Atividade 1: Elaboração dos cartazes decorativos

Às crianças da Sala Laranja, para além da grande responsabilidade de co-organizadoras desta festa, foi-lhes solicitado que ajudassem na decoração do espaço.

Neste sentido foi solicitado aos EE que juntamente com os seus filhos fizessem uma pesquisa na internet ou em livros, de quadras alusivas ao Pão-por-Deus e que as levassem para a sala.

Posteriormente foi feita a apresentação das quadras ao grupo e explorada esta temática. Por fim foi sugerido ao grupo a utilização das quadras que haviam trazido para fazer cartazes que seriam utilizados na decoração dos espaços da escola. As crianças mostraram-se muito interessadas em participar na elaboração dos cartazes (fig. 26).

Figura 26-criança a ajudar na decoração do cartaz



Atividade 2: Exploração da canção “Ganha-Pão”

Como já referido o papel das crianças da Sala Laranja, na festa da Pão por Deus, assumiu grande relevância. Assim foi sugerido ao grupo a aprendizagem de uma canção alusiva ao tema e respetiva coreografia, para que posteriormente pudessem apresentá-la no dia da festa.

Desta forma e ao longo de duas semanas foi sendo dinamizada esta atividade, através inicialmente do ensino da letra e da música e numa fase posterior da coreografia.

No dia da festa as crianças apresentaram a música a toda a comunidade educativa (fig.27). Estas demonstraram-se muito entusiasmadas com a apresentação do sua atividade e pelo reconhecimento dos outros colegas.

Figura 27-Grupo apresentando a música o "Ganha Pão"



Atividade 3: Elaboração de um bolo alusivo à época

Esta atividade insere-se no “Momento do Chefe”, iniciada na atividade do Dia Mundial da Alimentação. Na sequência desta iniciativa e para comemorar esta data festiva do Pão-por-Deus uma mãe ofereceu-se para ir à Sala Laranja confeccionar com as crianças um

bolo. À chegada da convidada à sala, esta apresentou-se ao grupo bem como explicou que iria elaborar com eles um bolo.

Posteriormente procedeu-se à distribuição das crianças pelas mesas da sala e colocou-se os aventais elaborados pela mãe (fig. 28).

Figura 28- colocação dos aventais



Seguidamente a mãe foi pedindo a colaboração das crianças para juntar os ingredientes ao bolo. Todas as crianças mostraram-se muito participativas querendo experimentar e manusear os diferentes ingredientes. À medida que ia explicando o processo de confeção do bolo, este momento era aproveitado para explicar às crianças a noção de número e peso, articulando desta forma outras áreas de conteúdo. A partir destas vivências do dia a dia as crianças vão construindo noções matemáticas, “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático” (OCEPE, ME, 1997, p.73).

Às crianças foi dada a oportunidade de serem elas próprias a juntarem os ingredientes no recipiente à medida que lhes era pedido, como podemos verificar nas figuras 29; 30; 31 e 32, que demonstram todo o processo bem como o envolvimento das criança no mesmo.

Figura 30-criança medindo a farinha



Figura 29-criança juntando os ovos



Figura 31-criança manuseando a batedeira



Figura 32-crianças misturando os ingredientes



Após todo o processo de confecção, o grupo juntamente com a convidada levou o bolo para ser cozinhado no forno (fig. 33). Assim foram todos em fila até ao refeitório colocar o bolo no forno (fig. 34).

Figura 34-Crianças a dirigem-se para o refeitório



Figura 33-Auxiliar coloca o bolo no forno



Os bolos foram posteriormente colocados na sala, sendo partilhados pelas crianças da sala no momento do lanche do Pão-por-Deus, que para as crianças da EPE seria feito na sala de cada um.

Figura 35-sacos de Pão por Deus e bolo confeccionado pelo grupo



Atividade 4: Visualização da História “Maria Castanha” e elaboração de cartuchos para as castanhas

Para a elaboração desta atividade recorreu-se a utilização de uma história a qual foi projetado no computador, fazendo-se uso desta forma às novas tecnologias. Segundo as OCEPE, “os registos audiovisuais são meios de expressão individual e coletiva e também meios de transmissão de saber (...) que a criança vê como lúdicos e aceita com prazer” (ME, 1997, p.72). Inserida na temática do Pão-por-Deus e do outono escolheu-se a história da “Maria Castanha”. Esta história apela ao respeito pelas diferenças étnicas entre as crianças. Após a visualização da história, durante a qual as crianças se mantiveram muito atentas, deu-se lugar a um pequeno diálogo, de modo a fazer a exploração daquele tema. Aproveitou-se para perguntar às crianças sobre aspetos relativos à história: nome da personagem principal e enredo da história. Seguidamente sugeriu-se às crianças que tal como na história

elaborássemos cartuchos de papel para posteriormente utilizarmos na decoração do espaço da festa do Pão-Port-Deus.

Figura 36-crianças elaborando os cartucho de papel



Atividade 5: Visita de estudo ao Infantário “O Barquinho”

A visita de estudo ao infantário “O Barquinho”, surge como resposta a um convite que nos foi endereçado pelas crianças da Sala Amarela daquela instituição, e onde a minha colega de curso se encontrava em estágio. Aproveitou-se esta oportunidade para que as crianças tivessem contacto com outras instituições inserindo-se esta atividade na área de Conhecimento do Mundo, nomeadamente de outras instituições. Esta visita teve lugar no dia 29 de outubro.

Durante o percurso alertou-se as crianças para a importância de dar as mãos e respeitar as regras de trânsito. Ao chegarmos ao infantário “O Barquinho” fomos recebidos pelas crianças da Sala Amarela e procederam-se às devidas apresentações.

Seguidamente, eu e a minha colega apresentámos aos dois grupos de crianças uma peça de fantoches sob a temática do Pão-Port-Deus. Após a apresentação foi estabelecido um pequeno diálogo, de modo a perceber se as crianças tinham compreendido a mensagem da

peça. Posteriormente as crianças da Sala Amarela convidaram as crianças da Sala Laranja para brincarem no recreio. Após este momento de brincadeira, despedimo-nos das crianças da Sala Amarela a quem deixamos o convite para participarem na festa do Pão-Por-Deus.

Atividade 6: Recepção do Pão-Por-Deus – visita de estudo

Inserida na temática do Pão-Por-Deus, e a convite de uma padaria local, propriedade da avó de uma criança da Sala Laranja, foi elaborada a visita de estudo. Esta avó prontificou-se para oferecer a estas crianças algumas doçarias alusivas a esta época. As crianças tiveram novamente oportunidade de contactar com o mundo exterior e de conhecerem outro estabelecimento comercial da sua localidade.

Chegados à padaria fomos recebidos por esta família, que nos mostrou as instalações e ofereceu a cada criança um saco contendo castanhas, figos e doces (fig. 37).

Figura 37-avó oferecendo Pão por Deus às crianças



Atividade 7: Festa do Pão-Por-Deus

Esta atividade foi o culminar de todo o trabalho desenvolvido sobre esta temática, correspondendo igualmente ao meu último dia de estágio nesta instituição. O dia foi todo ele dedicado à participação nesta grande festa, que de certa forma, saiu um pouco da rotina diária do grupo.

As crianças foram encaminhadas para o espaço onde se realizou a concentração e onde puderam apresentar a toda a escola a sua canção do Pão-Por-Deus, onde puderam ouvir os avós convidados e receber as castanhas e nozes.

Esta atividade contou com a preciosa colaboração dos professores de Educação Musical que dinamizaram grande parte da festa. Os avós convidados partilharam com as crianças as suas histórias, dando-se assim lugar a um encontro de gerações.

Figura 38-avós a oferecer o Pão-Por-Deus



Figura 39-avós partilhando histórias



As crianças do Infantário “O Barquinho” a quem tínhamos convidado, juntaram-se à festa (fig. 40).

Figura 40-crianças da Sala Amarela do infantário "O Barquinho"



As crianças mostraram-se muito interessadas e participativas em todos os aspetos desta festa, uma vez que também fizeram parte de todo o processo de construção e elaboração da mesma. De referir que este projeto foi desenvolvido pela educadora cooperante bem como

por outra colega de 1º CEB e com o contributo valiosíssimo dos professores de Educação Musical.

Reflexão Crítica

As atividades supramencionadas remetem-nos para a importância das parcerias na EPE. Como podemos verificar em todas elas, temos a colaboração de uma ou mais intervenientes exteriores à nossa sala, sejam estes pais, parceiros educativos ou membros da comunidade. Segundo Formosinho, a colaboração com as famílias e com as comunidades, é um dos “fatores de transformação dos processo de ensino-aprendizagem e de promoção de aprendizagens significativas” (ME, 2009, p. 11). Na minha opinião a participação destes parceiros foi muito benéfico e contribuiu para o sucesso das mesmas.

Atualmente existe um grande enfoque na qualidade em EPE, ora essa qualidade depende em grande parte dos contextos educativos bem como das parcerias que se estabelecem.

Promover iniciativas em que, quer sejam pais quer sejam os avós, possam participar nas vivências do grupo, permite que em conjunto, recolham, troquem e interpretem informações relativas às crianças. É indispensável que a educadora seja a promotora destas iniciativas que contribuem fortemente para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e para a contribuição do bom ambiente que se gera entre escola e família.

Avaliação

O desenvolvimento do currículo em EPE, depende da avaliação que é feita das atividades desenvolvidas, servindo esta como elemento regulador da prática educativa.

O ME através da publicação da Circular nº17 refere que “a avaliação implica uma tomada de consciência da ação, sendo esta baseada num processo de análise que sustenta a

adequação do processo educativo às necessidades de cada criança e do grupo, tendo em conta a sua evolução.”

Neste sentido a avaliação tem como objetivos, apoiar toda o processo educativo, através de um ajuste das metodologias e dos recursos tendo em conta as necessidades e interesses do grupo; ser uma ferramenta de reflexão sobre a prática pedagógica a partir da observação de cada criança bem como envolver a criança em todo o processo tornando-a sujeito no processo de construção e análise dos seus progressos e dificuldades. (ME, Circular 17, 2007)

Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC)

O SAC é um sistema de avaliação criado por uma equipa de investigação da Universidade de Aveiro e que tem por base, as OCEPE, o Perfil Específico de Desempenho do EPE, os Procedimentos e Práticas Organizativas e Pedagógicas na Avaliação da EPE e a Gestão do Currículo na EPE. A construção do SAC assenta no princípio de que a avaliação deve ser um processo de observação e documentação.

A preocupação inicial de qualquer educador é o conhecimento de cada criança com as quais iremos trabalhar. A aquisição deste conhecimento passa então por uma recolha de dados que podemos encontrar na documentação existente, como por exemplo no PIC, ou junto dos educadores que já trabalham com estas crianças. Toda esta informação deve ser posteriormente compilada de forma a identificar as áreas que necessitam de uma maior atenção por parte do educador. O que o SAC sugere é que alicercemos a avaliação em dois indicadores: os níveis de bem-estar⁷ e implicação⁸ das crianças servindo estes como modo de

⁷ “Leavers define bem-estar emocional como um estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia.” (Leavers & Portugal, 2010, p. 20)

“monitorização dos progressos e fundamentando a tomada de decisão sobre a intervenção subsequente.” (Leavers & Portugal, 2010, p.13). Ao considerarmos o bem-estar e a implicação estamos a protagonizar uma atitude experiencial, ou seja, o que está em foco são as experiências de vida, quer do educador quer da criança, que irão servir de referencial para a acção educativa. (Leavers & Van Sanden, 1997). Ao utilizarmos estes dois indicadores como referência para a avaliação: bem-estar e implicação - durante a realização da atividade, podemos imediatamente verificar se a criança se encontra ou não implicada na tarefa. Assim, este tipo de avaliação permite-nos obter uma resposta imediata à nossa intervenção, podemos deste modo reajustá-la. Segundo Leavers & Portugal (2010), o que se pretende é o máximo Desenvolvimento Pessoal e Social das crianças (DPS). Assim tendo por base a atitude experiencial, como “trave mestra” a implicação e o bem-estar emocional e como “frontão” o DPS, “erguem-se os três pilares da prática experiencial”: a estimulação, a autonomia e a sensibilidade os quais permitem estabelecer uma relação entre a experiência e a finalidade da educação, ou seja, o desenvolvimento pessoal e social como área integradora de todo o processo educativo (Leavers & Portugal, 2010).

Avaliação do grupo

Para a avaliação do grupo da Sala Laranja, utilizou-se as fichas do SAC, uma vez que nos proporcionam linhas orientadoras do que observar e avaliar de modo a adequar a nossa estratégia e a oferecer às crianças aprendizagens que favoreçam o seu desenvolvimento enquanto *cidadão emancipado* (Leavers & Van Sanden, 1997). Este método de avaliação permite não só avaliar as crianças bem como avalia as minhas intervenções, permitindo-me desta forma estruturar a minha *práxis*.

⁸ “Leavers define implicação como uma qualidade da atividade humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência, caracterizando-se por motivação, interesse e fascínio, abertura aos estímulos, satisfação e um intenso fluxo de energias.” (Leavers & Portugal, 2010, p. 25)

Procedeu-se, numa fase inicial ao preenchimento da ficha 1g, que serviu como avaliação geral de diagnóstico do grupo, “considerando os níveis de bem-estar e de implicação” (Leavers & Portugal, p.77). O quadro 11, ilustra o resultado das minhas observações e registos iniciais sobre as crianças da Sala Laranja. Esta avaliação inicial elaborou-se no final da minha semana de observação que coincidiu com o dia 26 de setembro.

Quadro 11-Ficha 1g: Avaliação Geral do Grupo (Avaliação diagnóstico)

Avaliação Diagnóstica do Grupo consoante a ficha 1g

Crianças*	Nível geral de bem-estar						Nível geral de implicação						Comentários
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?	
Tatiana				X						X			
Ana Beatriz				X						X			
Beatriz Costa				X					X				Possui alguma dificuldade de concentração
Cláudio Vicente			X						X				Demonstra alguma dificuldade em expressar-se
Daniela				X						X			Bom vocabulário
Fátima Micaela		X						X					Sempre que chega à sala sente dificuldade em desapegar-se da mãe, possui algumas dificuldades de concentração; tem algumas dificuldades em expressar-se
Francisco				X					X	X		?	
João Francisco				X						X			
João Manuel				X					X				
João Tomás				X						X			
José Tomás			X					X	X			?	Demonstra alguma dificuldade em interagir com o grupo e com os adultos; tem alguma dificuldade em experimentar tudo o que é novo
Maria Eduarda				X						X			
Maria Leonor				X						X			
Maria João				X						X			Muito interessada nas atividades; muito opinativa

Marta Leonor				X						X			
Mateus			X	X		?			X	X		?	
Matilde				X						X			
Matilde G.				X						X			
Rodrigo Alves			X					X					Demonstra pouco interesse nas atividades de grande grupo, nomeadamente nos diálogos, nível de implicação é muito reduzido; algumas dificuldades em verbalizar
Rodrigo V.				X						X			
Rui Martim				X						X			Nível de desenvolvimento muito bom; Excelente vocabulário; muito empenhado nas atividades e muito opinativo
Samuel			X						X				Revela algumas dificuldades em expressar-se;
Soraia		X						X					Pouco participativa; na altura do acolhimento sente alguma dificuldade em separar-se da mãe; boa relação com os seus pares

Legenda:

* Colorir ou assinalar os nomes das crianças, na coluna da esquerda, de acordo com o código seguinte:

Vermelho: assinala as crianças que suscitam preocupações em termos de bem-estar ou implicação (níveis baixos)

Laranja: assinala as crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas.

Verde: assinala as crianças que, claramente parecem usufruir bem da sua permanência no jardim-de-infância.

Através da análise ao quadro 11, podemos concluir que numa fase inicial do estágio, das vinte e quatro crianças da Sala Laranja, apenas quatro se situaram no nível vermelho, ou

seja, estas crianças suscitam algumas preocupações em termos do seu bem-estar e implicação nas atividades da sala. As crianças sinalizadas a vermelho, demonstram que não se sentem muito à vontade na instituição. No caso particular da criança com o nome Rodrigo Alves, esta revela sentir prazer em coisas negativas, como tive oportunidade de observar, ao magoar os outros colegas. Quando intervinha para fazer com que percebesse a sua atitude, esta criança demonstrava não perceber que tinha agido mal, nem sentia a necessidade de pedir desculpa à outra criança. Relativamente às crianças Micaela e Soraia, durante esta primeira semana de observação, senti que tinham muitas dificuldades em separar-se das respetivas mães, mostrando-se mesmo relutantes em permanecer na sala. Finalmente a criança, aqui chamada de José Tomás embora tivesse revelado um relativo bem-estar emocional revelava um nível de implicação baixo, pois mostrava sinais de estar realmente envolvida nas atividades.

Seguidamente, e através da ficha 2g. (quadro 12), procedeu-se “ à análise, reflexão e conclusão sobre a avaliação geral do grupo” (Leavers & Portugal, 2010, p. 81). Aqui focaram-se os aspetos positivos e negativos quer em relação ao grupo de crianças quer em relação ao contexto educativo.

Quadro 12-Ficha 2g. Análise e reflexão em torno do grupo e contexto

Análise e reflexão em torno do grupo e contexto adaptação da ficha 2g.

1. Análise do grupo
<p>O que me agrada:</p> <p>As crianças em geral sentem-se à vontade na sala; desfrutam das brincadeiras livres pelas áreas; mostram-se em geral muito participativas sempre que o adulto pede a sua assistência ou participação; nos diálogos em grande grupo são opinativos não se coibindo de dar a sua opinião sobre os diferentes temas abordados. Na realização das atividades de caráter mais orientativo as crianças em geral mostram-se implicadas na mesma. A relação entre as crianças e os adultos da sala é muito boa estabelecendo-se um clima de respeito e amizade.</p>
<p>O que me preocupa:</p> <p>O que me preocupa é a dificuldade que algumas crianças demonstram em relação a resolução de conflitos; nas atividades em grande grupo, nomeadamente nas conversas não respeitam a vez uns dos outros. Algo que me preocupa é o facto de algumas crianças não gostarem de ser contrariadas, revelando</p>

uma atitude menos positiva, nomeadamente, não escutam o adulto. Algumas crianças revelam não lidar muito bem com regras.

2. Análise do contexto – atender a: aspetos da sala/JI; clima de grupo; espaço para iniciativa/autonomia; organização e estilo do adulto

Aspetos positivos

A sala é muito ampla e bem organizada, seguindo uma lógica entre as áreas, por exemplo, à área da biblioteca segue-se a área das letras e da escrita, penso que beneficia a aquisição dos conceitos. Todas as áreas são muito ricas a nível de materiais e por vezes, na minha opinião, algumas têm demasiados materiais, como por exemplo a área dos jogos de tapetes, o que leva a que por vezes se gere um pouco de confusão nesta área. O grupo tem a liberdade de escolher as áreas onde quer brincar, tendo sempre a oportunidade de mudar de área. A rotina da sala está bem estruturada, sendo por vezes adaptada tendo em conta as atividades a desenvolver. A educadora da sala intervém entre a transição das atividades incutindo assim um sentido de sequência temporal.

A educadora da sala está muito atenta às emoções e às necessidades das crianças, procura estimular as crianças à sua participação quer nas brincadeiras livres quer nas atividades de grande grupo. A gestão de conflitos ou estabelecimento de regras é um projeto partilhado entre adulto e crianças, nada é imposto, tudo é negociado.

Aspetos negativos

Delineação de regras para as diferentes áreas, nomeadamente quantas crianças podem estar em cada área. O facto de a escola possuir poucos espaços cobertos, o que faz com as crianças tenham que permanecer na sala sempre que chove.

No final do estágio, procedeu-se novamente ao preenchimento da ficha 1g., patente no quadro 13, por forma a registar as modificações ocorridas durante o meu tempo de intervenção nesta sala.

Das crianças inicialmente assinaladas a vermelho uma delas manifestava manter as mesmas atitudes e comportamentos, nomeadamente o Rodrigo Alves, apesar de todo o trabalho desenvolvimento, relativamente ao estabelecimento de regras e de gestão de conflitos, demonstrando ter ainda algumas dificuldades em preceber as suas atitudes e em pedir desculpa aos colegas.

Podemos verificar, através da leitura do quadro 13, que alguns dos comportamentos iniciais manifestados pelo grupo alteraram-se de uma forma positiva, refletindo desta forma

uma boa intervenção da equipa pedagógica. No final do meu estágio a maioria das crianças demonstrava um enorme prazer e bem-estar na sala. Um dos problemas verificados inicialmente era relativamente às regras, no entanto no final do meu estágio, as crianças já tinham essas noções bem presentes. Relativamente à gestão de conflitos, um dos outros problemas indicados inicialmente, grande parte do grupo manifestava saber lidar com estas situações, sem que o adulto tivesse que estar sempre a intervir.

Quadro 13-Ficha 1g: Avaliação Geral do Grupo (Avaliação final)

Avaliação Geral do Grupo

Crianças	Nível geral de bem-estar						Nível geral de implicação						Comentários
	1	2	3	4	5	?	1	2	3	4	5	?	
Tatiana				X						X			
Ana Beatriz				X						X			
Beatriz Costa				X					X				
Cláudio Vicente			X						X				Continua a manifestar dificuldade a nível do discurso oral
Daniela					X						X		Bom vocabulário; revela muita criatividade
Fátima Micaela			X						X				Embora continue a sentir a falta da mãe, não o manifesta.
Francisco				X						X			
João Francisco					X						X		Demonstra iniciativa; quando abordamos o tema do corpo humano e da alimentação trouxe livros para a sala para partilhar a informação com os colegas
João Manuel				X					X				
João Tomás				X					X				
José Tomás				X						X			Sente-se mais à vontade no grupo, demonstra iniciativa perante “o novo”.
Maria Eduarda				X						X			
Maria Leonor				X						X			
Maria João				X						X			

Marta Leonor				X						X			
Mateus			X							X			Continua a demonstrar dificuldade em respeitar a vez dos colegas.
Matilde				X						X			
Matilde G.				X						X			
Rodrigo Alves			X					X					Continua a demonstrar pouco interesse nas atividades de grande grupo, tem dificuldades em perceber os comportamentos menos próprios; falta de vitalidade.
Rodrigo V.				X						X			
Rui Martim				X						X			Nível de desenvolvimento muito bom; Excelente vocabulário; muito empenhado nas atividades e muito opinativo
Samuel			X						X				Continua a revelar algumas dificuldades em expressar-se;
Soraia			X							X			Já se sente bem em ficar na sala, o seu nível de implicação nas atividades melhorou consideravelmente.

Avaliação individual de uma criança

Relativamente à avaliação individual de uma criança, optou-se por recorrer ao preenchimento das fichas 1i. e 2i. de Leavers & Portugal (2010). De referir que optei por utilizar um nome fictício para esta criança, de modo a não ferir susceptibilidades. Esta era uma criança que suscitava alguma preocupação uma vez que ficava à parte do grupo, brincava sozinha e demonstrava não gostar de experimentar novos materiais, o que nos reporta para uma dificuldade a nível de relacionamento social (Leavers e Portugal, 2010). Esta avaliação é o resultado das minhas observações, da consulta do PIC bem como das conversas com a educadora da sala.

Quadro 14 ficha 1i.(versão abreviada)

Avaliação diagnóstica individualizada

(ficha 1i versão abreviada e adaptada)

Data: 03.10.2012	Idade da criança:4 anos	
Nome da criança: Diogo	Data de nascimento:04.03.2008	
Competências pessoais e sociais em Educação Pré-Escolar		
Atitudes	Comportamento em Grupo	Domínios Essenciais
- Auto-estima - Auto-organização/Iniciativa - Curiosidade e desejo de aprender - Criatividade - Ligação ao mundo	- Competência social	- Motricidade fina - Motricidade grossa - Expressões artísticas - Linguagem - Pensamento lógico, conceptual e matemático - Compreensão do mundo físico e tecnológico - Compreensão do mundo social

Atitudes
Auto-estima/ Nível 1 2 3 4 5
A criança evidencia comportamentos que expressam alguma tensão emocional e tem tendência a isolar-se. Demonstra ser uma criança confiante e com uma auto-estima considerável. A maior dificuldade que manifesta é em enfrentar e experimentar situações novas, revela algum receio.
Auto-organização / Nível 1 2 3 4 5
É capaz de seguir instruções e realizar autonomamente atividades de rotina como arrumar os materiais nas áreas, lavar as mãos, estar à mesa, formar a fila para ir para o almoço ou para o recreio. É muito organizado nas tarefas nomeadamente nos jogos de puzzle, e quando termina de brincar arruma tudo no seu devido local.
Comportamento no Grupo
Competência social/ Nível 1 2 3 4 5
A criança consegue expressar os seus sentimentos e as suas necessidades. Consegue descrever as suas características pessoais. Nas conversas de grande grupo sabe respeitar a vez dos colegas e quando quer falar levanta o braço e aguarda a sua vez. Demonstra um bom relacionamento com os colegas e com os adultos. É uma criança muito afável. Tem sentido de responsabilidade e também presente as regras de convivência.
Domínios Essenciais
Motricidade fina/ Nível 1 2 3 4 5
A criança demonstra prazer nos jogos sensoriais, nomeadamente em manusear a plasticina. Tem algumas dificuldades no uso de alguns instrumentos, como a tesoura e no manuseamento os talheres. Demonstra destreza nos jogos de puzzle e jogos de construção.
Motricidade grossa/ Nível 1 2 3 4 5
A criança consegue movimentar-se no espaço com eficácia (anda, corre, salta, sobe e desce a escada). Gosta particularmente das aulas de Expressão Físico Motora, principalmente quando envolvem jogos. Tem uma boa coordenação motora. Consegue perceber quando está cansada após a realização de atividade física. Gosta de atividades que envolvam correr.
Expressões artísticas/ Nível 1 2 3 4 5
Gosta particularmente de fazer esculturas com a plasticina. Gosta muito da área da pintura, onde passa muito tempo.
Linguagem/ Nível 1 2 3 4 5

Gosta de ouvir contar histórias. Consegue participar adequadamente nos diálogos em grande grupo, manifestando igualmente a sua opinião.
Pensamento lógico, conceptual e matemático/ Nível 1 2 3 4 5
Nos jogos de blocos e construções consegue organizar as peças por tamanho e cor. Percebe a sequência das rotinas diárias
Compreensão do mundo físico e tecnológico/ Nível 1 2 3 4 5
Consegue estabelecer uma relação entre os materiais e a que áreas da sala eles pertencem, como por exemplo as tintas pertencem à área da pintura ou os livros pertencem à área da biblioteca. Consegue identificar fases do crescimento humano. Reconhece a importância de lavar as mãos antes e depois das refeições.
Compreensão do mundo social/ Nível 1 2 3 4 5
A criança manifesta conhecer o meio em que se encontra inserida identificando locais. Revela conhecimento das diferentes infra-estruturas existentes, nomeadamente escolas, supermercados, centro de saúde entre outros. Revela conhecer bem os espaços da escola.
Síntese
O Tomás é uma criança muito afável, que sente prazer em estar na escola. Tem algumas dificuldade em experimentar coisas novas chegando mudar de área para não ter que enfrentar determinada situação. Embora não seja muito espontâneo ao expressar as suas opiniões, sempre que solicitado participa nos diálogos. Pelo que pude observar é muito apegado à mãe.

Após o preenchimento da ficha 1i. procedeu-se à análise e à reflexão da mesma uma vez que, nestes casos que suscitam ao educador algumas dúvidas em relação à criança, é “necessário observar com mais atenção o seu funcionamento no jardim de infância ou averiguar que aspetos temperamentais ou da sua história pessoal influenciam os níveis de bem-estar ou de implicação” (Leavers & Portugal, 2010, p.100).

Quadro 15- Análise e reflexão individualizada da criança

Ficha 2i

Avaliação e reflexão individualizada da criança

Data: 06.10.2012	Idade da criança: 4 anos
Nome da criança: Diogo	Data de nascimento: 04/03/2008
1. Assinalar os níveis de funcionamento geral da criança (1, 2, 3 , 4, 5)	
Bem-estar emocional: Nível 3	Implicação: Nível 3
2. Impressão geral acerca da criança	
O Diogo é uma criança pouco comunicativa. Embora demonstre interesse pelas atividade retrai-se um pouco e não se envolve muito, possui alguns medos em relação ao novo. É uma criança tímida e tem uma postura de calma e serenidade. Ao estabelecer contato com a criança durante esta primeira semana, embora me escutasse não estabelecia uma conversa, apenas se limitava a responder “sim” e “não”. Demonstra alguma dificuldade em partilhar.	
3. Dados familiares	
O Diogo vive com o pai (pintor) de 53 anos de idade e com a mãe (doméstica) de 44. Ambos possuem o 1ºCEB. O Diogo tem mais um irmão, que já se encontra em idade escolar. A mãe é que vem sempre à escola, e reparei que, apenas deixa a criança na sala, não estabelecendo diálogo com a educadora, ao	

contrário de outros pais.
4. Relações Atender à relação com o educador e/ou auxiliar, outras crianças, familiares
O Diogo relaciona-se bem quer com a educadora quer com as auxiliares. É uma criança bem comportada, não gerando conflitos com os colegas. Do que me foi possível inferir mantém uma relação de grande proximidade com a mãe.
5. Implicação Atender às atividades disponíveis no JI e à sua organização (atividades em grande grupo; em pequeno grupo; individuais, obrigatórias, opcionais, dirigidas pelo adulto, não dirigidas pelo adulto)
O Diogo implica-se bem nas atividades livres principalmente nos jogos de construção e puzzles. Nas atividades de grande grupo, nomeadamente nas conversas não é muito espontâneo, dado a sua opinião apenas quando é pedida.
A criança implica-se bem nas atividades... de jogos de construção, puzzles e pintura. Áreas de desenvolvimentos implícitas nas atividades com boa implicação Desenvolvimento do pensamento lógico e matemático bem como da expressão artística e da criatividade.
A criança não se implica bem nas atividades... Nas atividades de grande grupo e de pequenos grupo, obrigatórias ou livres. Áreas de desenvimentais implícitas nas atividades com fraca implicação Expressão linguística bem como competência social.

Não se optou por traçar um plano de intervenção individualizado para esta criança, por ponderar um factor que considere influenciar esta atitude: o facto de ser a primeira vez que frequentava uma instituição de educação, ou seja, o facto de ser a primeira vez que frequenta uma instituição de educação, pode ter desencadado esta atitude de não partilha e de isolamento. Como referem Leavers & Portugal, (2010), no caso de existirem crianças com níveis baixos de bem-estar e implicação, antes de pensar em medidas individualizadas, devem tomar-se medidas a nível do grupo em geral.

No final do estágio optou-se por voltar a preencher a ficha 1i, de modo a verificar a evolução da criança. A atitude da criança em relação às preocupações iniciais, nomeadamente à partilha e relação com os colegas, modificaram-se. Com o passar do tempo a criança habituou-se ao ambiente da sala, bem como aos colegas. No final do meu estágio era uma criança que se relacionava normalmente com o grupo, não se isolava mostrando-se muito

participativa. Considero que a sua evolução foi muito positiva. Na minha opinião é necessário dar tempo e espaço à criança para se habituar a um determinado contexto, e foi o que se verificou com esta criança.

Quadro 16 ficha 1i.(versão abreviada)

Avaliação final individualizada

(ficha 1i versão abreviada e adaptada)

Data: 30.10.2012	Idade da criança:4 anos	
Nome da criança: Diogo	Data de nascimento:04.03.2008	
Competências pessoais e sociais em Educação Pré-Escolar		
Atitudes	Comportamento em Grupo	Domínios Essenciais
- Auto-estima - Auto-organização/Iniciativa - Curiosidade e desejo de aprender - Criatividade - Ligação ao mundo	- Competência social	- Motricidade fina - Motricidade grossa - Expressões artísticas - Linguagem - Pensamento lógico, conceptual e matemático - Compreensão do mundo físico e tecnológico - Compreensão do mundo social

Atitudes
Auto-estima/ Nível 1 2 3 4 5
A criança evidencia ter um elevado nível de auto-estima o que se revela um consequente aumento dos níveis de confiança fazendo com que participe mais ativamente nas atividades. Observou-se que os seus medos iniciais tenham se dissipado.
Auto-organização / Nível 1 2 3 4 5
Continua a conseguir ser capaz de seguir instruções quer da educadora quer das auxiliares da sala. Participa ativamente nas tarefas e rotinas diárias da sala, como marcar a presença, formar filas para as refeições e recreios. Demonstra possuir um bom nível de organização tanto em atividades individuais como de grupo.
Comportamento no Grupo
Competência social/ Nível 1 2 3 4 5
A criança revela estar mais integrada no grupo demonstrando um sentido de pertença. Relaciona-se bem com todos os colegas e participa em todas as atividades de grupo. Respeita e valoriza a opinião dos colegas.
Domínios Essenciais
Motricidade fina/ Nível 1 2 3 4 5
A criança continua a demonstrar prazer nos jogos sensoriais, nomeadamente em manusear a plasticina. Demonstra maior destreza no manuseamento dos talheres.
Motricidade grossa/ Nível 1 2 3 4 5
A criança consegue movimentar-se no espaço com eficácia (anda, corre, salta, sobe e desce a escada). Gosta particularmente das aulas de Expressão Físico Motora, principalmente quando envolvem jogos.

Tem uma boa coordenação motora. Consegue perceber quando está cansada após a realização de atividade física.
Expressões artísticas/ Nível 1 2 3 4 5
Gosta particularmente de fazer esculturas com a plasticina. Gosta muito da área da pintura, onde passa muito tempo. Demonstra grande interesse pela Expressão Musical.
Linguagem/ Nível 1 2 3 4 5
Gosta de ouvir contar histórias. Consegue participar adequadamente nos diálogos em grande grupo, manifestando igualmente a sua opinião.
Pensamento lógico, conceptual e matemático/ Nível 1 2 3 4 5
Nos jogos de blocos e construções consegue organizar as peças por tamanho e cor. Percebe a sequência das rotinas diárias. Consegue estabelecer um diálogo. Consegue estabelecer uma relação entre o número e a quantidade.
Compreensão do mundo físico e tecnológico/ Nível 1 2 3 4 5
Consegue identificar as diferentes áreas da sala. É capaz de identificar os diferentes momentos da rotina diária.
Compreensão do mundo social/ Nível 1 2 3 4 5
. Revela conhecimento das diferentes infra-estruturas existentes, nomeadamente escolas, supermercados, centro de saúde entre outro. Revela conhecer bem os espaços da escola.
Síntese
Esra criança continua a manifestar sentir prazer em estar na escola com os colegas. Demonstra sentir prazer em relacionar-se com os colegas e nas atividade quer orientadas quer de carátér mais livre. Não revela quaisquer receios em relação ao novo e desconhecido, devendo-se isto à sua convivência e integração no grupo. Esta criança situa-se no nível 4 uma vez que que manifestou integrar-se em pleno no grupo, participando em todas a atividades sem demonstrar qualquer receio pelo desconhecido.

Intervenção com a Comunidade Escolar e com o Meio Envolve

Atualmente têm-se dado muita relevância ao envolvimento das famílias e à comunidade no processo educativo das crianças. Um dos objetivos a EPE, segundo as OCEPE (1997), é “incentivar a participação das famílias no processo educativo e o estabelecer de relações efetivas em colaboração com a comunidade.” (p.16).

A escola enquanto organização educativa que é, deve promover a interação entre os diferentes intervenientes. Como refere Teixeira (1995, p.162), “uma organização é um conjunto de indivíduos que interagem. O que fizerem com as suas relações definirá o que é a organização”. Assim, e enquanto organização educativa, a escola é o local onde se promovem interações sociais, com os mais variados intervenientes: os educadores, a família, a comunidade.

Segundo o Departamento de Avaliação Prospetiva e Planeamento do Ministério da Educação (DAPP), deve existir uma cultura de parcerias entre a Escola, a Família e a Comunidade, sendo esta “condição favorável para a sustentabilidade/eficácia e equidade” (p.7). Esta cultura de participação referida pelo DAPP:

Permite estimular a solidariedade e responsabilidade institucionais, melhorar a qualidade do trabalho realizado pelos professores.(...) A dedicação a objetivos comuns permite o enriquecimento mútuo dos participantes e reduz a possibilidade de existência de situações de conflito, promovendo o aparecimento de laços afetivos, entre os diferentes intervenientes.

DAPP, 2000, p.8

Joyce Epstein et al (2002), sugere seis tipos de colaboração entre a escola e as famílias (quadro 17):

Quadro 17 - Tipos de Envolvimento, segundo Epstein et al (2002)

<p>Tipo 1</p> <p><i>Obrigações Básicas das Famílias</i> – As escolas consciencializam as famílias sobre a necessidade de desenvolverem práticas relacionadas com a promoção do bem-estar físico e afetivo dos seus filhos.</p>
<p>Tipo 2</p> <p><i>Obrigações Básicas das Escolas</i> – As escolas devem informar as famílias (...)sobre as rotinas da vida escolar, os programas, os regulamentos existentes, as reuniões a que devem assistir, os progressos e dificuldades dos seus filhos e a forma como orientá-los no seu percurso escolar.</p>
<p>Tipo 3</p> <p><i>Envolvimento da Escola</i> – promover o apoio voluntário das famílias na vida da escola, ajudando a resolver dificuldades e participando, de forma ativa, em reuniões e em eventos significativos da vida escolar.</p>
<p>Tipo 4</p> <p><i>Envolvimento em Atividades de Aprendizagem em casa</i> – fomentar o diálogo entre a escola e as famílias no sentido de proporcionar oportunidades de os pais ajudarem os filhos (...). Outra finalidade desta modalidade é a promoção do diálogo pais/filhos, através da realização conjunta do trabalho escolar.</p>

Tipo 5

Participação na Tomada de Decisões – promoção da capacidade das famílias, mesmo as mais desfavorecidas, de influenciarem as decisões tomadas no contexto escolar e exercerem um papel ativo nos órgãos divisórios das escolas.

Tipo 6

Colaboração e Intercâmbio com a comunidade – criação de condições para o estabelecimento de uma relação instituída entre a escola, as famílias e a comunidade, envolvendo as estruturas de poder local, comunitárias e empresariais. A finalidade é promover e facilitar o diálogo entre todas as estruturas e levar, mesmo as famílias de fracos recursos, ao acesso a esse diálogo alargado.

As minhas intervenções com a família e comunidade incidiram sobretudo no âmbito das tipologias 4 e 6, preconizadas pela autora. Seguidamente passo a expor as atividades desenvolvidas neste ponto.

Organização da Festa do Pão Por Deus

Esta atividade insere-se no temática do Pão-Por-Deus. Para a elaborar foi necessário, numa primeira fase, fazer contactos com empresas, nomeadamente com superfícies comerciais locais, bem como com instituições de poder local, Junta de Freguesia de Machico. As boas relações entre esta entidade e a escola, vieram de certa forma, facilitar este contacto. Seguidamente abordou-se os avós para pedir a sua colaboração na distribuição dos “sacos de Pão-Por-Deus” ao que os avós acederam prontamente. O sucesso deste projeto depende em grande parte das relações e políticas da escola que tem uma preocupação em envolver famílias e comunidade nas atividades desenvolvidas na instituição.

Ação de sensibilização: “Gestão Comportamental”

A ação de sensibilização, foi uma atividade preparada em conjunto com a minha colega que se encontrava a fazer o seu estágio no Infantário “O Barquinho”. O tema escolhido “Gestão Comportamental” prende-se com o facto de ser uma preocupação comum

quer a pais quer a educadores. Saber lidar com certas atitudes das nossas crianças é uma preocupação constante: o que pode significar uma birra? Como devemos agir perante a mesma?

Este foram os temas abordados nesta ação de sensibilização. Como oradora, convidou-se a Dr.^a Margarida Pocinho, psicóloga e docente da Universidade da Madeira (UMa), a qual se prontificou para fazer esta palestra.

Figura 41-momento da ação de sensibilização



Parte III – Estágio no
1ª Ciclo do Ensino Básico

Expetativas iniciais

O estágio no 1ºCEB decorreu na Escola Básica do 1ºCEB com Pré Escolar da Ajuda, na freguesia de São Martinho, no concelho do Funchal. Assemelhando-se à intervenção na valência de EPE, o estágio teve a duração de seis semanas, perfazendo um total de 100h. Uma vez que nesta valência o estágio foi uma experiência partilhada, o tempo efetivo de dinamização das aulas correspondeu a apenas 50h.

Uma das minhas preocupações iniciais foi o facto de ter de trabalhar em colaboração com outra colega de estágio, pelo facto de nunca ter estagiado com a colega em questão e de não conhecer o seu método de trabalho. Na minha opinião é fundamental desenvolver uma boa relação com as pessoas com as quais trabalhamos.

Igualmente ao que ocorreu com a EPE, as minhas inseguranças prendiam-se com a turma em si, que tipo de alunos iria encontrar como iria desenvolver as atividades. Mas a minha preocupação principal era relativa ao modo como desenvolver as atividades de forma a proporcionar a estes alunos aprendizagens significativas para uma aprendizagem efetiva.

O facto de trabalhar com uma turma de 3º ano deu-me alguma confiança, uma vez que em práticas anteriores já havia tido a oportunidade de trabalhar com alunos desta faixa etária.

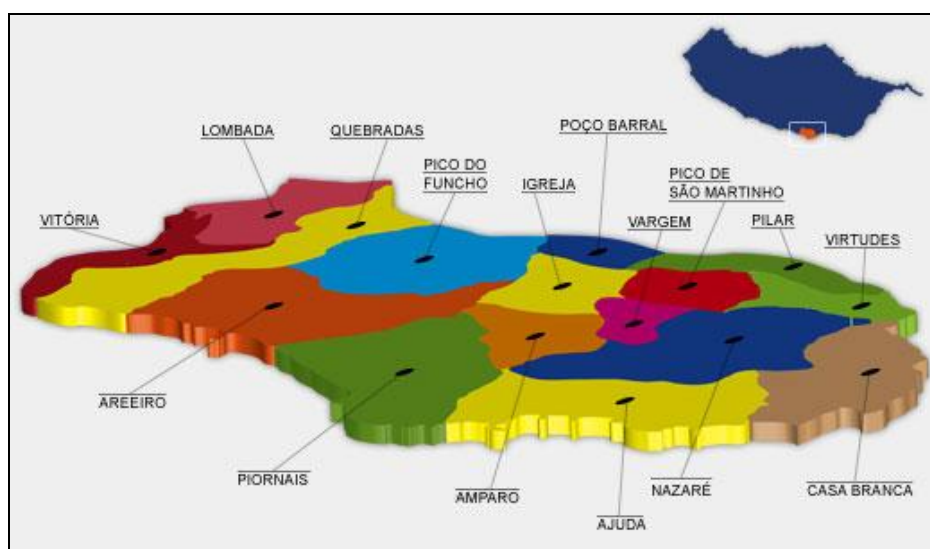
Contextualização

O Meio

A escola EB1 com PE da Ajuda, fica localizada no concelho do Funchal, na freguesia de São Martinho, que passou a designar-se desta forma em junho de 1916.

É uma das maiores freguesias constituída pelos sítios da Ajuda, Areeiro, igreja, Nazaré, Pico de São Martinho, Piornais, Quebradas, Virtudes, Amparo, Casa Branca, Lombada, Pico do Funcho, Pilar, Poço Barral, Vargem e Vitória, e possui uma área total de 782 hectares.

Figura 42 - Locais da freguesia de São Martinho



A freguesia de São Martinho faz ainda fronteira com Santo António, a norte, São Pedro, a este, com o Concelho de Câmara de Lobos a Oeste e a sul, com o Oceano Atlântico. Relativamente à sua população é constituída por um universo de 26.540 habitantes, sendo que destes 17,41% são crianças e jovens menores que 15 anos, 68,89% corresponde à população

adulta em idade ativa e 13,7% representam a população idosa (Junta de Freguesia de São Martinho)

Esta é uma freguesia que caracteriza-se pela sua atividade agrícola, dedicando-se a população ao cultivo da banana e da uva, sendo que é nesta freguesia que se situa o Centro Agrícola do Funchal. A indústria hoteleira tem grande impacto na economia local, uma vez que se localizam nesta freguesia muitas unidades hoteleiras. Destacam-se igualmente outras atividades comerciais: lacticínios, cimenteira, panificação, confeção de vestuário, pré-fabricação de materiais de construção civil, Central Térmica e Central Hidroelétrica, Laboratório Regional de Engenharia Civil, Laboratório de Veterinária, Indústria de Alimentos e Bebidas e a Escola Hoteleira.

A freguesia tem para oferecer uma panóplia de infraestruturas e serviços que estão exposto no quadro 16.

Quadro 18-Infra-estruturas e Serviços Sociais da Freguesia de São Martinho

Infra-estruturas e Serviços Sociais da Freguesia de São Martinho			
Educativas	Desportivas	Serviços	Culturais e Recreativas
Escola EB1/PE da Ajuda	Complexo Desportivo de São Martinho	Bancos	Associação Cultural
Escola da Nazaré	Associação de Canoagem do Funchal	Oficinas de reparação de Automóveis	Desportiva e Recreativa de São Martinho
EB1/PE da Igreja de São Martinho	Associação de Canoagem do Funchal	Posto de Abastecimento de Gás e Combustível	Associação Nacional de Freguesias
Escola Hoteleira	Polidesportivo sintético na Praia Formosa	Hipermercados	
	Campo de Futebol de 7 sintético na Praia Formosa	Rent-a-Car	
		Ferragens	
		Peixarias	
		Floristas	
		Cabeleireiros	

Ginásio em São Martinho	Pastelarias Papellarias Perfumarias Correios
----------------------------	---

Instituição

A escola EB1/PE da Ajuda foi inaugurada a 1 de outubro de 2004, pelo Presidente do Governo Regional. Com uma área de construção total de 1.562,28m², a escola é constituída por três pisos. Cada um dos pisos remete-nos para um ciclo de ensino. No piso térreo podemos encontrar as salas de EPE. No 1º piso podemos encontrar a secretária, os cacifos dos alunos e o refeitório. No 2º piso é onde ficam localizadas as salas do 1ºCEB, bem como o gabinete da diretora, a sala de música, a sala de biblioteca e a sala de convívio dos professores. No quadro 17, podemos verificar mais pormenorizadamente como se estruturam os espaços desta escola.

Quadro 19-Estrutura física EB1/PE da Ajuda

Piso 0	Piso 1	Piso 2
Recreio exterior com eskorrega	Secretaria	Átrio de distribuição de espaços
Recreio coberto	Espaço de recreio e galerias exterior de circulação	4 salas de aula (atividades curriculares)
Átrio principal de entrada	Alpendres (recreios cobertos)	
3 salas de pré-escolar	Átrio de entrada	1 sala para atividades musicais, dramáticas e culturais
1 sala de atividades plásticas	Espaço polivalente (refeitório/convívio)	
1 gabinete para o pré- escolar	Cozinha	1 sala para vídeo/informática
1 arrecadação para materiais	Espaços para o pessoal auxiliar	1 biblioteca
1 arrecadação para	WC professores/pessoal	1 gabinete de direção
	auxiliar	1 sala de convívio e trabalho para professores

materias de limpeza	Balneários/vestiários para	WC de apoio
WC para o pré-escolar	alunos e professores	1 arrecadação de material de
WC para alunos/alunas	Arrecadação para material	limpeza
WC professores/pessoal	desportivo	Elevador e escadas de acesso
auxiliar	Central de aquecimento	aos pisos inferiores
WC para pessoas com	Elevador e escadas de acesso	
deficiência	ao piso superior/inferior	
Elevador e escadas de		
acesso aos pisos superiores		

Projeto Educativo de Escola

O Projeto Educativo de Escola tem por tema “Educação para os Valores”.

A escola EB1/PE da Ajuda propõe-se através da implementação deste projeto atingir determinados objetivos contemplados nas OCEPE, “tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (p.20) aceitando e respeitando as diferenças étnicas, sociais e culturais de todos.

Estes objetivos dividem-se em 9 grandes objetivos que passo a expor, por achar pertinente para a compreensão do projeto: “proporcionar uma formação integral dos alunos, assegurar a interdisciplinaridade do saber, do crescer para ser; assegurar uma formação geral comum a todos os alunos; integrar o aluno num processo de introdução da sua realidade/maturidade cívica e circundante; proporcionar a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária; proporcionar o desenvolvimento harmonioso no campo sócio-afetivo; aceitar a diferença sexual, social e ética, dando assim sentido à aquisição de novos saberes e culturas; assegurar às crianças com Necessidades Educativas Especiais e outras, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades e finalmente promover a ocupação de tempos

livres com atividades lúdico/culturais e formativas em cooperação com os pais/encarregados de educação.” (PEE).

A implementação do projeto passou por várias fases, sendo que numa fase inicial optou-se por definir prioridades, ou seja, que mudanças seriam necessárias efetuar, seguidamente avaliou-se quais os problemas que existiam, e por fim estabeleceram-se as metas que se pretendiam atingir.

Caraterização do Espaço Pedagógico

É no espaço da sala onde ocorre todo o processo de aprendizagem, assumindo este um papel de grande relevância, ao que o professor deve dedicar “atenção particular à qualidade desse ambiente” (Morgado, 1999, p.56). É neste sentido, e como refere Morgado (1999), que a “gestão dos espaços disponíveis deve contribuir para a qualidade global do ambiente de aprendizagem”, importando refletir sobre esta gestão, tendo em conta a nossa intencionalidade educativa. (p.58). Assim importa considerar algumas questões: o tipo de atividades, as necessidades de espaço para desenvolvê-las, o espaço em si e finalmente qual a melhor forma de gestão desse espaço (p.58).

O autor supramencionado, refere, no entanto que é necessário considerar alguns aspetos relevantes em qualquer sala de 1ºCEB sendo que estes devem:

1 – *confortáveis e agradáveis* , uma vez que desempenho da qualidade é influenciado também ele, pelas condições ambientais, como por exemplo: a iluminação, a dimensão, etc;

2- ser *funcionais*, isto é, ter uma organização ajustada ao tipo de atividades que se pretende desenvolver;

3- de *fácil manutenção e arrumação*, de forma a o alunos seja incluído nesta tarefa;

4- ser versátil, permitindo a *realização simultânea* de várias atividades;

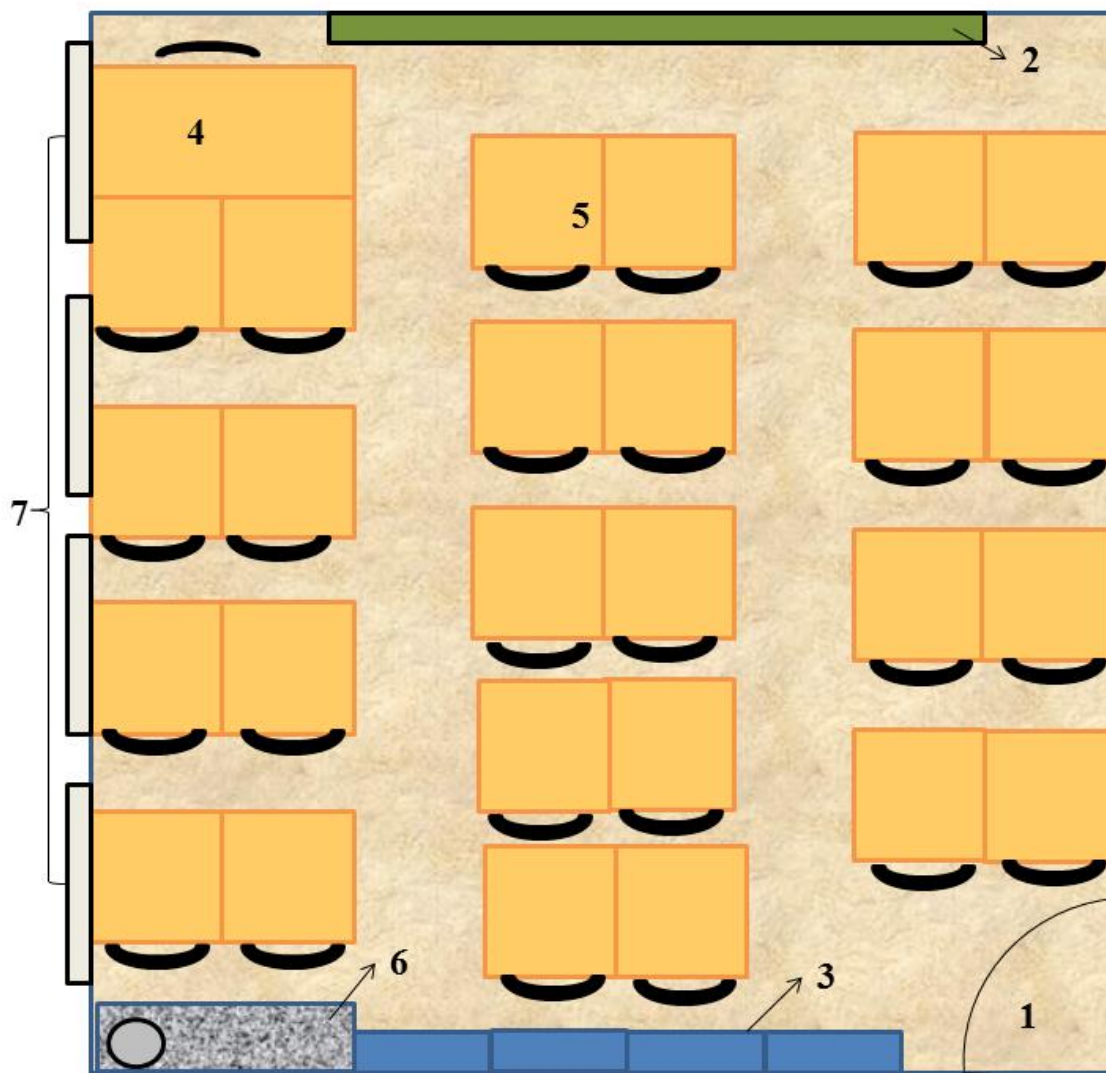
5-possuir alguns *indicadores* que estruturem a sua utilização, como por exemplo: planos de atividades, listas de materiais, etc.

Morgado (1999), sugere, que “os alunos sejam envolvidos na gestão e organização do espaço, que facilitará a sua adesão, na medida em que tornará mais significativa e afetiva a organização que se conseguir.”(p. 59).

Relativamente à sala da turma do 3º B (fig. 43), onde foi realizada a minha prática de intervenção pedagógica, esta fica localizada no 2º piso. Considero que é uma sala (fig. 43), relativamente pequena, não possuindo o tal factor de versatilidade a que se refere Morgado (1999). Contudo possui alguns aspetos que considero positivos como o facto de possuir muita luz natural, uma vez que uma das paredes da sala é toda ela, equipada com janelas. As mesas estão organizadas de uma forma tradicional, ou seja, estão dispostas em três filas, a secretária da professora fica na parte da frente da sala junto ao quadro giz. Este tipo de organização resulta num tipo de interação, em que a maior parte da ação centra-se no professor, como tive oportunidade de inferir durante a minha primeira semana de observação. Na parte posterior da sala encontram-se quatro armários, onde fica armazenado material escolar bem como as capas de trabalho dos alunos. Estes armários, estão acessíveis aos alunos, e é promovida, pela professora titular “a sua utilização de forma responsável e autónoma” (Morgado, 1999, p. 60).

Este é um espaço partilhado por duas turmas, na parte da manhã é o local de trabalho da turma do 2º ano de escolaridade, e na parte da tarde entra as 13h 30m e a 18h 30m é o local de trabalho da turma do 3ºB, pelo que a organização da mesmo, é à partida, e na minha opinião, condicionada.

Figura 43 - sala de aulas do 3ºB



Legenda:

- 1 – Porta de entrada
- 2 – quadro giz
- 3 – armários de arrumação
- 4- secretária da professora

- 5 – mesas dos alunos
- 6 – pia/bancada
- 7 - janelas

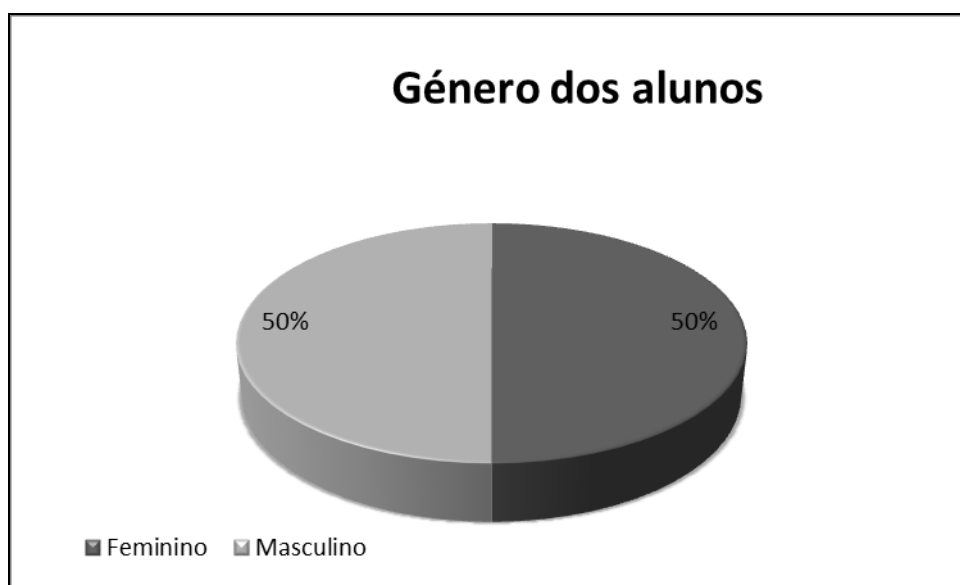
Turma do 3ºB

A turma constitui uma “*unidade funcional de referência*”, no sentido em que a “organização e funcionamento das escolas centrar-se-á em torno da adequada gestão e

organização dos diferentes grupos de alunos”, o que se traduz em termos práticos na elaboração do Projeto Educativo de Escola. (Morgado, 1999, p.40)

A turma do 3ºB, é constituída pelo grupo heterogéneo, em que a média de idades dos alunos ronda o oito anos de idade. A turma é constituída por 26 alunos, sendo que se encontram distribuídos equilibradamente, ou seja, 50% dos alunos é do género masculino e 50% do género feminino.

Gráfico 2-género dos alunos do 3ºB



Horário da Turma do 3º B

No quadro 18, encontramos o horário semanal da turma do 3ºB. Como podemos verificar, as aulas curriculares têm lugar na tarde da tarde, ou seja entre as 13h30m até as 18h30m. Uma vez que tínhamos dias fixos de prática, sendo estes segunda-feira, terça-feira e quarta-feira, o tempo curricular era interrompido para dar lugar às áreas de enriquecimento curricular, nomeadamente a Educação Física (segunda-feira) e Expressão Musical e Dramática (terça-feira).

Foi-nos pedido pela professora titular que respeitássemos sempre esta organização de acordo como se encontra estipulado na Organização Curriculares e Programas do 1ºCEB (OCP).

Quadro 20 - Horário da turma do 3ºB

Horário da Turma						
Atividades de enriquecimento curricular	Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
	8h30	TIC	Expressão Plástica	Educação Física	Biblioteca	Exp. Musical e Dramática
	9h30	Exp.Musical e Dramática	Estudo	Clube	Inglês	Educação Física
	10h30m	Lanche				
	11h	Estudo	Clube	Inglês	Inglês	Estudo
	12h	OTL	OTL	OTL	OTL	OTL
	12h30m	Almoço				
Atividades curriculares	13h30m	Português	Português	Português	TIC	Português
	14h30m	Educação Física	Exp. Musical e Dramática	Português	Português	Português
	15h30m	Lanche				
	16h	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática
	17h30m	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio

A Docente da sala

No que se refere à professora titular da sala, a professora Marta Freitas, é uma professora que pertence ao Agrupamento de Escolas do Porto Moniz, tendo sido destacada para a EB1/PE da Ajuda. Esta docente encontra-se a leccionar nesta escola há apenas dois

anos. De referir que a docente tem um regime especial, encontrando-se em licença de maternidade, tendo deste modo o horário reduzido (13h30m até as 17h30). No espaço de tempo entre as 17h30m e as 18h30m, a professora era substituída por outra colega, e esse período era utilizado como momento de estudo.

Intervenção Pedagógica no 1º Ciclo do Ensino Básico

A intervenção pedagógica teve a duração de seis semanas, iniciando-se como já referido a 5 de novembro e com término a 13 de dezembro de 2012.

Ao contrário do que aconteceu, na intervenção educativa na valência de EPE, este estágio foi desenvolvido a pares. Cada uma das estagiárias deveria dinamizar atividades num tempo máximo correspondente a 50h, no total. Relativamente à planificação das atividades estas foram organizadas e elaboradas em conjunto durante as seis semanas de estágio. As atividades foram orientadas apenas por uma de nós alternadamente, sendo que a estagiária que não se encontrava a dinamizar as aulas, prestava auxílio aos alunos.

A primeira semana de estágio, correspondeu ao período de observação participante, de modo a conhecermos a turma, identificar se havia algum aluno com necessidades educativas especiais (NEE), conhecer a professora titular, a sua organização das aulas bem como quais os conteúdos curriculares que estavam a ser abordados. No final desta primeira semana e em conversa informal com a professora titular, esta sugeriu-nos que as nossas atividades fossem ao encontro do que estava a ser desenvolvido por ela, com ênfase nas áreas curriculares de Português, nomeadamente na separação e classificação de sílabas, família de palavras, tipos de texto, criação de texto, e da Matemática, operações e números: multiplicação, adição, subtração; numeração romana. Em relação ao Estudo do Meio, introdução do tema: os meios de transporte e o comércio local.

Neste sentido optou-se por delinear a nossa intervenção pedagógica considerando os objetivos dispostos na OCP para o 3º ano do 1ºCEB, considerando os temas sugeridos pela educadora, os quais estão exposto no quadro 19.

De referir que optei por apresentar no relatório as planificações correspondentes às atividades por mim desenvolvidas, uma vez que o presente trabalho é individual e pessoal. Tendo em conta o exposto as atividades por mim dinamizadas corresponderam à terceira semana, entre 19 e 21 de novembro e a última semana do estágio, entre 10 e 12 de novembro, de referir que nos dias 29 de novembro e 3 e 5 de dezembro as atividades foram dinamizadas em conjunto por mim e pela minha colega de estágio.

As planificações apresentadas, foram elaboradas tendo em consideração as sugestões das professora titular da sala, sendo que, para cada uma das áreas curriculares e para cada dia da semana foi elaborada uma planificação correspondente.

Optou-se por, nesta valência elaborar planificações diárias, uma vez que as atividades foram preparadas tendo em conta os conteúdos a desenvolver e sugeridos pela professora cooperante para cada uma das semanas.

As atividades dinamizadas tiveram em consideração os objetivos específicos estipulados no quadro 21, a que nos proposemos desenvolver com esta turma e tendo em consideração as indicações da professora titular da sala.

Quadro 21-Objetivos específicos desenvolvidos em contexto de 1ºCEB (OCP, 2004)

Objetivos específicos		
Áreas curriculares disciplinares	Português	<p>Comunicação oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> -participar, em grupo, na elaboração de histórias, de relatos; -completar histórias (imaginar desenlaces possíveis, imaginar cenários, lugar, tempo, personagens, ações) -intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva e situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos); -regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar opiniões, intervir oportunamente); -responder a questionários; -reter informações a partir de um enunciado oral; <p>Comunicação escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> -experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com tema à escolha); -escrever individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de gravuras em sequência, banda desenhada); -ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e complexidade progressivamente alargadas; -estabelecer a sequência de acontecimentos; -localizar a ação no espaço e no tempo; -recolher documentação (gravuras de diferentes disciplinas). <p>Funcionamento da língua:</p> <ul style="list-style-type: none"> -distinguir diferentes tipo de texto (prosa, poesia, banda desenhada); -distinguir, em frases simples, os elementos fundamentais. -distinguir as formas afirmativa e negativa de frases (por transformação) -organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados); -distinguir sílaba tónica e sílaba átona; -exercitar o uso de sinais gráficos de acentuação (acento agudo, grave, circunflexo, til)
	Matemática	<p>Números e operações:</p> <ul style="list-style-type: none"> -ordenar números inteiros em sequência crescentes e decrescentes; -ler e escrever números; -utilizar numeração romana para representar números (até MM); -numa reta graduada, dado o número correspondente a um ponto, atribuir o número correspondente a outros pontos; -estabelecer relações de ordem entre os números e utilizar a simbologia $>$, $<$ ou $=$; -relacionar dezena, centena, milhar, décima e centésima com a unidade e entre si; -explorar e usar regularidades e padrões na adição, subtração e multiplicação; -explicitar oralmente e representar por escrito os passos seguidos ao efetuar cálculos; <p>Forma e espaço (iniciação à geometria):</p> <ul style="list-style-type: none"> -desenhar triângulos, retângulos e quadrados em diferentes posições em papel quadriculado;

	Estudo do Meio	<p><i>Os seus itinerários:</i> -descrever itinerários não diários (passeios, visitas de estudo, férias). -localizar pontos de partida e de chegada.</p> <p><i>Os diferentes espaços do seu bairro ou da sua localidade</i> (habitação, comércio, lazer): -reconhecer as funções desses espaços; -representar esses espaços numa planta do bairro ou da localidade.</p> <p><i>O comércio local:</i> Contactar, observar e descrever diferentes locais de comércio (supermercado, mercearia, sapataria, praça, feira...): -o que vendem; -onde se abastecem; -como se transportam os produtos; -como se conservam os produtos alimentares; -como se vendem (condições de armazenamento e manuseamento...); -reconhecer menções obrigatórias nos produtos (composição, validade, modo de emprego...); -reconhecer a importância do recibo e/ou factura.</p> <p><i>Meios de comunicação:</i> -investigar sobre a evolução dos transportes.</p>
--	----------------	---

Após a apresentação das planificações diárias, exponho uma reflexão crítica sobre cada semana e das atividades desenvolvidas.

Finalizando, será apresentada uma avaliação qualitativa referente à intervenção pedagógica nas diferentes áreas curriculares, tendo por base os objetivos descritos nas planificações semanais bem como as observações da turma do 3ºB, no que se refere a atitudes e comportamentos manifestados e que estarão patentes ao longo das reflexões.

Quadro 22- Planificação Português 19/11/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Português**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB **Nº de alunos:** 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 19/11/2012 (Segunda-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Exploração do Texto “Vontade de Vencer”; 1.1. Leitura do texto; 1.2. Exercício	*Apresentar e apreciar trabalhos individuais ou de grupo, dar sugestões para os melhorar ou continuar. *Reter informações a partir de um enunciado oral.	-Distribui o texto e uma folha pautada a cada um dos alunos, pedindo que escrevam a data e o nome na folha; -pede a alguns alunos que leiam um parágrafo do texto; -questiona os alunos sobre alguns aspetos do texto (título, nome do autor, editora, etc.); -pede aos alunos que escrevam	Recebem o texto e a folha e escrevem o nome e a data na folha; -lêem um parágrafo do texto e os restantes ouvem atenciosamente a leitura do colega; -respondem às questões; -escrevem exercício caligráfico e	Texto “Vontade de Vencer” Folha pautada Questões – Interpretação do texto Questões – exploração gramatical	-Alguns alunos revelaram algumas dificuldades na criação de texto. -Alguns alunos têm dificuldades a nível de caligrafia, sendo que esta não é perceptível.

<p>caligráfico</p> <p>1.3. Interpretação do texto</p>	<p>*Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos com tema sugerido).</p> <p>*Escrever individualmente, a partir de motivações lúdicas (completar histórias);</p> <p>*Ler textos produzidos por iniciativa própria (para a turma).</p> <p>*Responder às perguntas dos ouvintes.</p> <p>Distinguir diferentes tipos de texto (prosa).</p> <p>*Distinguir as formas afirmativa e negativa de frases (por transformação).</p> <p>*Exercitar o uso de sinais de pontuação e auxiliares da escrita (em momentos de trabalho individual).</p>	<p>exercício caligráfico na folha pautada e indica até que parágrafo devem copiar;</p> <p>-circula pela sala verificando se estão a copiar corretamente o texto;</p> <p>-distribui diversas tiras de papel com as questões referentes à interpretação do texto e pede-lhes que as colem na folha pautada;</p> <p>-lê as questões e explica o que pretende que façam em cada uma para que não surjam dúvidas durante o preenchimento das respostas;</p> <p>-pede aos alunos que respondam às perguntas de interpretação do texto;</p> <p>-corrige as questões (registrando no quadro ou apenas oralmente);</p> <p>-pede a opinião aos alunos sobre as respostas dos colegas que as registraram no quadro;</p> <p>-distribui tiras de papel com questões referentes à exploração gramatical do texto e pede-lhes que as colem na folha pautada;</p>	<p>copiam o texto até o parágrafo indicado pelo professor;</p> <p>-recebem as tiras de papel e colam-nas na folha pautada;</p> <p>-ouvem a leitura e a respetiva explicação e colocam as suas dúvidas, caso existam;</p> <p>-respondem às perguntas de interpretação do texto;</p> <p>-lêem as suas respostas;</p> <p>-os outros alunos ouvem atentamente as repostas dos colegas;</p> <p>-dão a sua opinião: analisam/avaliam as respostas produzidas pelos colegas, participando na reformulação das respostas;</p> <p>-recebem as tiras de papel e colam-nas na folha;</p>	<p>Cola Lápis Caneta Borracha Quadro Giz</p>	
--	---	---	---	--	--

<p>1.4. Exploração gramatical;</p>	<p>*Identificar verbos;</p> <p>*Distinguir sílaba tônica e sílaba átona.</p>	<p>-lê as questões e explica o que pretende que façam em cada uma para que não surjam dúvidas durante o preenchimento das respostas;</p> <p>-pede aos alunos que respondam às perguntas;</p> <p>-corrige as questões (registrando no quadro ou apenas oralmente);</p> <p>-pede a opinião aos alunos sobre as respostas dos colegas que as registraram no quadro;</p> <p>-distribui uma tira de papel referente à escrita criativa e pede-lhes que a coleem na folha pautada;</p> <p>-lê o enunciado e pede-lhes que em conjunto dêem um fim ao texto, explicando que para tal devem respeitar as convenções que regulam a interação (ouvir os outros, esperar pela sua vez, acrescentar informação pertinente), bem como as convenções (orto) gráficas e de pontuação e os mecanismos de coesão e coerência adequados;</p>	<p>-ouvem a leitura e a respetiva explicação e colocam as suas dúvidas, caso existam;</p> <p>-respondem às perguntas;</p> <p>-lêem/registam no quadro as suas respostas;</p> <p>-os outros alunos ouvem/visualizam atentamente as repostas dos colegas;</p> <p>-dão a sua opinião: analisam/avaliam as respostas produzidas pelos colegas, participando na reformulação das respostas;</p> <p>-recebem a tira de papel e colam-na na folha;</p> <p>-produzem frases complexas, adequando os tempos verbais, os conectores discursivos, etc.</p> <p>-dão a sua opinião: analisam/avaliam as ideias dos colegas, participando na reformulação das mesmas;</p>		
<p>1.5. Escrita criativa</p>					

		<p>-redige no quadro o texto (de acordo com as propostas dos alunos), relendo as frases com vista ao seu aperfeiçoamento (acrescenta, apaga, substitui);</p> <p>-depois de terminado, lê o texto todo e pergunta aos alunos se pretendem fazer alguma alteração;</p> <p>-caso não queiram modificar nada, pede-lhes que o copiem para a folha que distribuiu anteriormente.</p>	<p>-copiam o texto para a folha.</p>		
--	--	---	--------------------------------------	--	--

Quadro 23 - Planificação Português 20/11/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Português**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB **Nº de alunos:** 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 20/11/2012 (Terça-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Leitura do texto “Tudo ao contrário”; 1.1 Exploração oral de aspetos do texto;	*Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).	Distribui o texto aos alunos; pede a alguns alunos que façam a leitura em voz alta do texto; questiona os alunos sobre alguns aspetos do texto (título, nome do autor, editora);	Recebem o texto; lêem o texto enquanto os restantes alunos escutam atentamente a leitura; respondem às questões;	Texto “Tudo ao contrário” Folha pautada Questões – exploração gramatical Cartões para o “Jogo	-Alguns alunos continuam a revelar uma má caligrafia apesar dos exercícios caligráficos. - As indicações do “Jogo de Mímica”,

<p>1.2. Exercício caligráfico;</p> <p>1.3. Exploração Gramatical;</p> <p>1.4. Escrita Criativa;</p>	<p>*Registrar por cópia texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica.</p> <p>*Responder a questionários. Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita: textos com tema sugerido.</p> <p>*Organizar textos próprios e alheios segundo critérios diversificados (poesia).</p> <p>*Responder às perguntas dos ouvintes.</p> <p>*Ler e interpretar textos poéticos.</p> <p>*Distinguir diferentes tipos de texto (poesia).</p> <p>*Organizar famílias de palavras (segundo critérios</p>	<p>distribui uma folha pautada aos alunos e pede para que escrevam o seu nome e a data; Indica até que parágrafo devem copiar;</p> <p>circula pela sala verificando se estão a copiar corretamente o texto;</p> <p>distribui uma tira de papel com as questões de exploração gramatical;</p> <p>lê as questões e explica o que pretende que façam em cada uma para que não surjam dúvidas durante o preenchimento das respostas;</p> <p>corrige as questões (registrando no quadro ou apenas oralmente);</p> <p>pede aos alunos para que criem um poema com três estrofes a partir do tema: “O meu dia ao contrário”</p> <p>circula pela sala dando apoio aos alunos com mais dificuldades;</p>	<p>recebem a folha e escrevem o seu nome e a data;</p> <p>fazem o exercício caligráfico e copiando o texto até o parágrafo indicado;</p> <p>recebem as tiras de papel e colam-nas na folha pautada;</p> <p>ouvem a leitura e a respetiva explicação e colocam as suas dúvidas, caso existam;</p> <p>lêem as suas respostas;</p> <p>os outros alunos ouvem atentamente as repostas dos colegas;</p> <p>criam o poema;</p>	<p>de Mímica Cola Lápis Caneta Borracha Quadro Giz</p>	<p>talvez não foram as mais apropriadas: melhorar as indicações dadas no jogos.</p> <p>- Alguns alunos revelaram algumas dificuldade na criação de texto, domonstrando pouca criatividade: tentar estimular os alunos.</p>
--	--	---	--	--	--

<p>1.5. Jogo de Mímica.</p>	<p>diversificados).</p> <p>*Interpretar e recriar em linguagem verbal mensagens não verbais (gestos).</p>	<p>Pede a alguns alunos que leiam as suas produções;</p> <p>Pede aos outros alunos que comentem os textos que foram lidos;</p> <p>Pede a alguns alunos que se dirijam ao quadro e que retirem um cartão que descreve uma das ações mencionadas no texto “Tudo ao contrário”. Pede-lhes que façam a leitura silenciosa das ações que constam nos cartões e que representem a ação contrária com gestos para que os seus colegas possam adivinhar a ação apresentada.</p>	<p>Lêem os seus textos; Escutam atentamente os colegas;</p> <p>Dão a sua opinião, avaliando os textos dos colegas;</p> <p>Tentam descobrir a ação apresentada pelo colega.</p>		
------------------------------------	---	---	--	--	--

Quadro 24 - Planificação Português 21/11/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Português

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda

Professora Cooperante: Marta de Freitas

Turma: 3ºB N° de alunos: 26

Nome das Estudantes Estagiárias: Ana Jarimba e Andreia Rodrigues

Orientadora das atividades: Andreia Rodrigues

Orientador Científico: Mestre Fernando Correia

Data: 21/11/2012 (Quarta-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Exploração do Texto “Cozinhar às avessas”; 1.1. Leitura do texto;	*Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo).	Distribui o texto aos alunos; pede a alguns alunos que leiam um parágrafo do texto; questiona os alunos sobre	Recebem o texto; lêem um parágrafo do texto e os restantes ouvem atenciosamente a leitura do colega;	Texto “Cozinhar às avessas” Folha pautada Questões de Interpretação	- Os alunos mostraram-se muito participativos na leitura do texto: tentar criar situações que

<p>1.2. Exercício caligráfico;</p> <p>1.3. Interpretação do Texto;</p> <p>1.4. Exploração gramatical;</p>	<p>*Responder a questionários.</p> <p>*Ler e interpretar textos narrativos.</p> <p>*Estabelecer a sequência de acontecimentos.</p> <p>*Localizar a acção no espaço e no tempo.</p> <p>*Registar por cópia texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica.</p>	<p>alguns aspetos do texto (título, nome do autor, editora);</p> <p>distribui aos alunos uma folha pautada e pede para que escrevam o seu nome e a data;</p> <p>pede aos alunos que escrevam exercício caligráfico na folha pautada e indica até que parágrafo devem copiar;</p> <p>circula pela sala verificando se estão a copiar corretamente o texto;</p> <p>escreve no quadro algumas perguntas de interpretação;</p> <p>pede para que as transcrevam para a folha;</p> <p>faz a correção das questões;</p> <p>distribui uma tira de papel com questões referentes à exploração gramatical do texto e pede-lhes que as colemb na folha pautada;</p> <p>lê as questões e explica o que pretende que façam em cada uma para que não surjam dúvidas durante o</p>	<p>respondem às questões;</p> <p>recebem a folha e escrevem o seu nome e a data;</p> <p>escrevem exercício caligráfico e copiam o texto até o parágrafo indicado pelo professor;</p> <p>copiam as perguntas para a folha;</p> <p>respondem às questões;</p> <p>ajudam na correção das questões;</p> <p>recebem as tiras de papel e colam-nas na folha pautada;</p> <p>ouvem a leitura e a respetiva explicação e colocam as suas dúvidas, caso existam;</p>	<p>Questões – exploração gramatical</p> <p>Cola</p> <p>Lápis</p> <p>Caneta</p> <p>Borracha</p> <p>Quadro</p> <p>Giz.</p>	<p>motivem a leitura.</p>
--	---	---	---	--	---------------------------

		<p>preenchimento das respostas;</p> <p>pede aos alunos para que respondam às questões;</p> <p>corrige as questões (registrando no quadro ou apenas oralmente);</p>	<p>respondem às questões;</p> <p>lêem e registam no quadro as suas respostas;</p> <p>os outros alunos ouvem/visualizam atentamente as repostas dos colegas;</p> <p>dão a sua opinião: analisam/avaliam as respostas produzidas pelos colegas, participando na reformulação das respostas;</p>		
--	--	--	---	--	--

Quadro 25 - Planificação de Matemática 19/11/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Matemática**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB **Nº de alunos:** 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 19/11/2012 (Segunda-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Ficha de consolidação da matéria dada;	*Realizar contagens progressivas e regressivas a partir de números dados; *Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para as operações usando as suas propriedades;	Distribui a cada um dos alunos uma ficha de exercícios e pedelhes que escrevam a data e o nome na mesma; lê os enunciados da ficha, explicando o que pretende que os alunos façam em cada um deles;	Recebem a ficha e escrevem a data e o nome; ouvem atentamente e expõem as suas dúvidas;	Ficha de Trabalho Lápis Borracha Caneta Quadro Giz	-Alguns alunos demonstraram algumas dificuldades nas situações problema.

<p>1.1. Correção da ficha.</p>	<p>*Compreender e realizar algoritmos para as operações de adição e subtração.</p> <p>*Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diversos.</p>	<p>pede aos alunos que resolvam a ficha de exercícios;</p> <p>circula pela sala enquanto os alunos resolvem a ficha de exercícios, apoiando os alunos com mais dificuldades;</p> <p>corrige, em conjunto com os alunos, a ficha de exercícios: pede aos alunos que resolvam os exercícios no quadro e que expliquem a sua resolução;</p>	<p>resolvem a ficha;</p> <p>explicitam, oralmente, os passos seguidos ao efetuar os cálculos;</p> <p>os restantes alunos dialogam com os colegas e com a professora sobre os seus pontos de vista e corrigem os seus exercícios;</p>		
---------------------------------------	--	--	--	--	--

Quadro 26 - Planificação de Matemática 20/11/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
 Unidade Curricular de Estágio e Relatório
 Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Matemática**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB **Nº de alunos:** 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 20/11/2012 (Terça-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Situações Problemáticas;	*Identificar o objetivo e a informação relevante para a resolução de um dado problema. *Conceber e pôr em prática estratégias de resolução de	Distribui a cada um dos alunos uma folha quadriculada e pede que escrevam a data e o nome na mesma; distribui diversos cartões que contêm situações problemáticas e pede-lhes que	Recebem a folha e escrevem a data e o nome; colam-nos na folha quadriculada;	Cartões (situações problemáticas) Lápis Caneta Borracha Quadro Giz	- A resolução dos problemas a pares foi uma boa solução: tentar criar situações de aprendizagem colaborativa.

<p>1.1. Correção dos problemas.</p>	<p>problemas, verificando a adequação dos resultados obtidos e dos processos utilizados. *Representar informação e ideias matemáticas de diversas formas. *Expressar ideias e processos matemáticos, oralmente e por escrito, utilizando linguagem e vocabulário próprios. *Discutir resultados, processos e ideias matemáticos.</p>	<p>os colem na folha quadriculada; lê os enunciados dos cartões explicando o que pretende que os alunos façam em cada um deles; pede aos alunos que os resolvam a pares; pede aos alunos que resolvam a ficha de exercícios; circula pela sala enquanto os alunos resolvem a ficha de exercícios, apoiando os alunos com mais dificuldades; corrige, em conjunto com os alunos os problemas: pede aos alunos que os resolvam no quadro e que expliquem a sua resolução;</p>	<p>ouvem atentamente e expõem as suas dúvidas; resolvem com o seu respetivo par as situações problemáticas; explicitam, oralmente, os passos seguidos ao efetuar os cálculos; os restantes alunos dialogam com os colegas e com a professora sobre os seus pontos de vista e corrigem os seus exercícios;</p>		
--	---	--	--	--	--

Quadro 27 - Planificação de Matemática 21/11/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano

Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre**Plano de Matemática****Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB Nº de alunos: 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 21/11/2012 (Quarta-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Resolução de uma	*Comparar números e ordená-los em sequências crescentes e decrescentes. *Utilizar estratégias de cálculo mental e	Distribui a cada um dos alunos uma ficha de exercícios e pede-lhes que escrevam a data e o nome na mesma; lê os enunciados da ficha,	Recebem a ficha e escrevem a data e o nome; ouvem atentamente e expõem as	Ficha de exercícios Lápis Caneta Borracha Quadro Giz	-alguns alunos demonstraram algumas dificuldades em ordenar as sequências.

<p>ficha de exercícios;</p> <p>1.1. Correção da ficha de exercícios.</p>	<p>escrito para as operações usando as suas propriedades.</p> <p>*Compreender e realizar algoritmos para as operações de adição, subtração e multiplicação.</p> <p>*Compreender os efeitos das operações sobre os números.</p> <p>*Realizar estimativas e avaliar a razoabilidade de um dado resultado em situações de cálculo.</p> <p>*Identificar, numa grelha quadriculada, pontos equidistantes de um dado ponto.</p> <p>*Utilizar a numeração romana para representar números (até MM).</p> <p>*Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a simbologia $>$, $<$, $=$;</p> <p>*Relacionar dezena, centena e milhar com a unidade e entre si.</p>	<p>explicando o que pretende que os alunos façam em cada um deles;</p> <p>pede aos alunos que resolvam a ficha de exercícios;</p> <p>circula pela sala enquanto os alunos resolvem a ficha de exercícios, apoiando os alunos com mais dificuldades;</p> <p>corrige, em conjunto com os alunos, a ficha de exercícios: pede aos alunos que resolvam os exercícios no quadro e que expliquem a sua resolução;</p>	<p>suas dúvidas;</p> <p>resolvem a ficha;</p> <p>explicitam, oralmente, os passos seguidos ao efetuar os cálculos;</p> <p>os restantes alunos dialogam com os colegas e com a professora sobre os seus pontos de vista e corrigem os seus exercícios;</p>		<p>-alguns alunos revelaram dificuldades na multiplicação</p>
---	--	---	---	--	---

Quadro 28 - Planificação de Estudo do Meio 21/11/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
 Unidade Curricular de Estágio e Relatório
 Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Estudo do Meio**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB N° de alunos: 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 21/11/2012 (Quarta-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Introdução do tema: "O comércio local";	*Contatar, observar e descrever diferentes locais de comércio: -onde se abastecem; -como se transportam os produtos;	Apresentação de um <i>Power Point</i> sobre a temática;	Visualizam atentamente a apresentação;	Computador <i>Slide show</i> Quadro Giz	Quando apresentar power point não ficar de costas para a turma.
2. <i>Quiz</i> : o comércio local	-como se conservam	apresenta aos alunos a atividade;	escutam atentamente;	Folha branca para registo das respostas Cartões com	Estabelecer melhor as regras para

	<p>os produtos alimentares.</p> <p>-como se vendem (condições de armazenamento e manuseamento...).</p> <p>-reconhecer menções obrigatórias nos produtos (composição, validade, modo de emprego).</p> <p>-reconhecer a importância do recibo e/ou factura.</p>	<p>divide a turma em grupos de 5/6 elementos;</p> <p>distribui uma folha branca para registo das respostas;</p> <p>lê as questões;</p> <p>recolhe as folhas;</p> <p>entrega um certificado à equipa vencedora.</p>	<p>organizam-se em grupos;</p> <p>recebem a folha e escrevem o nome dos elementos de cada equipa;</p> <p>escutam atentamente e registam as respostas;</p> <p>entregam as folhas;</p>	<p>questões Certificados</p>	<p>trabalhos de grupo de modo a não haver tanto barulho.</p>
--	---	--	--	----------------------------------	--

1ª Semana de Intervenção - 19 a 21 de novembro

Esta semana corresponde à primeira semana em que fui dinamizadora das atividades pedagógicas. Como já referido o trabalho desenvolvido seguiu as sugestões da professora titular. Após a semana de observação, em que pudemos contactar com o modelo de intervenção da professora titular, inferimos que esta utiliza uma pedagogia que assenta no modelo tradicional, caracterizando-se esta por um modelo transmissivo. Em conversa com a docente, pudemos perceber que esta não nos aconselhava desviarmo-nos desta pedagogia. No entanto, e por nos encontrarmos em estágio eu e a minha colega de estágio achamos por bem organizar atividades tendo por base a nossa formação académica e as quais irei descever ao longo das minhas reflexões.

Relativamente ao Português os textos utilizados foram os que já constavam da planificação da docente. Esta planifica em conjunto com o professor titular da outra turma de terceiro ano. De modo a que os conteúdos a abordar fossem idênticos para as duas turmas, a professora pediu-nos que utilizássemos os mesmos textos. Seguindo esta orientação, procurámos trabalhar os conteúdos que inicialmente haviam sido sugeridos e outros aspetos que durante a semana de observação havíamos identificado, nomeadamente a má caligrafia e dificuldades a nível de criação de texto.

Ao longo da semana a organização das aulas desta área curricular seguiu sempre o mesmo formato, sendo que este se baseava, inicialmente à leitura e interpretação dos textos. Após este primeiro momento, foi pedido aos alunos que fizessem a cópia do texto. Este exercício, utilizado, como observamos pela docente titular, serviu para que praticassem a escrita e tinha como objetivo a melhoria progressiva da caligrafia. Durante a semana foram elaborados vários exercícios de exploração gramática, uma vez que os alunos demonstravam algumas dificuldades nestas áreas, nomeadamente da separação e classificação silábica.

Igualmente foi dada alguma relevância à exploração dos diferentes tipos de texto: prosa e poesia. Na atividade do dia 19/11/2012, em que foi pedido à turma que em conjunto criassem um final diferente para a história, os alunos mostraram-se muito participativos no entanto não conseguiram impor uma sequência de acontecimentos à história. Assim foi necessário assumir uma postura de mediadora da atividade de modo a que a nossa história e os acontecimentos nela mencionados fizessem sentido. Este tipo de exercícios, os quais promovem e desenvolvem o interesse pela escrita e a criatividade é fundamental para a estruturação do pensamento lógico dos alunos.

Relativamente ao texto “Tudo ao contrário”, abordado no dia 20/11/2012 pretendia-se abordar a poesia. De forma a incentivar, novamente a escrita criativa foi pedido aos alunos que criassem um poema sob a temática tratada no texto. Assim foi dado um título aos alunos “O meu dia ao contrário” e a partir deste teriam de elaborar um poema. Enquanto isto eu e a minha colega de estágio circulávamos pela sala de modo a auxiliar os alunos na elaboração desta tarefa. Numa fase posterior foram seleccionados alguns poemas para serem apresentados à turma os quais foram alvo de comentários por parte dos restantes alunos. Desta forma pretendia-se que estes fossem capazes de intervir adequada e criticamente manifestando a sua opinião sobre os trabalhos dos colegas. Pudemos verificar que embora, pouco participativos, no geral os alunos que intervieram e manifestaram respeito pelo outro (colega).

Posteriormente, recorreu-se a um jogo de mímica, ainda sob a mesma temática.

Este consistia na visualização de uma imagem a qual representava uma ação, através de mímica. Um aluno colocava-se de frente para a turma e mimava a ação que estava no cartão. Os restantes alunos teriam de adivinhar qual seria a ação contrária àquela que o colega estava a mimar. Utilizar o jogo como motivação, penso que foi benéfico uma vez que manteve os alunos interessados na atividade, mostrando-se muito participativos e envolvidos.

No entanto, e após alguma reflexão, penso que as imagens nos cartões para mimar não foram mais indicadas, uma vez que os alunos sentiram algumas dificuldades, não conseguindo nomear qual a ação contrária ao que o colega estava a gestualizar. De futuro tenho de ponderar muito bem a elaboração das atividades de modo a que a sua compreensão para o alunos seja acessível.

No que se refere à área curricular da Matemática, as atividades desenvolvidas nesta primeira semana, incidiram sobre a adição e subtração, situações problema e ordenação de números seguindo uma sequência. A professora titular, tinha-nos sugerido que déssemos importância a estes temas, uma vez que os alunos teriam provas de avaliação durante o nosso estágio. Assim as nossas intervenções referentes à Matemática foram nesse sentido. De referir que durante a semana de observação e em conversa com a professora titular questionámos esta sobre a possibilidade de introduzir uma nova um dos temas programáticos, no entanto isto não foi possível uma vez que os conteúdos programados para os meses que coincidiram com a nossa prática, já haviam sido todos abordados. É neste contexto que em grande parte das nossas intervenções são plenas de momentos de revisão e consolidação de conteúdos.

De realçar que o que se tentou fazer durante esta primeira semana de prática foi criar situações de aprendizagem colaborativa, como é exemplo disto a atividade desenvolvida no dia 20/11/2012, com a resolução de situações problemáticas.

Finalmente, e no que respeita ao Estudo do Meio, recorreu-se à utilização das novas tecnologias, nomeadamente à apresentação de um *power point* sob a temática: “O comércio local”. Deu-se início à atividade com a exposição à turma da apresentação do *power point* a qual foi acompanhado de um diálogo, de modo a perceber quais os conhecimentos dos alunos sobre o tema e elucidá-los sobre algumas dúvidas que pudessem surgir. Os alunos mostraram possuir alguns conhecimentos sobre o tema, relatando experiências e vivências do quotidiano sobre o mesmo. Por forma a verificar se o conhecimento havia sido apreendido, desenvolveu-

se uma atividade de grupo, intitulada “Quiz do Comércio”. Para dinamizar esta atividade pediu-se aos alunos que formassem grupos de cinco elementos procedendo-se a leitura das questões as quais cada grupo deveriam interpretar e registar a resposta. No final do jogo foram atribuídos certificados à equipa vencedora. Em geral os alunos demonstraram conseguir responder corretamente a todas as questões, no entanto e na minha opinião, o trabalho em grupo contribuiu para os bons resultados, uma vez que permitiu um intercâmbio de saberes e conhecimentos.

Desta primeira semana destaco, pela positiva a interação com a turma, a qual se mostrou sempre muito participativa nas atividades desenvolvidas. Ao longo da semana e através das interações fui conhecendo melhor os alunos, as suas dificuldades e pontualidades, e que terei em conta ao longo do meu estágio de modo a dar resposta às mesmas.

Igualmente destaco o trabalho em grupo, uma vez que senti que alguns alunos tinham mais dificuldades do que outros. Desta forma apoiaram-se mutuamente na construção do conhecimento.

Pela negativa destaco as limitações impostas pela docente titular, no que se refere aos conteúdos e a forma de os abordar.

Quadro 29 - Planificação de Matemática 29/11/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
 Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
 Unidade Curricular de Estágio e Relatório
 Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Matemática**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB **Nº de alunos:** 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Ana Jarimba/Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 29/11/2012 (quinta-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Multiplicação 1.1 Jogo “Descobre as palavras”	*Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para as quatro operações usando as suas propriedades. *Compreender, construir e memorizar as tabuadas da multiplicação.	Entrega uma ficha de trabalho; pede que escrevam o nome e data; explica o funcionamento da atividade; pede que efetuem os cálculos e que descubram a palavra	Recebem a folha; escrevem nome e data; escutam atentamente; resolvem os exercícios.	Ficha de trabalho: “Descobre a Palavra” Lápis borracha	

RELATÓRIO DE ESTÁGIO 122

	<p>*Compreender os efeitos das operações sobre os números.</p> <p>*Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diversos.</p> <p>*Resolver problemas que envolvam o raciocínio proporcional.</p>	<p>escondida;</p> <p>faz a correção dos exercícios no quadro com a ajuda dos alunos.</p>	<p>ajudam na resolução dos exercícios.</p>		
--	---	--	--	--	--

Quadro 30 - Planificação Português 03/12/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Português**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB N° de alunos: 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 03/12/2012 (segunda-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Texto <i>O bom pastor</i> ;	*Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).	Entrega aos alunos o texto; pede a alguns alunos que façam a leitura do texto para a turma; pede aos alunos que identifiquem qual o tipo de	Recebem o texto; lêem o texto e scutam a leitura; respondem à questão;	Texto <i>O bom Pastor</i> Cartaz com síntese dos tipos de texto Ficha de Interpretação Ficha de Exploração Gramatical Folhas	

<p>1.1. Revisão dos tipos de texto;</p> <p>1.2. Interpretação do texto;</p> <p>1.3. Exploração Gramatical;</p> <p>1.4. Escrita Criativa.</p>	<p>*Responder a questionários.</p> <p>*Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...).</p> <p>*Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para a turma, para o grupo, para um companheiro, para o professor).</p> <p>*Ouvir e ler narrativas e poemas de extensão e complexidade progressivamente Alargadas.</p> <p>*Estabelecer a sequência de acontecimentos.</p> <p>*Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, teatro, texto oral).</p> <p>*Distinguir as formas afirmativa e negativa de frases (por</p>	<p>texto que leram;</p> <p>questiona a turma sobre os tipo de texto anteriormente abordado;</p> <p>apresenta à turma um cartaz com uma síntese dos tipos de texto;</p> <p>distribui uma ficha de interpretação sobre o texto lido;</p> <p>Faz a correção da ficha;</p> <p>distribui uma ficha de exploração gramatical;</p> <p>recolhe as fichas;</p> <p>distribui uma folha pautada;</p> <p>explica a atividade aos alunos: escrita criativa</p> <p>pede a alguns alunos que leiam o seu texto para a turma.</p>	<p>respondem à questão, referindo os tipos de texto abordados;</p> <p>observam o cartaz e colocam questões;</p> <p>recebem a ficha;</p> <p>acompanham a correção da ficha;</p> <p>fazem a resolução da ficha;</p> <p>entregam a ficha;</p> <p>recebem a folha;</p> <p>escutam o que é pretendido; Criam os textos;</p> <p>escutam os colegas; tecem alguns comentários.</p>	<p>Lápis Borracha</p>	
--	--	---	---	---------------------------	--

	<p>transformação).</p> <p>*Estabelecer relações de significado entre as palavras (sinonímia, antónima).</p> <p>*Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados).</p> <p>*Identificar verbos.</p>				
--	--	--	--	--	--

Quadro 31 - Planificação Português 05/12/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Português

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda

Professora Cooperante: Marta de Freitas

Turma: 3ºB N° de alunos: 26

Nome das Estudantes Estagiárias: Ana Jarimba e Andreia Rodrigues

Orientadora das atividades: Ana Jarimba e Andreia Rodrigues

Orientador Científico: Mestre Fernando Correia

Data: 05/12/2012 (Quarta-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Texto <i>A Ceia de Natal</i> ;	*Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).	Entrega aos alunos o texto; pede a alguns alunos que façam a leitura do texto para a turma;	Recebem o texto; lêem o texto/Escutam a leitura;	Texto <i>A Ceia de Natal</i> Ficha de Interpretação Ficha de Exploração Gramatical Folhas Lápis	
1.1. Interpretação do	*Responder a	distribui uma ficha de	recebem a ficha;		

<p>texto;</p> <p>1.2. Exploração Gramatical;</p> <p>1.3. Escrita Criativa.</p>	<p>questionários.</p> <p>*Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...).</p> <p>*Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para a turma, para o grupo, para um companheiro, para o professor).</p> <p>*Ouvir e ler narrativas e poemas de extensão e complexidade progressivamente alargadas.</p> <p>*Estabelecer a sequência de acontecimentos.</p> <p>*Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, teatro, texto oral).</p> <p>*Distinguir as formas afirmativa e negativa de frases (por transformação).</p> <p>*Estabelecer relações</p>	<p>interpretação sobre o texto lido;</p> <p>faz a correção da ficha;</p> <p>distribui uma ficha de Exploração Gramatical;</p> <p>recolhe as fichas;</p> <p>distribui uma folha pautada;</p> <p>explica a atividade aos alunos: escrita criativa</p> <p>pede a alguns alunos que leiam os seus textos para a turma.</p>	<p>acompanham a correção da ficha;</p> <p>fazem a resolução da ficha;</p> <p>entregam a ficha;</p> <p>recebem a folha;</p> <p>escutam o que é pretendido; Criam os textos;</p> <p>escutam os colegas; tecem alguns comentários.</p>	Borracha	
--	--	--	---	----------	--

	<p>de significado entre as palavras (sinonímia, antónima).</p> <p>*Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados).</p>				
--	---	--	--	--	--

Quadro 32 - Planificação Matemática 03/12/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
 Unidade Curricular de Estágio e Relatório
 Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Matemática**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB Nº de alunos: 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 03/12/2012 (segunda-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Revisões para a Ficha de Avaliação.	*Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para as quatro operações usando as suas propriedades; *Compreender os efeitos das operações sobre os números;	Entrega uma ficha de trabalho; pede que resolvam os exercícios; faz a correção da ficha no quadro de modo a tirar dúvidas.	Recebem a ficha; resolvem a ficha; participam na correção da ficha e verificam os resultados.	Ficha de trabalho Lápis Borracha	

	<p>*Comparar números e ordená-los em sequências crescentes e decrescentes.</p> <p>*Compreender e realizar algoritmos para as operações de adição e subtração.</p> <p>*Resolver problemas tirando partido da relação entre a multiplicação e a divisão.</p> <p>*Resolver problemas que envolvam as operações em contextos diversos.</p> <p>*Investigar regularidades numéricas.</p>				
--	--	--	--	--	--

Quadro 33 - Planificação de Matemática 05/12/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
 Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
 Unidade Curricular de Estágio e Relatório
 Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Matemática**Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda****Professora Cooperante:** Marta de Freitas**Turma:** 3ºB N° de alunos: 26**Nome das Estudantes Estagiárias:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientadora das atividades:** Ana Jarimba e Andreia Rodrigues**Orientador Científico:** Mestre Fernando Correia**Data:** 05/12/2012 (Quarta-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Revisões para a Ficha de Avaliação.	*Comparar números e ordená-los em sequências crescentes e decrescentes. *Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para as operações usando as	Distribui a cada um dos alunos uma ficha de exercícios e pede-lhes que escrevam a data e o nome na mesma; lê os enunciados da ficha, explicando o que pretende que os alunos façam em cada um	Recebem a ficha e escrevem a data e o nome; ouvem atentamente e expõem as suas dúvidas;	Ficha de trabalho Lápis Borracha Caneta Quadro Giz	

<p>1.1. Correção da ficha.</p>	<p>suas propriedades. *Compreender e realizar algoritmos para as operações de adição, subtração e multiplicação. *Compreender os efeitos das operações sobre os números. *Realizar estimativas e avaliar a razoabilidade de um dado resultado em situações de cálculo. *Utilizar a numeração romana para representar números (até MM). *Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a simbologia $>$, $<$, $=$. *Relacionar dezena, centena e milhar com a unidade e entre si. *Identificar o objetivo e a informação relevante para a resolução de um dado problema. *Conceber e pôr em prática estratégias de resolução de problemas, verificando</p>	<p>deles; pede aos alunos que resolvam a ficha de exercícios; circula pela sala enquanto os alunos resolvem a ficha de exercícios, apoiando os alunos com mais dificuldades; corrige, em conjunto com os alunos, a ficha de exercícios: pede aos alunos que resolvam os exercícios no quadro e que expliquem a sua resolução.</p>	<p>resolvem a ficha; explicitam, oralmente, os passos seguidos ao efetuar os cálculos; os restantes alunos dialogam com os colegas e com a professora sobre os seus pontos de vista e corrigem os seus exercícios;</p>		
---------------------------------------	---	--	--	--	--

	<p>a adequação dos resultados obtidos e dos processos utilizados.</p> <p>*Representar informação e ideias matemáticas de diversas formas.</p> <p>*Expressar ideias e processos matemáticos, oralmente e por escrito, utilizando linguagem e vocabulário próprios.</p> <p>*Discutir resultados, processos e ideias matemáticos.</p>				
--	--	--	--	--	--

Quadro 34 - Planificação de Estudo do Meio 05/12/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Estudo do Meio

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda

Professora Cooperante: Marta de Freitas

Turma: 3ºB Nº de alunos: 26

Nome das Estudantes Estagiárias: Ana Jarimba e Andreia Rodrigues

Orientadora das atividades: Ana Jarimba e Andreia Rodrigues

Orientador Científico: Mestre Fernando Correia

Data: 05/12/2012 (Quarta-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Revisões para a Ficha de Avaliação.	*Descrever itinerários diários e não diários (casa/escola, lojas, passeios, visitas de estudo, férias,...). *Localizar os pontos de partida e chegada; *Traçar o itinerário na	Distribui a cada um dos alunos uma ficha de exercícios e pede-lhes que escrevam a data e o nome na mesma; lê os enunciados da ficha, explicando o que pretende que os alunos façam em cada um	recebem a ficha e escrevem a data e o nome; ouvem atentamente e expõem as suas dúvidas;	Ficha de trabalho Lápis Borracha Caneta Quadro Giz	

<p>1.1. Correção da ficha.</p>	<p>planta do bairro ou da localidade. *Distinguir diferentes tipos de transportes utilizados na sua comunidade. *Conhecer outros tipos de transportes. *Reconhecer tipos de comunicação pessoal (correio, telefone,...). *Reconhecer tipos de comunicação social (jornais, rádio, televisão,...). *Identificar processos de orientação. *Reconhecer os diferentes espaços do seu bairro ou da sua localidade (habitação, comércio, lazer). *Reconhecer as funções desses espaços. *Contatar, observar e descrever diferentes locais de comércio (supermercado, mercearia, etc.) * Conhecer aspetos da cultura das minorias que eventualmente habitem na localidade</p>	<p>deles; pede aos alunos que resolvam a ficha de exercícios; circula pela sala enquanto os alunos resolvem a ficha de exercícios, apoiando os alunos com mais dificuldades; corrige, em conjunto com os alunos, a ficha de exercícios: pede aos alunos que resolvam os exercícios no quadro.</p>	<p>resolvem a ficha; registam no quadro as respostas; os restantes alunos dialogam com os colegas e com a professora sobre os seus pontos de vista e corrigem os seus exercícios;</p>		
---------------------------------------	---	--	---	--	--

	ou bairro (costumes, língua, gastronomia, música, etc.)				
--	---	--	--	--	--

2ª Semana de Intervenção – 29 novembro a 05 dezembro

Nesta segunda semana a intervenção pedagógica na valência do 1ºCEB foi caracterizada pela partilha de papéis entre mim e a minha colega de estágio, uma vez que as atividades foram dinamizadas por ambas.

No que respeita à área ao Português, as atividades desenvolvidas enquadraram-se nos mesmos moldes, da minha primeira semana de intervenção, ou seja, leitura e interpretação de texto, exploração gramatical com ênfase para a criação de texto.

Tendo em conta o trabalho desenvolvidos em intervenções anteriores, quer minhas quer da minha colega, foi apresentado à turma um cartaz com uma síntese dos tipos de texto já abordados, o qual serviu igualmente para a preparação para o testes que se aproximavam.

No dia 05/12/2012, após conversa com a professora titular, foi-me permitido a escolha do texto a trabalhar. Assim e uma vez que se aproximava uma época festiva, escolheu-se o texto “A Ceia de Natal”. De referir que este texto foi igualmente apresentado à outra turma do terceiro ano a pedido da docente.

Ao longo da semana demos seguimento à criação de texto, uma vez que achámos que os alunos continuavam a demonstrar alguma dificuldade.

Relativamente à Matemática, toda a nossa ação foi desencadeada, em função das fichas de avaliação que os alunos iriam ter na semana seguinte. Assim, e em discussão com a professora titular, esta pediu-nos que dedicássemos especial atenção às revisões. Neste sentido elaboraram-se exercícios que abrangessem todos os conteúdos abordados quer pela professora titular quer por nós, nomeadamente a numeração romana, que havia sido introduzido pela minha colega de estágio. Os exercícios elaborados incidiram na multiplicação, contagens, sequências lógicas, situações problema, utilização da simbologia $<$, $>$, $=$ e numeração romana.

A atividade desenvolvida no dia 29/11/2012 intitulada “Descobre a Palavra”, tinha como objetivo que através de uma série de operações matemáticas os alunos fossem encontrando a letra correspondente e consequentemente formassem diferentes palavras. Na minha opinião esta atividade foi muito cativante para os alunos, uma vez que tinha um caráter de desafio, o que fez com que estes estivessem mais envolvidos na mesma.

Em relação à Área Curricular de Estudo do Meio, a professora titular, solicitou-nos que preparássemos os alunos para a ficha de avaliação. Os temas a abordar seriam: nomeadamente o itinerário, ponto de partida e de chegada, meios de transporte, meios de comunicação bem como o comércio local, temas estes que na sua maioria já haviam sido abordados pela professora titular da sala. Neste sentido optou-se por apresentar à turma uma ficha de trabalho, a qual abordava todos estes temas. Enquanto os alunos procediam com a resolução da ficha eu e a minha colega de estágio circulávamos pela sala de modo a auxiliá-los.

A nossa intervenção ao longo desta segunda semana, caracterizou-se por momentos de verificação de conhecimentos, no sentido em que as atividades desenvolvidas visavam a preparação para as fichas de avaliação de final do período escolar.

Desta semana, destaco pela negativa, o facto de novamente termos estado limitadas relativamente aos conteúdos, uma vez que os alunos tinham fichas de avaliação na semana seguinte. Desta forma não tivemos oportunidade de desenvolver atividades mais estimulantes as quais envolvessem os alunos, adotando assim um tipo de atividades mais diretiva. É neste contexto, que na minha opinião, torna-se difícil desenvolver atividades aliciantes e interessantes, que promovam aprendizagens significativas, quando não temos espaço nem oportunidades para tal.

Igualmente não posso deixar de referir que o facto de que ao dinamizarmos as atividades em conjunto, trouxe um pouco de confusão aos alunos, alterando algumas dinâmicas na sala.

Quadro 35 - Planificação de Português 10/12/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Português

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda

Professora Cooperante: Marta de Freitas

Turma: 3ºB Nº de alunos: 26

Nome das Estudantes Estagiárias: Ana Jarimba e Andreia Rodrigues

Orientadora das atividades: Andreia Rodrigues

Orientador Científico: Mestre Fernando Correia

Data: 10/12/2012 (segunda-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. História: “A lenda do Pinheiro”; 1.1 Criação da história através da observação de imagens.	*Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido,	Expõe as imagens no quadro; explica que aquelas imagens contam uma história “A lenda do Pinheiro”; pede que observem bem as imagens e que escrevam um	Observam atentamente as imagens; escutam atentamente; escrevem o texto a partir daquilo	Imagens Ficha (Plano da história) Folhas pautadas; Lápis Borracha	

	<p>textos com temas à escolha...).</p> <p>*Escrever individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (criar histórias a partir de gravuras desordenadas ou em sequência).</p> <p>*Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria para a turma e para o professor.</p>	<p>texto a contar a história;</p> <p>pedem para que alguns alunos leiam as suas criações para a turma;</p> <p>lê a verdadeira história “A lenda do Pinheiro” para a turma.</p>	<p>que observam;</p> <p>alguns alunos lêem os seus textos para a restante turma;</p> <p>escutam atentamente.</p>		
--	--	--	--	--	--

Quadro 36 - Planificação de Expressão Plástica 10/12/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Expressão Plástica

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda

Professora Cooperante: Marta de Freitas

Turma: 3ºB N° de alunos: 26

Nome das Estudantes Estagiárias: Ana Jarimba e Andreia Rodrigues

Orientadora das atividades: Andreia Rodrigues

Orientador Científico: Mestre Fernando Correia

Data: 10/12/2012 (segunda-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Decorações de Natal para a sala de aula	*Explorar as possibilidades de diferentes materiais: papel colorido através do corte. *Fazer composições	Apresenta a atividade aos alunos; pede para que cortem círculos para a cabeça do pai natal; outros mais pequenos em preto, para o nariz, e em vermelho para o nariz;	Escutam atentamente; seguem as orientações da professora;	Papel colorido: vermelho, preto, rosa. Folhas brancas Tesoura Cola Lápis.	

Quadro 37 - Planificação de Matemática 11/12/2012



Centro de Competência de Ciências Sociais

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico - 2º ano
Unidade Curricular de Estágio e Relatório
Ano letivo 2012/2013 – 1º Semestre

Plano de Matemática

Escola Básica do 1º Ciclo com Pré-escolar da Ajuda

Professora Cooperante: Marta de Freitas

Turma: 3ºB Nº de alunos: 26

Nome das Estudantes Estagiárias: Ana Jarimba e Andreia Rodrigues

Orientadora das atividades: Andreia Rodrigues

Orientador Científico: Mestre Fernando Correia

Data: 11/12/2012 (Terça-feira)

Momentos de Trabalho	Objetivos Específicos	Papéis		Material	Aperfeiçoar
		Do professor	Dos alunos		
1. Desafios Matemáticos;	*Identificar o objetivo e a informação relevante para a resolução de um dado problema. *Conceber e pôr em	Pede aos alunos que formem grupos; distribui a cada um dos alunos uma ficha com desafios matemáticos e um cartão, por grupo, com as regras de	Formam os grupos; recebem a ficha e o cartão e escrevem a data e o nome;	Ficha (desafios matemáticos) Cartões das regras de pontuação Lápis Caneta Borracha	

<p>1.1. Correção dos desafios.</p>	<p>prática estratégias de resolução de problemas, verificando a adequação dos resultados obtidos e dos processos utilizados.</p> <p>*Representar informação e ideias matemáticas de diversas formas.</p> <p>*Expressar ideias e processos matemáticos, oralmente e por escrito, utilizando linguagem e vocabulário próprios.</p> <p>*Discutir resultados, processos e ideias matemáticas.</p>	<p>pontuação para os problemas;</p> <p>explica que cada problema será cotado, de acordo com as regras de pontuação;</p> <p>lê os enunciados dos desafios explicando o que pretende que os alunos façam em cada um deles;</p> <p>pede aos alunos que os resolvam em grupos; circula pela sala enquanto os alunos resolvem a ficha de exercícios, apoiando os alunos com mais dificuldades; corrige, em conjunto com os alunos os problemas: pede aos alunos que os resolvam no quadro e que expliquem a sua resolução;</p> <p>após a correção de cada um dos exercícios verifica em conjunto com cada um dos grupos qual a pontuação obtida;</p> <p>no fim recolhe as folhas, soma os resultados e anuncia o grupo vencedor.</p>	<p>ouvem atentamente a explicação das regras de pontuação e expõem as suas dúvidas;</p> <p>ouvem/lêem o enunciado e compreendem o problema e expõem as suas dúvidas;</p> <p>resolvem com o seu respetivo grupo os desafios matemáticos;</p> <p>explicitam, oralmente, os passos seguidos ao efetuar os cálculos;</p> <p>os restantes alunos dialogam com os colegas e com a professora sobre os seus pontos de vista e corrigem os seus exercícios;</p> <p>verificam os itens das regras de pontuação e atribuem um valor à resolução dos problemas.</p>	<p>Quadro Giz</p>	
---	---	---	--	-----------------------	--

3ª Semana de Intervenção – 10 e 11 dezembro

A terceira semana, correspondeu à nossa última semana de estágio nesta instituição de ensino.

As atividades desenvolvidas com os alunos passaram pela a abordagem dos conteúdos curriculares que haviam sido desenvolvidos durante as semanas de estágio, quer por mim quer pela minha colega de estágio.

Assim e no que se refere ao Português, optou-se pela escrita criativa a partir de imagens. Para tal dispuseram-se imagens no quadro e solicitou-se aos alunos que as observassem durante alguns minuto. Após este exercício de observação e interpretação, pediu-se que elaborassem uma história. Posteriormente, pediu-se a alguns alunos que lessem o seu texto para a turma. Pude constatar que alguns dos alunos conseguiram, a partir da visualização da imagens, perceber o sentido da história. Após a exposição oral por parte dos alunos, procedi com a leitura verdadeira história da “Lenda do Pinheiro” aos alunos, de modo a que estes percebessem a história e de que esta se tratava de uma lenda, um dos tipos de texto que já haviam sido abordados.

Por sua vez na Matemática, sugeriu-se uma atividade de caráter mais lúdico, a qual consistiu na elaboração de desafios matemáticos. Esta atividade foi desenvolvida em grupo, incentivando desta forma à aprendizagem colaborativa.

Uma vez que se aproximava, como já referido, a chegada de uma época festiva, nomeadamente do Natal, permitiu-nos elaborar atividade que envolvessem mais os alunos. Estas atividades de expressão plástica tinham como objetivo a participação dos alunos na participação na decoração de alguns espaços da escola, nomeadamente o andar do 1º CEB, bem como a própria sala.

Sugeriu-se aos alunos a elaboração de uma coroa de Natal a qual seria colocada na porta de entrada da nossa sala. Assim numa primeira fase foi pedido a cada aluno e inclusive

à professora titular, que desenhasssem o contorno da sua mão numa folha de cartolina verde. Estas serviram de base para a nossa coroa. Posteriormente procedeu-se com a decoração da mesma. A nossa coroa serviu para desejar aos restantes alunos e professores um “Feliz Natal”.

Outra atividade dinamizada foi a elaboração de pais natal em papel, utilizando para tal as mãos e tesoura para cortar as folhas. Esta atividade foi elaborada em conjunto. Na frente da sala orientei a atividade passo a passo com a turma, ao mesmo tempo que a minha colega de estágio auxiliava os alunos na elaboração da mesma. O resultado deste trabalho foi satisfatório, os alunos conseguiram elaborar a atividade a qual envolvia alguma destreza manual. No final os pais natal foram colocados por cima do quadro de ardósia, conferindo assim um espírito natalício à nossa sala de aula. Ainda dentro desta temática, os alunos fizeram uma árvore de Natal, a qual foi colocada no corredor do piso da sala.

Destaco pela positiva, a elaboração da história a partir das imagens, uma vez que é uma abordagem diferente à criação de texto, permitindo aos alunos obter vários enredos para as mesmas imagens. Igualmente destaco as atividades inseridas na temática do Natal. Na minha opinião devemos aproveitar estes momentos para a elaboração de atividades que envolvam os alunos.

Pela negativa destaco o fato de que alguns alunos que foram convocados para o desporto escolar, tivessem de abandonar as atividades a meio, o que fez com que tivessem os seus trabalhos incabados e o que perturbou um pouco toda a dinâmica da aula.

Avaliação Global

É a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar

Philippe Perrenoud

Ao longo das nossas intervenções, recorreu-se a alguns instrumentos de avaliação nomeadamente à criação de textos, testes, apresentações orais. A utilização destes serviu, para que pudéssemos avaliar qualitativamente os objectivos delineados em cada uma das planificações diárias.

Passo a apresentar uma avaliação global de cada uma das áreas curriculares: Português, Matemática e Estudo do Meio, tendo em conta os objetivos específicos expostos no início deste ponto.

Português

A avaliação desta área curricular incidiu na compreensão e expressão oral, expressão escrita e conhecimento explícito.

A compreensão oral entende-se pela “capacidade para atribuir a discursos orais em diferentes variedades do Português”(Currículo Nacional do Ensino Básico(CNEB), p.32). Assim e no que concerne à compreensão e expressão oral, foi possível através da leitura de textos, apresentação de trabalhos e resposta a perguntas de interpretação, que na sua maioria a turma demonstrou compreender o sentido dos textos e conhecimento do vocabulário. Quanto à participação e intervenção oral nas aulas, a maioria dos alunos são muito participativos, com a excepção de três alunos que apenas participavam quando solicitado pelo professor.

Relativamente à expressão escrita, a turma revelou algumas dificuldades, nomeadamente na criação de texto, demonstrando dificuldade em elaborar textos e frases mais complexas.

Por fim, e no que diz respeito ao conhecimento explícito, recorreu-se à utilização de fichas de trabalho para avaliar os conhecimentos dos alunos relativamente às regras gramaticais. Como referido foi dada maior relevância à família de palavras e classificação silábica. Através da correção dos trabalhos da turma, posso afirmar, que na sua maioria, foram capazes de identificar e formar família de palavras, bem como classificar as sílabas consoante o número de sílabas e a sua classificação.

Matemática

No que se refere à Matemática e tendo em conta o exposto nas planificações, optou-se pela utilização de fichas de trabalho, situações de resolução de problemas bem como de jogos, de modo a avaliar as competências dos alunos.

Segundo o CNEB, “a resolução de problemas constitui, em matemática, um contexto universal de aprendizagem e deve, por isso, estar presente, associada ao raciocínio e à comunicação integrada naturalmente” (p.68). Foi neste sentido que se partiu de situações problemáticas que partiram do quotidiano das crianças. Na sua maioria revelaram possuir um bom raciocínio lógico, com a exceção de dois alunos, que tiveram algumas dificuldades em solucionar as atividade deste género.

Optou-se por recorrer à utilização de jogos, para explicar a operação da multiplicação e como forma de consolidar os conhecimento. “O jogo é um tipo de atividade que alia raciocínio, estratégia e reflexão com desafio e competição de uma forma lúdica muito rica” (p.68). Os alunos mostraram-se muito empenhados na atividade, participando com

entusiasmo. Pode-se verificar que as noções matemáticas que estávamos a abordar estavam bem desenvolvidas na maior parte dos alunos.

Estudo do Meio

Para avaliar os alunos, considerou-se duas competências gerais referente ao Bloco 4 do Programa Curricular do EB: à descoberta das inter-relações entre espaços.

Assim, no que refere a localizar pontos de partida e chegada em diferentes itinerários, alguns alunos demonstraram algumas dificuldade em identificar estes pontos e não sabendo o significado dos mesmos.

Relativamente à identificação de diferentes espaços da sua localidade, a maioria dos alunos revelou saber nomear esses locais.

No que se refere ao comércio local, os alunos conseguiram na sua maioria reconhecer os diferentes tipos de comércio, o que vendem, onde se abastecem e os processos de conservação dos alimentos. Na atividade de identificar as menções honrosas nas embalagens dos alimentos, foram muitos os alunos que revelaram alguma dificuldade em identificar : data de validade; composição; modo de emprego, peso líquido; valor energético; entre outras.

Por fim e relativamente à evolução dos meios de comunicação, os alunos revelaram compreender os meios de comunicação, bem como conseguiram ordená-los numa linha do tempo, do mais antigo para o mais recente.

Intervenção com a comunidade

Tal como aconteceu na valência de EPE, foram desenvolvidas algumas ações em articulação com as famílias e com a comunidade escolar. Envolver as famílias e a

Seguidamente e em conjunto, ponderou-se a que instituição social iríamos entregar os brinquedos e optou-se por entregá-los no Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família. Esta é uma instituição particular de solidariedade social com fins de saúde que se dedica ao cuidado de crianças e jovens com deficiência mental (ligeira, média e profunda), deficiência motora e paralisia cerebral

No final do nosso estágio, deslocámo-nos a esta instituição para fazer a entrega dos brinquedos. Fomos recebidos pelas responsáveis e pelas crianças e jovens, que nos acolheram com grande entusiasmo. Foi um momento gratificante, tendo estes demonstrado grande alegria por receber estes brinquedos.

Figura 45 - Entrega dos brinquedos



Seminário: “Gestão de stress”

No âmbito das ações desenvolvidas com a comunidade, desenvolveu-se um seminário sobre “Gestão de stress” (fig. 46). A escolha recaiu sobre este tema, por acharmos tratar-se de

uma temática muito atual e relevante. Em todas as profissões estamos expostos a situações de stress e muitas vezes não sabemos como reagir. Foi no sentido de elucidar tanto a comunidade escolar como os encarregados de educação e todos os interessados como gerir estas situações.

Numa primeira fase foi endereçado aos pais um convite de forma a notificá-los sobre esta iniciativa e para confirmar a sua presença. Ao mesmo tempo foi elaborado um cartaz (Apêndice C), o qual foi afixado em vários locais da escola. Como oradora principal, convidou-se a Dr^a Carmo Aragão, que abordou esta temática do stress na profissão e como lidar com mesmo.

Figura 46 - Palestra "Gestão de stress"



Seguidamente procedeu-se a uma sessão de Técnicas de Relaxamento de yoga (fig. 47), com a convidada a Prof^a Vera Henriques, a qual é igualmente educadora nesta instituição escolar e que se prontificou logo a participar nesta iniciativa.

No final do seminário, faz-se um balanço positivo, pois teve grande afluência por parte dos encarregados de educação.

Figura 47 - Técnicas de Relaxamento de yoga



Reflexão Final relativa à intervenção educativa em EPE e 1ºCEB

Nesta fase de estágio que coincide com o término de mais esta etapa do meu processo de formação, foram muitas as conclusões às quais cheguei e que me influenciaram positiva e negativamente. O estágio possibilitou-me adquirir saberes e ferramentas, que me auxiliarão futuramente na minha prática diária.

Relativamente à minha prática educativa em EPE, esta decorreu da melhor forma. A boa relação com o grupo e equipa pedagógica contribuiu enormemente para o sucesso da minha prática. O constante *feedback* da educadora cooperante, através de conversas diárias, permitiu-me refletir e reajustar estratégias de modo a proporcionar ao grupo momentos de aprendizagem significativas e promover o seu desenvolvimento pessoal e social.

Relativamente às atividades desenvolvidas durante o processo de planificação de execução das mesmas, foram surgindo algumas dúvidas, nomeadamente em relação ao modo

de dinamizar as atividades, como abordar determinados assuntos e com a preocupação de que todos os conteúdos fossem articulados corretamente.

Do meu estágio nesta valência destaco as boas relações desenvolvidas com os outros parceiros educativos, nomeadamente com as famílias e comunidade em geral. Ao longo deste, tive a oportunidade de desenvolver várias atividades que contaram com o envolvimento dos pais e encarregados de educação do grupo, os quais se disponibilizaram para estar presentes dando desta forma o seu contributo para as vivências da sala. Igualmente foram elaboradas algumas visitas de estudo a estabelecimentos comerciais deste concelho, os quais se prontificaram a receber as nossas crianças e mostrar-lhes o “mundo”. Atualmente a educação não é um trabalho exclusivo dos professores, estes assumem um papel de mediador entre a sala, a escola e a comunidade em geral, tornando assim os momentos de aprendizagem muito mais significativos no sentido em que, através quer de visitas de estudo, quer através da participação destes nas vivências da escola, as crianças conseguem perceber e experienciar melhor o mundo real.

Em relação ao estágio no 1º CEB, foram desenvolvidas atividades de acordo com os conteúdos, que no momento, se encontravam já a ser desenvolvidos pela professora titular. Eu e a minha colega de estágio, ao longo das nossas intervenções, tentamos dar algum enfoque à aprendizagem colaborativa, através do trabalho a pares e em grupo, de modo a desenvolver nos alunos o sentido de partilha de informação e de interajuda. Nas nossas observações iniciais, detetamos algumas lacunas nesta área, daí termos nos preocupado um pouco com esta questão. Igualmente, apercebemo-nos que esta turma demonstrava alguns problemas de comportamento, nomeadamente, conversas paralelas, não respeitar a vez dos outros colegas, assim optamos por introduzir a caderneta do comportamento como forma de incentivá-los a melhorar o seu desempenho durante as aulas. Os alunos mostraram-se muito interessados, e muitos melhoraram o seu comportamento.

Deste estágio destaco, pela negativa a falta de *feedback* e apoio por parte da professora cooperante, uma vez que esta encontrava-se em licença de maternidade, o seu horário havia sido reduzido, impossibilitando desta forma que no final de cada dia de trabalho nos desse a sua opinião sobre as atividades desenvolvidas. O facto da nossa prática decorrer no turno da tarde, não facilitou acordar outro horário para discutir estas questões, uma vez que o horário curricular terminava às 18h 30m. No entanto, encaro esta contrariedade como mais um momento de aprendizagem para o futuro, uma vez que sabemos que em ambientes de trabalho existirão momentos que nem sempre corre tudo como planeado. Não deixo no entanto de destacar que é primordial que em ambientes destes, educativos, em que o professor é uma figura de destaque, é fundamental manter um clima de tolerância e bem-estar, pois isso irá refletir-se nos alunos.

No geral, destaco pela negativa o tempo de estágio. Um mês é relativamente pouco tempo para que nos possamos adaptar completamente numa instituição, de modo a poder desenvolver as nossas práticas adequadamente.

Pela positiva destaco, o apoio e acompanhamento dos nossos orientadores, quer de EPE quer do 1ª CEB, as reuniões de núcleo de estágio, através das quais nos guiavam no melhor caminho a seguir.

Este trabalho é o culminar de todo um processo de intervenção educativa e permanente reflexão, o qual contribui para o meu crescimento pessoal, social e profissional.

Bibliografia

Alarcão, I., (1995), *Supervisão de Professores e Inovação Educacional*, Aveiro:

Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional

Alarcão, I (coord), (s.d.). *A Formação de Professores no Portugal de Hoje*. Documento de

Trabalho do CRUP — Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas

Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de*

Supervisão. Porto Editora

Bertram, T. & Pascal, C. (2009). *Manual DQP –Desenvolvendo a Qualidade em*

Parceria. Lisboa: Ministério da Educação

Bodgan, R & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto:

Porto Editora

Cardoso, T., Alarcão, I., Celorico, J. (2010). *Revisão da Literatura e*

Sistematização do Conhecimento. Porto: Porto Editora

Centro de Reabilitação Pedagógica da Sagrada Família, disponível em

<http://www.irmashospitaleiras.pt/crpsf/apresentacao>

Decreto de Lei nº 4/97 de 10 de Fevereiro

Decreto de Lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro

Decreto de Lei nº 147/97 de 11 de Junho

Dahlberg, G., Moss, P & Pence, A. (2003). *Qualidade na Educação da Primeira*

Infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed

Delours, J et al (1996), *Educação um Tesouro a Descobrir*. Relatório da Unesco.

disponível em <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>

Dewey, J. (1989). *Cómo pensamos: Nueva exposicion de la relación entre*

pensamiento reflexivo y processo educativo. Ediciones Paidós

Dias, C. & Morais, J. (2004). *Interação em sala de aula: Observação e Análise*. Revista

Referência nº11

Dubar, Claude (1997). *A Socialização. Construção das identidades sociais e*

profissionais. Porto: Porto Editora.

Epstein, J & Salinas, K (2004). *Partnering with Families and Communities*. in

Education Leadership. pp 12-18

Estrela, A. (1986), *Teoria e Prática de Observação de Classes, Uma estratégia de*

Formação de Professores, 2ª Edição, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação

Científica

Ferreira, F. I, (1994), *Formação Contínua e Unidade do Ensino Básico, O Papel dos*

Professores, das Escolas e dos Centros de Formação, Porto: Porto Editora

Formosinho, J. (1996), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*, Porto:

Colecção Infância, Porto Editora

Formosinho, J & Machado, J (2008) *Currículo e Organização: as equipas educativas*

como modelo de organização pedagógica. Disponível em

http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/formosinho_machado.pdf

Formosinho, J. (Org.) . *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*.

Porto:Porto Editora

Formosinho, J. (Org.). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*.

Porto: Porto Editora

Graue, M. & Walsh, D. (2003). *Investigação Etnográfica com crianças: teorias,*

métodos e ética. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian

Hertz-Lazarowitz, R. & Miller, N. (1992). *Interaction in cooperative groups: The*

Theoretical Anatomy of Group Learning. Cambridge University Press

Junta de Freguesia de Machico disponível em

<http://www.jf-saomartinho.pt/a2/index.php>

Lopes, Amélia (2001). *Libertar o Desejo Resgatar a Inovação. A construção de identidades profissionais docentes*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Máximo-Esteves, L (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora

Marques, R. (1998). *A arte de ensinar: Dos Clássicos aos Modelos Pedagógicos Contemporâneos*. Lisboa. Plátano Edições

Ministério da Educação, (2011). Circular nº 4/DGIDC/DSDC/2011: Avaliação na Educação Pré-Escolar

Ministério da Educação (s.d.). *Trabalho por Projetos na Educação de Infância*. LouresGráfica

Ministério da Educação, (2002). *Organização de Componente Apoio à Família*. Editorial do Ministério da Educação

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré Escolar*. Editorial do Ministério da Educação

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º CEB*. 4ª Edição. Departamento de Educação Básica

Morgado, J. (1999). *A Relação Pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença

Neves, M. & Martins, M. (2000). *Descobrendo a Linguagem Escrita – uma experiência de aprendizagem da leitura e da escrita numa escola de intervenção prioritária*. Lisboa: Escolar Editora

Nóvoa, A. (org) (2007), *Vida de Professores*, Porto, Coleção Ciências da Educação, 2ª Edição, Porto Editora

Nóvoa, A. (co.), (1992), *Os Professores e a sua formação*, Lisboa: Publicações Dom Quixote

Perrenoud, P. (2000). *Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artmed

Projeto Educativo da Escola EB1/PE da Ajuda (2009-2013). *Educação para os Valores* disponível em www01.madeira-edu.pt/estabensino/ajuda

Sanches, I. (200). *Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-ação à educação inclusiva*. in Revista Lusófona de Educação. Pp. 127-142

Sousa, A. (1997), *Programação e Avaliação Desenvolvimental, na Pré-Escolaridade e no 1º Ciclo do Ensino Básico*, s.l., Coleção Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget

Teixeira, M., (1995), *O Professor e a Escola: Perspectivas Organizacionais*, Amadora: McGraw-Hill de Portugal, Lda;

Tomilson, C. (2008). *Diferenciação Pedagógica e Diversidade: Ensino de Alunos em Turmas com Diferentes Níveis de Capacidade*. Porto: Porto Editora

Sousa, M & Sampaio, M (2000). *A Parceria entre a Escola, A Família e a Comunidade: Património Cultural Local como Forma de Envolvimento dos Pais*. Ministério da Educação, DAPP

Vicente, M. (2004). *Razão e Diálogo*. Porto Editora

Zabalza, M. (2001). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Lisboa, 6ª Edição, ASA Editores

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas

Zabalza, M. (1994). *Diários de Aula*. Porto: Porto Editora

Zanini, R. (2006). *A identidade Profissional do Professor de Matemática frente ao*

trabalho fundamental em Ciclos. Dissertação de Mestrado. Universidade de São

Paulo, disponível em

http://www.pucsp.br/pos/edmat/ma/dissertacao/renato_zanini.pdf